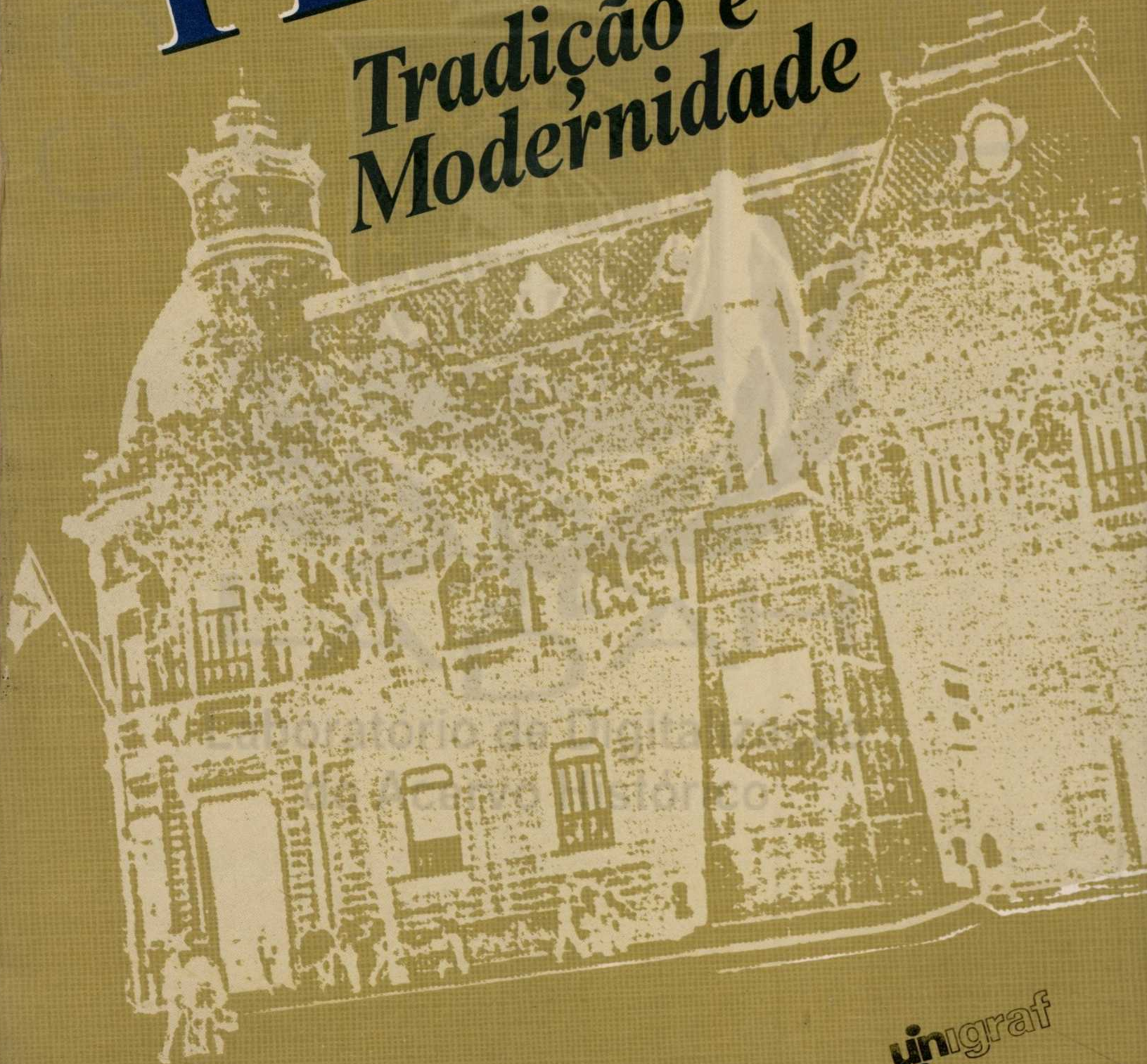


unigraf COLÉGIO PEDRO II - Tradição e Modernidade FERNANDO SEGISMUNDO

FERNANDO SEGISMUNDO

# COLÉGIO PEDRO II

*Tradição e  
Modernidade*



unigraf

*Aos depoimentos já divulgados sobre o Colégio Pedro II, cujas origens remontam à primeira metade do século XVIII, vem juntar-se o presente, de autoria de um bacharel da Casa e seu professor durante cerca de 40 anos. Não se trata de uma história completa do educandário, mas de fatos ocorridos e vividos pelo Autor ao longo das últimas décadas, misto de pedagogia e memorialística, refletidoras ambas dos processos didáticos, da evolução do ensino e da capacidade profissional do magistério petrosecundense. Criado para atender a órfãos desvalidos, aos quais se ensinavam ofícios (educação profissional), prossegue o Colégio, decorridos quase dois séculos e meio de existência, a instruir os segmentos médio e proletário da sociedade, com resultados sempre consideráveis. Este livro cuida tanto do instituto padrão de ensino de humanidades, tradicional por esse aspecto, quanto da Casa que se aparelha para ingressar na era da Informática, à aproximação do terceiro milênio e quando se comemora o sesquicentenário do imperial Colégio Pedro II. Coexistem nele o humanismo e o profissionalismo, o Latim e o Computador, o ensino das primeiras letras e os cursos de preparação à Universidade.*

Ao caro amigo e conforde  
 Rocha Lima, que tanto vem  
 elevando o nome da nossa  
 Casa por sua inteligência,  
 cultura e atuação, —  
 homenagem do

Fernando Segismundo

Rio, 11/87

FERNANDO SEGISMUNDO

**COLÉGIO  
PEDRO II**

*Tradição e  
Modernidade*

unigraf



# LADAH

## Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

||

*Fernando Segismundo*

*Aluno Eminente do Colégio Pedro II*



# COLEGIO PEDRO II

*Tradição e  
Modernidade*

Laboratório de Digitalização

do Acervo Histórico

unigraf

Planejamento, produção e edição **unigraf**  
Rua Marechal Aguiar, 72  
São Cristóvão  
20920 – Rio de Janeiro, RJ  
Fone: (021) 284-0303

© 1987, by Fernando Segismundo

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Segismundo, Fernando  
S457c Colégio Pedro II; tradição e modernidade / Fernando  
Segismundo. — Rio de Janeiro: Unigraf - Ed. e Planeja-  
mento. 1987.

1. Colégio Pedro II — História. I. Título.

87-0915

CDD - 371.621  
CDU - 37.057

# COLÉGIO PEDRO II



LADAAH  
Laboratório de Digitalização

do Acervo Histórico  
***O que lembro, tenho.***

— João Guimarães Rosa



## **SUMÁRIO**

- 1 Justificação
- 6 Tradição e Progresso
- 9 Escola e Comunidade
- 15 O Ensino da Química e a Era Tecnológica
- 21 Símbolo e Mudança
- 29 Humanismo e Tecnicismo
- 38 Departamento de História
- 44 Imprensa Estudantil
- 48 Trabalho e Fraternidade
- 54 Do Amor para a Vida Tolerável
- 60 Idioma, Estudo e Cultura
- 65 O Colégio e a Educação Nacional
- 72 Lembrança do Professor Oiticica
- 78 Oiticica: Messias e Educador
- 85 Gabaglia – Altíssimo Espírito
- 106 Macedo, Professor e Cronista
- 116 Corinto, Mestre do Manualismo
- 121 Volchan, Paradigma de Servidor
- 124 Delgado, o Inovador
- 131 Educadores vêm o Halley
- 136 No Centenário de Antenor Nascentes
- 142 Índice Remissivo
- 158 Títulos e Atividades do Autor
- 159 Obras do Autor



## *Justificação*

Junto aqui alguns trabalhos por mim compostos sobre o Colégio Pedro II. De 1967 é um dos mais antigos; aborda assunto essencial da Educação: as relações da escola com a sociedade. Outro refere-se aos formandos da Faculdade de Humanidades Pedro II, egressa do Colégio, para o qual foi criada, pertencendo hoje a uma associação particular. Os mais recentes são da década em curso; versam temas pedagógicos e pequenas biografias de mestres da Casa. Muitas outras iniciativas no gênero tenho efetivado na prática de quarenta anos do magistério e do jornalismo. Não as reproduzo aqui por serem de domínio público.

Na obra de minha autoria – *Do Jardim à Universidade* (Editora Fundo de Cultura, 1967) – ocupei-me do Colégio com filial interesse. As considerações então expendidas ditaram-nas a honrosa condição que me assiste de Bacharel em Ciências e Letras do educandário e os conhecimentos aperfeiçoados no cargo de Técnico de Educação do Ministério da Educação e Cultura, que exerci durante 21 anos.

Há mais de meio século pertenço ao Colégio Pedro II – circunstância de que muito me orgulho. Fui seu aluno e nele exerci o magistério perto de quatro décadas. Algumas das mais altas expressões da inteligência nacional lidaram ali, transmitindo ao País, fora sua sabedoria, convenientes exemplos de amor ao estudo, desprendimento e civismo. A muitos desses mestres devo a minha formação intelectual e moral – a eles e a outros servidores da Casa. Para mim o Colégio tem sido uma obsessão, se assim me posso exprimir. Eu não consigo ver-me e compreender-me sem as raízes que a ele me prendem.

Findo o curso de Humanidades fui admitido, mediante provas, no Quadro de Professores, tendo atuado na área das Ciências Sociais. Desempenhei funções de confiança por delegação de quase todas as Diretorias, valendo salientar as relativas à orientação moral e cívica do corpo discente e às excursões educativas levadas a termo, com outros, a diversas partes do nosso território.

Dos cargos eletivos com que me distinguiram os colegas menciono, sempre reconhecido, os de membro do Conselho de Curadores e do Conselho Departamental. Secretariei a Associação dos Antigos Alunos do Colégio, instituída por inspiração do Professor Vandick L. da Nóbrega e presidida pelo Almirante Augusto Rademaker. Na administração do Ministro Álvaro Dias fui seu Vice-Presidente. Por escolha do Professor Tito Urbano da Silveira, Diretor-Geral do estabelecimento, cumpri, nos últimos anos, as funções de Chefe do Departamento de História. Minha primeira tese de concurso, intitulada *Trabalhos Manuais no Currículo Secundário*, acha-se divulgada no **Anuário** do Colégio para 1939, graças ao generoso ato do saudoso Professor Fernando Antônio Raja Gabaglia.

Sobram-me razões para me considerar uma parcela da Casa, e os que também lhe freqüentaram os bancos escolares não de entender suficientemente tanto apego e ufanía. Escrevi certa vez que os bacharéis do Colégio não nos sentimos estranhos, desligados de sua operosidade; nós somos o Colégio, nele continuamos a existir e ele existe porque nós o fazemos avultar.

Eduquei-me quando o nobre Instituto era havido como padrão do ensino secundário. Pelos programas, livros e exemplos seus orientava-se a instrução nacional, pública e particular. De direito e de fato, éramos o modelo.

Faz algum tempo, ateve-se o Colégio ao ensino profissionalizante, postas de lado, em parte, as humanidades clássicas responsáveis pelo seu renome. A Casa já não era a mesma, abatera a a crise manifesta em todos os graus da Educação brasileira. Porém, quantas transformações em dois séculos e meio de existência não a remodelaram? Do nome aos currículos; dos objetivos aos processos. E o Colégio prossegue em seu destino maior, que é o de atender aos reclamos da população por um ensino acessível, democrático e deveras proveitoso. Haja vista os êxitos colhidos na administração do Professor Tito Urbano da Silveira, restaurador do curso primário, marco da longa e benemerente trajetória do estabelecimento.

Criado, há 248 anos, no Rio de Janeiro, a fim de atender aos desprotegidos da sorte – órfãos e filhos de modestos funcionários públicos –, tem o Colégio cumprido, honrosamente, essa e outras finalidades, das quais, a par da Educação intelectual, ressalta o apresto do caráter dos educandos.

Padrão do ensino de humanidades, coube-lhe traçar as normas a que a Educação nacional obedeceu, por mais de um século, no Império e na República. Em virtude do desvelo com que agiram seus responsáveis e da constante atualização pedagógica verificada ali, manteve-se o educandário, ao longo de seu caminho, na vanguarda da Educação pátria.

Justo é o renome de que desfruta, máxime por não se deter no gozo de pretéritas glórias, mas, ao contrário, por buscar sempre evoluir com os sucessivos estágios do progresso vencidos pela Nação. O instituto sintoniza com o desenvolvimento material e espiritual do País. Dele é ativo agente pela soma de elementos qualificados que de contínuo lhe oferece.

Não haverá excesso na singularização da venerável Casa, celeiro de centenas de figuras que têm brilhado no desempenho

dos mais diversos misteres, pelo Brasil fora e no estrangeiro. Sem estudar o Colégio Pedro II – escreveu o historiador Escrag-nolle Doria – não se compreende a instrução pública nacional; o simples nome do educandário – afirmou Getúlio Vargas em 1937 – evoca todo o quadro da evolução política e cultural do Brasil.

Quatro presidentes da República, numerosos ministros de Estado, administradores governamentais e particulares, escritores, políticos, industriais, médicos, professores, advogados, engenheiros, diplomatas, acadêmicos, vultos ilustres de ambos os sexos, receberam no Colégio Pedro II suas primeiras luzes e nele aprimoraram o coração e o caráter.

No seu magistério distinguiram-se Justiniano José da Rocha, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manoel de Araújo Porto Alegre, Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo, Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, João Batista Calógeras, o Barão do Rio Branco, o Barão de Tautphoeus, Filadelfo de Barros Azevedo, M. Said Ali, João Ribeiro, José Veríssimo, Sílvio Romero, Paulo de Frontin, Coelho Neto, Farias Brito, Silva Ramos...

Foi no Colégio Pedro II que se estabeleceu e funcionou a antiga Escola Normal, hoje Instituto de Educação, entidade formadora dos professores de ensino elementar. Agasalhador da Academia Brasileira de Letras e de vetusta academia de ciências jurídicas foi ele também; e em suas dependências se desenvolveram outras instituições, a exemplo da Academia Brasileira de Filologia. Dada a escassez dos cursos de nível superior até meio século atrás, e por força da riqueza de seus currículos, coube à Casa exercer de fato o papel de Universidade, o que sucedeu com proveito dos discentes e da cultura nacional.

A instrução militar dos alunos fez-se outrora no próprio Colégio. Distinta foi a participação de muitos educandos na Guerra do Paraguai e nos dois conflitos mundiais. À instrução moral e cívica, à instrução artística e às manualidades pedagógicas, todas ultimamente tão celebradas, distinguiu sempre o instituto com esmero. Até de uma Faculdade de Letras já cuidou em 1923, quando a

formação dos professores de ensino secundário carecia de estabelecimentos adequados.

Não vingando a Faculdade, foi instituído, com vistas ao preparo do magistério interno, o Curso de Aperfeiçoamento de Técnicas e Altos Estudos, de que há certificados expedidos e bibliografia. Faz anos, a autarquia em que se transformou o Colégio manteve uma Faculdade de Humanidades, de cujos propósitos sobrelevava a formação do seu professorado.

Tal é a corporação que se aparelhou para integrar-se no espírito do ensino reformulado ultimamente. Cômscio do peso de suas tradições, que, se lhe garantem o respeito geral, mais lhe acrescentem as responsabilidades, moderniza-se o Colégio para prosseguir na iluminação de cérebros e no robustecimento de caracteres, a serviço do Brasil.

(1987)



LADAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Tradição e Progresso*

Desejando assinalar a passagem do 128º aniversário da fundação do Colégio Pedro II, os Professores Vandick Londres da Nóbrega, Presidente do Corpo Congregado e Diretor do Internato, e Carlos Potsch, Diretor do Externato, fizeram editar significativa obra intitulada *O Colégio Pedro II e sua Tradição*, contendo informações sobre a história do instituto e a reprodução fac-similada de papéis devidos a personalidades notáveis da cultura, da política e da administração quando alunos ou professores da Casa.

A publicação abre com trechos do discurso com que o Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos inaugurou o ano letivo do estabelecimento, em 25 de março de 1838. Seguem-se as exposições dos dois atuais Diretores, sendo que a do Professor Vandick rememora o longo passado da Casa e antevê seu futuro, após as providências ora requeridas ao Governo, com o escopo de transformar o educandário numa fundação, acrescentando-lhe os encargos.

Os documentos enfeixados nesse livro vêm à luz pela primeira vez, podendo o público apreciar a letra, o estilo e as pretensões

de alguns dos vultos mais afamados da política, das letras e das ciências quando adolescentes ou ao pleitearem seu ingresso no magistério petrosecundense. Entre outros, são eles Washington Luís, Sampaio Correia, Nilo Peçanha, Rivadávia Correia, Raul Pompéia, Afonso Arinos de Melo Franco, João Luís Alves, Bento Barata Ribeiro, Francisco Braga, Mário Barreto, Farias de Brito, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Coelho Neto e Rodrigues Alves.

Tem efetivamente o Colégio Pedro II prestado os maiores serviços à Pátria, desde 1739, quando, a 8 de junho, foi de início instituído para meninos órfãos, sob o nome de Colégio de São Pedro, graças à provisão do Bispo Frei D. Antônio de Guadalupe. Passando mais tarde a Colégio São Joaquim, veio a converter-se em estabelecimento de instrução secundária, no ano de 1837, por obra do estadista mineiro Vasconcelos, na regência de Araújo Lima. De tal sorte foi planejado e de tal modo se houveram seus primeiros mestres que supriu satisfatoriamente a lacuna das faculdades de Filosofia.

Doente – era tábido, usando muletas –, Bernardo Pereira de Vasconcelos, não obstante, acompanhou pessoalmente as obras de adaptação do seminário de São Joaquim para que o novel colégio pudesse funcionar conforme as provisões. Ele próprio, trôpego, saiu algumas vezes a procurar fundos com os amigos, pois ao instituto não bastavam os donativos oficiais. Muitíssimo, tudo praticamente deve o Colégio Pedro II à energia e à decisão de Vasconcelos – magistrado, deputado, senador, tribuno, financista, ministro e conselheiro do Império, inteligência superior e, ao mesmo tempo, um dos homens públicos mais odiados em sua época.

Tudo foi Vasconcelos em sua curta existência (1795-1850). Paradoxalmente, só não exerceu a função de seu ideal da juventude, que acalentou desde os bancos de Coimbra e, depois, em Minas Gerais e na Corte. Não conseguiu praticar o magistério, ele, educador nato, fundador do Colégio que honra e dignifica o Brasil. Primeiro, negaram-lhe a cadeira de Lógica, na Cidade de Ouro Preto, que ele almejou em 1824; depois (1827), não o atendeu

o Imperador, ao solicitar a regência de qualquer disciplina do curso jurídico em São Paulo, sujeitando-se a exames.

Louvores merecem os Senhores Vandick da Nóbrega e Carlos Potsch com o proporcionarem ao público uma visão retrospectiva da grandeza do Colégio Pedro II. É assim que se beneficia a Casa e serve ao Ensino, à Cultura e à Nação. Tem o educandário o respeito e a assistência de todos quantos nele se aprestaram para o trabalho, haurindo os conhecimentos de seus professores e robustecendo o caráter nos exemplos cotidianos de todo seu funcionalismo. Não é com promoções pessoais nem com demagogia que se favorece à Casa.

Dúvida não há sobre os feitos antigos do Colégio. Pelo tempo fora, serviu à coletividade, dispostos seus responsáveis maiores a encaminhá-lo para novos sucessos. Pensam bem. Ultimamente, o tradicionalismo pesava demais, confundia-se com a estagnação, o retrocesso, a decadência. A politicagem minara o respeitável educandário. É preciso prosseguir na obra saneadora, progressista, rumo à inevitável reforma, adequada ao aperfeiçoamento da Pedagogia. O Curso de Altos Estudos e outras medidas poderão levar o Colégio a redobrados fastígios. Tradição, sim, no que tenha de seguro e eterno; avanço e desenvolvimento para a desejada transformação.

(1965)

## *Escola e Comunidade*

Em nosso País só timidamente ocorre o enlaçamento da escola com a comunidade. Os pais entregam a sorte dos filhos às instituições educativas, delas apenas se aproximando ao ensejo das matrículas e desembolso de taxas. Excetuados os educandários do primeiro grau, onde o desejável associonismo prospera, não logram, em geral, os órgãos de nível médio e superior firmar laços proveitosos com os chefes de família. A comunidade alheia-se da escola, embora seja esta sua fundação magna, e a escola não chega à família. Pais e professores ignoram-se durante a vida escolar inteira. Quantos ginásios e faculdades recebem os estímulos dos responsáveis pelo disciplinado? Que sugestões alvitram eles? Promovem campanhas financeiras? Participam de atos cívicos? Defendem, como coisa sua, as corporações que à prole forjam o caráter?

Falta à sociedade nacional atentar para os valores da Educação; daí não podemos aludir a divócio, pois sequer houve ligação. Noutros lugares o contato é de tal diuturnidade que a elaboração

dos regimentos e a escolha dos administradores independe da chancela governamental. Constitui inata atribuição comunitária. Convir-se-á que a ausência do interesse social pela atividade educativa responde por considerável soma das imperfeições endêmicas do ensino brasileiro. Sem a participação assídua do meio familiar, dá a escola de si mesquinha messe. Colheitas fartas reservam-se ao desvelo geral.

À míngua do cuidado e vigilância da sociedade a maioria dos educandários são *depósitos de alunos*. Afadigam-se os mestres, afligem-se os discípulos, empenham-se os diretores, trabalha o funcionalismo. Todavia, a grande coletividade, os pólos da chamada constelação familiar, mantêm-se estranhos à faina de iluminar o espírito e enrijecer a têmpera das gerações.

Também assim tem sido no Colégio Pedro II, por vezo secular cujo resgate convém promover sem demora. Paradigma intelectual, por tanto tempo, dos institutos congêneres, ao Colégio caberá – assim o cremos e desejamos – aluir os obstáculos reinantes entre a sociedade e a escola. Aqui e lá fora devem florescer os círculos de pais e mestres e as associações de ex-alunos, como atividades correlatas do processo educativo.

Atuam as associações à maneira de propagandistas e defensoras, em todos os setores da vida pública, dos organismos que representam. A conservação e o acréscimo do respeito pelas entidades educativas, nos círculos sociais, são tarefas ingêntas dos ex-alunos. Toca-lhes apresentar idéias para o aperfeiçoamento sucessivo da ação educativa e participar dos movimentos suscitados pela escola, possibilitando-lhes a melhor acolhida social. Por seu lado, o educandário há de ser a casa que em qualquer época de sua vida os acolherá, não com a pompa dispensada aos filhos pródigos, porém com a sem-cerimônia dos lares sempre abertos à parentagem.

Velho feitio do substrato nativo sói atribuir ao poder público a exclusiva conjuração dos óbices que a todos atingem. Dos agentes diretos do Estado espera-se o planejamento e a realização de quaisquer projetos difíceis ou singelos. Não fomos preparados para a inventiva solta. Escassa é a imaginação criadora e a indepen-

dência de atitudes. De outrem aguardamos as soluções que somente a nós cumpre alcançar. Isolamo-nos, fechamo-nos, estranhamo-nos. Donde uns poucos lutarem por muitos; donde os lares se arredarem da instrução.

Global por natureza, requer o sistema educativo a firme enlaçada da comunidade com o Estado. Diretores, mestres e alunos produzem aquém do necessário, desprovidos da assistência dos organismos comunitários. Onde existem, as confrarias dos ex-alunos complementam a função administrativa das congregações diretamente responsáveis. Relevante em alguns países é o posto de *conselheiro-escolar* desempenhado por antigos alunos devotados ao colégio. Talvez ninguém melhor do que essas pessoas para, em caráter supletivo, subsidiarem a direção escolar, pois já respondem por famílias próprias e à progênie que-rem obviar percalços. Repetidas vezes, carece a administração, menos de uma filosofia pedagógica, do que do bom senso e do empenho do indivíduo comum. Compreende-se que a organização de um instituto de ensino não tem valor absoluto *per se*; muito pode a filantropia de quantos se devotam à juventude.

Sabido que os problemas econômicos e políticos sobrelevam a estrutura educativa – quem mais apto que o chefe de família para precisar a essência pedagógica, ele que, na labuta diária, está sujeito a todas pressões ideológicas e a todas dificuldades financeiras? A barreira que desune jovens e preceptores, confundindo uns e a outros escandalizando – quem, se não os pais dentro da escola, ajudará a transpor?

*A mocidade de hoje é muito melhor do que a mocidade do meu tempo* – apregoou, faz pouco, ilustre bacharel do Colégio Pedro II, o Sr. Alceu Amoroso Lima. Quantos, sinceramente, comungam do magnânimo parecer? De qualquer forma, cumpre-nos pugnar para que assim seja – assistindo a juventude, modelando-a com a nossa presença real, recolhendo-lhe as dúvidas, encorajando-lhe os passos, obstruindo-lhe as iniciativas menos pensadas. Tamanhos trabalhos excedem as possibilidades burocráticas, exi-

gem esforços conjugados e de salvação pública. Estaremos a lavar o futuro.

Não somente aos estudantes deverá alcançar o desinteressado apoio coletivo. Necessita o Colégio de recursos materiais fartos para crescer como autarquia. Há que construir novos edifícios, renovar as bibliotecas, adquirir laboratórios, generalizar o emprego dos instrumentos audiovisuais, desenvolver as práticas extra-curriculares, comprar veículos para visitas e excursões. E, sobretudo, atender à pobreza, assegurando a gratuidade do ensino decretada no governo de Getúlio Vargas. Nisto pode colaborar decisivamente a Associação dos ex-Alunos, se aceita e benquista sua entrosagem com a Casa. Às verbas do orçamento federal virão juntar-se os dinheiros angariados pelos antigos alunos junto ao mecenato privado. Foi pedindo de porta em porta que outrora pôde o Colégio agasalhar seus órfãos; voltaremos à rua como esmoleres até que o poder público pague com suficiência aos desprendidos professores e funcionários, cujos direitos contínuas evasivas delongam há anos.

Havido o Colégio Pedro II, pelo Estado, como centro experimental do ensino médio, precisa o Governo traduzir na prática a alta distinção teórica. Necessitamos de espaço e de fundos, sem o que acabaremos perdendo a categoria modelar. A *potência brutal do número*, a que aludia José Veríssimo, Diretor da Casa, soterrará a qualidade ambicionada. O Colégio hipertrofiou-se e as melhores soluções ainda não se mostraram claras. Doutra parte – como ser insensível à excedência de milhares de candidatos que anualmente nos batem à porta? E como progredir se a manutenção do já existente é tão onerosa?

A expansão do instituto, sem prejuízo de suas tradições culturais, propõe-se desafiadora ao sentimento dos ex-alunos. Por certo, não nos acomodaremos. Nada temeríamos se fôssemos um estabelecimento de mercância. Porém, somos pobres e mais o seremos se não juntarmos nosso idealismo e nossas forças às dotações oficiais. Investir em Educação é método a que se habituaram os países vanguardeiros. Deixando de segui-los, de pouco valerá

sonharmos com a ciência, a tecnologia, o fastígio econômico. Prosseguiremos no subdesenvolvimento, e o Colégio estacionará.


Há muito a Sociologia e a Psicologia indicaram os exatos procedimentos educacionais. Conhecemos as questões da adolescência. São-nos vulgares o comportamento humano, a personalidade juvenil, a fase do conflito, a problemática do sexo. A escola é ativa, funcional, viva. O aluno é o fator decisivo, e não o mestre – como prescrevia a Didática de antanho. Nada disto nos escapa. Sabemos que a Educação tem muito que ver com o progresso e a industrialização do País.

Entre as concepções da disciplina dura e do *laissez faire*, optamos pelo treino da liberdade. Não mais a cega obediência, antes o dinamismo grupal. Evoluir, mudar, reajustar – são palavras de ouro da Pedagogia realista. À escola devemos compreender como agência social, centro de comunidade. Raciocínio em vez de memória; formação democrática em lugar de tirania. Estímulo à comunicação, trabalho em equipe, livre deliberação dos grupos – é o que nos impõe a moderna Didática. Foi a uma tal educação que William H. Kilpatrick atribuiu a estratégia e o poder criador de civilizações mais desenvolvidas. Tudo isto – repita-se – não ignoramos. Só não dispomos dos meios materiais para alcançá-lo plenamente.

Compromisso assinalável do dia de hoje seria esse, de a Associação dos ex-Alunos pelejar por um programa financeiro e outras vantagens capazes de erguer o Colégio a novos horizontes. Ao criar nossa Casa o Governo Imperial agiu *sem nenhum cálculo de interesse pecuniário*, fitando somente *a mais perfeita educação da mocidade*. São palavras do benemérito Vasconcelos. Nós, antigos alunos e tronco do educandário, porfiaremos para que ele assim continue, coadjuvando seus dirigentes na busca dos recursos materiais e na indicação dos rumos didático preferíveis. Seja este um ajuste de honra dos que tanto devemos à veneranda Casa. Fortaleçamos nossa entidade para auxiliar as naturais vindicações do estabelecimento. Não mais nos afastemos, não mais subtraíamos das vistas e dos corações o augusto Colégio. Meditemos

o juízo do Padre Vieira: *Fez a ausência seu ofício como a morte: apartou, e depois de apartar esfriou.* Nós não somos filhos do Colégio Pedro II: Nós somos o Colégio!

(1967)



**Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico**

## *O Ensino da Química e a Era Tecnológica*

A cadeira de Química teve sempre a servi-la grandes mestres no Colégio Pedro II. Não fomos da época de Nerval de Gouveia; porém, quando ingressamos no Colégio, muito ouvimos falar dele. Os conhecimentos iniciais recebemo-los de Oliveira de Menezes, virtuoso da Química filosófica, e de Arlindo Fróis, que paternalmente nos introduziu nos segredos do laboratório. Preceptores de nossa geração, cheios de mocidade, saber e eficiência, foram Luís Pinheiro Guimarães e Gildásio Amado.

De Pinheiro Guimarães e Arlindo Fróis guardamos aprazível lembrança, pelos ensinamentos que nos transmitiram e pela diligência que puseram em seu labor. Pinheiro Guimarães discorria sobre Demócrito e Bacon, Lavoisier e Dalton, Svante Arrhenius e os Curie. Devoto da ciência experimental, proclamava que à Química, muito mais que à Filosofia, cabe a interpretação do universo, da natureza e do homem. Encantava-nos ao comentar a estética das fórmulas químicas – mel com que nos atraía para as dificuldades dos símbolos e do cálculo. Ainda nos recordamos das figuras

que, muito elegante de maneiras, ia traçando no quadro negro: a disposição dos átomos em plano, os distintos tipos de simetria, os gráficos das curvas de pressão, os sistemas tetragonal, monoclinico, triclinico...

Arlindo Fróis não o podemos dissociar de seus petrechos. Evocamo-lo sempre de avental branco, em meio a balanças, tubos, retortas, filtros, balões e uma tábua de logaritmos. Gostava de surpreender nossa imperícia e perplexidade explicando, v.g., que a caseira água oxigenada também atendia pelo nome de peróxido de hidrogênio (fórmula molecular  $H_2O_2$ ), ou que a vulgar aspirina era efetivamente o ácido acetil-salicílico. Impossível é recordar Fróis sem que o vejamos junto a fornos, osmômetros e voltâmetros, cheirando a éter e acetona, lecionando os ácidos, as bases e os sais...

É a Química ciência que subjuga o mundo pelas suas infinitas aplicações. As propriedades das substâncias e as leis que regem suas combinações e decomposições são por ela estudadas. De ciência hermética na Meia Idade – a Química sublime, a fascinante alquimia –, atingiu a Química, neste século, foros de tal importância que ocioso seria demonstrá-lo. Bastará referir alguns dos campos de sua atuação. Há a química agrícola e florestal, a analítica, a biológica ou a química fisiológica, a bromatológica, a farmacêutica, a orgânica, a geral, a industrial, a inorgânica, a médica, a mineral, a geoquímica, a química militar, a nuclear... Ao professor cabe investigar, estudar e ensaiar, fazer experiências e análises, e levar seus alunos a cumprir iguais tarefas.

Desagradável, embora compreensível, é verificar que ao Brasil falta o número de químicos necessários ao nosso progresso. Cabe a culpa à situação de Colônia em que estivemos mergulhados por mais de três centúrias e à inexistência de condições econômicas e culturais apropriadas, ainda hoje. Dois vultos lograram, entretanto, afirmar-se nos primórdios da história nacional. Alexandre Rodrigues Ferreira, famoso explorador naturalista dos sertões nortistas (século XVIII), e José Bonifácio de Andrada e Silva, escritor e político, também intitulado *o patriarca dos químicos brasileiros*

ros. José Bonifácio descobriu na Suécia, por volta de 1800, dois minerais por ele chamados de *petalita* e *espodumênio*. Mais tarde, no laboratório, Arfwedson neles encontrou um novo metal, que recebeu o nome de *lítio*<sup>(1)</sup>. É por isso que José Bonifácio figura na história da descoberta dos elementos químicos.<sup>(2)</sup>

José Alvares Maciel, formado em Coimbra, filho do Capitão-Mor de Vila Rica e cunhado do Tte.-Cel. do Regimento de Dragões das Minas (Francisco de Paula Freire de Andrade), era filiado à maçonaria em França e foi indicado como cabeça do projetado levante de Vila Rica. Diplomado em Filosofia e estudante de Química, condenaram-no a degredo perpétuo em África.

A primeira instituição que cuidou do ensino de Química no Brasil foi a Academia Real Militar, fundada no Rio de Janeiro por iniciativa de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares (carta régia de 4 de dezembro de 1810). Operações químico-industriais foram executadas, pela primeira vez, no Laboratório Químico Prático do Rio de Janeiro, criado em 25 de janeiro de 1812, – cuja história e trabalhos analíticos constam de um manuscrito de propriedade de D. Pedro II, publicado em 1844 com permissão do Imperador.

Ao carmelita Frei Leandro do Sacramento deve-se, no começo do século XIX (Rio de Janeiro), a prática da Física e da Química. Em 1824, fundou-se no Museu Nacional, sob a direção do Dr. João da Silveira Caldeira, um laboratório químico e físico. O progresso do ensino experimental de tais disciplinas deu-se com Frei Custódio Alves Serrão, lente catedrático da Escola Militar e também Diretor do Museu (Cf. E. Roquete Pinto, *Ensaio Brasileiro*).

Não será excessivo, creio, rememorar, nesta ocasião o interesse específico do Imperador D. Pedro II pelas ciências; atraiu ele não só os cientistas à sua Corte, estimulando-os e auxiliando-os em seus trabalhos, mas procurou-os também em seus lugares. Para mencionar somente alguns químicos, ligou-se intimamente a Louis Pasteur, a quem auxiliou materialmente em seus esforços na criação de um instituto de defesa

*contra a raiva, figurando por isso o busto do Imperador ao lado do túmulo do eminente cientista do Instituto Pasteur de Paris; visitou o então quase desconhecido J. H. van't Hoff em Amsterdã; assistiu às famosas conferências públicas do idoso Justus Von Liebig em Munich...<sup>(3)</sup>*

Foi a Química uma das matérias que inauguraram o currículo do Colégio Pedro II, em 1838. Estabeleceu-a decreto expedido por Bernardo Pereira de Vasconcelos, que logo a contemplou com um laboratório. Nesse tempo, o ensino era dado em seis aulas semanais. As classes agasalhavam de 30 a 35 alunos. Atualmente, rudimentos de Química são transmitidos, com noções de outras ciências naturais, no primeiro ciclo do curso secundário. A matéria, propriamente dita, é estudada no segundo grau.

Cresce continuamente a importância desta disciplina. Povos e sociedades, em transformações radicais, reclamam os recursos das ciências matemáticas, físicas e químicas. Vivemos na era atômica, lançados os *sputniks* ao espaço, prestes o homem a invadir outros planetas. *O padrão de vida das massas subiu muitíssimo, devido à química sintética, que está em vias de reformar a imagem de nossa civilização.*<sup>(4)</sup> O mistério que há milênios cerca a origem e a essência da vida pronto se desfará, graças aos esforços conjugados da Química e da Biologia. Responsáveis por mais de 500 doenças infecciosas, estão os virus sendo enfrentados vitoriosamente, em consequência da microscopia eletrônica, reduzida sua natureza a meros cristais de albumina. Já se sintetizam substâncias complexas e biologicamente ativas como as vitaminas, os antibióticos e certos hormônios. E que outra coisa é o protoplasma, à luz da Química, senão um composto de água, proteínas, outras substâncias orgânicas e sais minerais?

No ensino de grau médio cabe à Química papel de relevante importância. Ela é o instrumento que abre as perspectivas do universo ao aluno, situando-o no mundo e dando-lhe consciência da natureza envolvente. Em última análise, a inteligência é função

química. Só é bravo quem possui tireóide e supra-renais perfeitas, e isso é obra da Química. A madeira, o couro, o óleo, o vinagre, o ferro, o bronze, o chumbo, o esmalte que rodeiam os estudantes em seus lares e nas escolas têm na Química explicação adequada. A areia da praia é quartzo; a água, oxigênio e hidrogênio; o sol, um turbilhão de átomos, uma fogueira de carbono. A Química há de ser estudada não para o exame, mas para a vida. Não há necessidade de muitas fórmulas: elas se destinam aos especialistas. Linus Pauling, Prêmio Nobel de Química e da Paz, afirmou que até a mulher, para ser boa dona de casa, deve conhecer Química.

Na era atômica e da automação imprescindível é reformar o ensino dessa e de outras disciplinas. Ideal fora que estabelecimentos como o Colégio Pedro II funcionassem em regime de semi-internato, com alunos bem alimentados, só e só entregues à aprendizagem. O professor, com a autoridade de uma formação rigorosa e bem remunerado – o que não ocorre –, empregar-se-ia a fundo no meio escolar, auxiliado pelo assistente, figura outrora tão prestante e hoje estranha ao cenário educativo. Salas-ambiente – tantas quantas as turmas – e bibliotecas especializadas para mestres e alunos completariam o quadro, sem falar nas atividades de campo e nas visitas a fábricas, arsenais de guerra, tipografias. É o que a revolução industrial brasileira está a exigir para dilatar-se plenamente. A orientação vocacional despertará no último grau do ensino médio. Menos fórmulas, pois, menos matemática, mais laboratórios acessíveis ao aluno e mais salas-ambiente, de trabalho individual, responsável, dirigido para finalidades úteis, no terreno pessoal e coletivo, de acordo com a hora presente, de profundas e irreversíveis metamorfoses.

(1) Metal leve, dúctil e mole, não se encontra em estado nativo. Petalita é variedade de feldspato; espodumênio é silicato de alumínio e lítio, com 4 a 7% deste. Faz parte dos feldspatóides ou dos piroxênios.

(2) Heinrich Bheinboldt. "A Química no Brasil". *As Ciências no Brasil*. Tomo II.

(3) Idem.

(4) Fritz Kahn. *O Livro da Natureza*.

(1963)



## *Símbolo e Mudança*

Dentre as falhas mais salientes do nosso ensino, aponta-se a ausência da orientação educacional, quase sempre um simulacro, mesmo nos estabelecimentos afamados. Tal deficiência subsiste nos ambientes de rotina, a despeito das Leis Orgânicas do Ensino Secundário e Comercial datarem, respectivamente, de 1942 e 1943, e segundo as quais foi implantada, e sobretudo apesar das diversas iniciativas da C.A.D.E.S., traduzidas em simpósios periódicos devidos ao Professor Gildásio Amado. A Lei de Diretrizes e Bases (1961) instituiu-a nas escolas de grau médio e estabeleceu a formação do orientador educacional nas escolas normais. *Método eminentemente integrador das atuações educacionais*, método da aprendizagem mais profunda, é a orientação, com seus princípios e técnicas, a *pedagogia da progressão*. (M. J. Schmidt e M. L. de Souza Pereira, *Orientação Educacional*).

*Desenvolver plenamente a individualidade de cada aluno requer do Orientador visão ampla das tendên-*

*cias da civilização hodierna, conhecimento dos problemas e interesses dos jovens, capacidade de influência e estímulos, ciência no emprego dos meios de obter maturidade e de atualizar aptidões gerais e técnicas, arte para despertar o gosto da cultura e para polarizar os interesses nos valores autênticos (Schmidt e Souza Pereira, Op. cit.).*

Não é isto que se está fazendo. Desconhecemos as excursões efetuadas regularmente pelos alunos, suas atividades radiofônicas, seus empreendimentos nas áreas do cinema, da televisão, do teatro e dança. Também ignoramos a implantação do *governo de estudantes*, que consiste, como se sabe,

*na participação dos alunos na administração da escola. Abrange o trabalho conjunto da equipe de estudantes, do pessoal administrativo e da equipe de professores, tanto no programa das atividades estudantis como nos próprios trabalhos administrativos do Colégio. A escola, através da promoção do governo de estudantes, oferece vivências que prefiguram excelentemente a cidadania. (Ruth Gouvêa, Recreação).*

Ao revés, assistimos ao cerceamento da liberdade intelectual dos educandos – numa demonstração de ignorância das condições fisiológicas, psicológicas, sociais e morais da adolescência. Clubes e associações são estruturados de cima para baixo, com escolha prévia dos líderes –, acomodados, ajeitados a conveniências que lhes escapam.

*Clube não é organização, eleição ou diretoria e estatutos a executar. É organização que deriva da atividade ao redor da qual se forma o conjunto. O grupo fica unificado pelo **interesse comum** e pelo **gozo da convivência**, não pela própria organização, no senti-*

*do de estatuto e diretor.* (Schmidt e Souza Pereira, Op. cit.).

Estarão nossos grêmios promovendo, efetivamente, os meios para melhor desenvolvimento do caráter e da maturidade de todos os membros do corpo discente, bem como o aprimoramento do ambiente escolar? Respondemos negativamente, tendo em conta os últimos e notórios sucessos em que se envolveram alunos dos dois colégios oficiais do Rio de Janeiro.

A separação entre a escola e a comunidade ressalta gritantemente. Os políticos e educadores, ou *soi-disant* educadores, ignoram os pais e desprezam o povo – voltadas que têm as vistas exclusivamente para os poderes públicos, ou melhor: para determinadas autoridades do situacionismo. A comunidade olha de longe os prédios escolares, não penetra nas instalações recreativas e de educação artística, nos auditórios, nas bibliotecas, nos laboratórios, e muito menos pode aspirar a usá-los em horas não coincidentes com as atividades dos alunos –, conforme ocorre no estrangeiro.

**A Cooperação – Escola – Comunidade (CEC)**  
*é uma das formas mais hábeis de ensinar civismo e dar aos adolescentes, ávidos de atividades de serviços reais e não de imitação, oportunidades ricas de aprendizagens integradas, conhecimentos e educação social, valorização do trabalho manual e vida ao ar livre, higiene mental pela descarga da tensão interior e rapidez e acerto nas opções.* (Schmidt e Souza Pereira, Op. cit.).

Se tal é possível no mundo inteiro, por que somente o Brasil há de fugir à regra? Principalmente o Colégio Pedro II, que deve ser o campo experimental de todas as técnicas, métodos e sistemas, o fulcro do progresso educativo?

Fala-se muito de tradição a propósito do Colégio Pedro II, como se o simples evocar duma palavra pudesse garantir a grandeza indiscutível da Casa. A memória de um passado glorioso, necessariamente, não assegura a realidade de um presente meritório. Há que conquistar os valores, hoje como ontem, amanhã e sempre. Só assim a recordação será digna de manifestar-se, confundidos os êxitos do momento com os triunfos de outrora – elos duradouros numa história que a todos nós orgulha e exalta. Tradição e mudança hão de irmanar-se para a atualidade e o porvir ordenado da Casa que sonhamos perene.

É o Colégio mais antigo do que se pensa comumente. Não conta apenas 126, mas 224 anos. Sua origem, como seminário dos órfãos de São Pedro, data de 1739, graças ao Bispo D. Frei Antônio de Guadalupe. De acordo com o tempo, não podiam frequentá-lo negros nem mulatos. O cargo de reitor era tido como circunspecto, e seus primeiros administradores foram padres. Mais tarde, deram-lhe nome outros órfãos – os de São Joaquim. Com a ordem e a disciplina relaxadas, o estabelecimento *entrou em franca decadência e caiu no descrédito público*. (E. de B. Raja Gabaglia, *O Colégio Pedro II*, 1913.

Extinto em 1818, só voltou a funcionar em 1831, destinado ao mesmo fim: servir aos meninos órfãos, pobres e desprotegidos. O decreto de 2 de dezembro de 1837 reformou racional e radicalmente o Seminário de São Joaquim, transformando-o, de escola profissional, em casa de instrução secundária, com o título de Colégio de Pedro II. No princípio, seus dirigentes foram padres, cônegos, freis; depois, engenheiros, médicos, bacharéis e até um capitão de mar-e-guerra. Cada um com sua índole, seu prestígio, seus méritos e defeitos, suas idiossincrasias e ambições. Nem lhe falta um diretor como o Aristarco Argolo de Ramos, que Raul Pompéia – aluno do Pedro II – estigmatizou n'*O Ateneu*.

O Dr. Argolo *enchia o Império com o seu renome de pedagogo*. Atochava a imprensa com notícias de propaganda pessoal. De sua autoria circulavam *livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores mais ou*

*menos anônimos. Aristarco todo era um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei – o autocrata excelso dos silabários; a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público. Vez por outra, reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade... Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados... As simpatias verdadeiras eram raras. No âmago de cada sorriso morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. Seu forte eram as festas da educação física, os desfiles públicos, precedidos de bandas de música, a distribuição de medalhas e troféus. Tinha o senso da auto-promoção. Em suma, Aristarco era um personagem que, ao primeiro exame, produzia-nos a impressão de um enfermo, esta enfermidade atroz e estranha: a obsessão da própria estátua.*

Propriamente, a Congregação do Colégio Pedro II surgiu em 1881, da fusão dos professores e substitutos que constituíam o corpo docente. Guardadas as proporções, seus encargos eram idênticos aos que a lei lhe confere hoje. Os professores substitutos tinham as mesmas prerrogativas que seus confrades catedráticos; só não podiam deliberar sobre os concursos para os cargos vagos. A República nivelou os direitos de todos, estabelecendo, pelo Art. 42 do Decreto 981, de 8 de novembro de 1890, que no Instituto Nacional de Instrução Secundária – nome atribuído, então, ao Colégio – os reitores, lentes e demais professores do Externato e do Internato constituíssem a Congregação.

Correu o tempo e esta passou a compor-se exclusivamente dos professores catedráticos. Segundo o Regimento em vigor (Dec. nº 632, de 27 de fevereiro de 1962), integram-na os professores catedráticos em exercício, os ocupantes interinos do cargo de professor catedrático, os professores eméritos e um representante dos docentes livres do Colégio. Dela estão excluídos cerca de 1.000 professores de ensino secundário, de práticas educativas e contratados. Vale dizer: a direção didático-pedagógica do Colégio Pedro II cabe privativamente a 40 professores, mesmo assim em teoria, sabido que, jamais, esse número foi alcançado nas su-

premas deliberações. De fato, a direção é de uns poucos que, por mais devotados e competentes, não podem atender a todos os reclamos duma instituição que abrange cinco casas, agasalha 15.000 alunos, é servida por 700 funcionários, gasta mais de dois bilhões de cruzeiros anualmente e deve continuar, não por força da lei, mas pela eficiência de sua obra, na liderança do ensino de grau médio do País.

Apelamos para que se concretize a participação dos professores não catedráticos na Congregação. Há uma proposta escrita do Professor Vandick Londres da Nóbrega submetida ao estudo de seus companheiros, desde outubro último. As justas razões do Professor Nóbrega são conhecidas por todos, eis que as divulgou a imprensa; dispensamo-nos de repeti-las. Obtido o parecer favorável daquela corte, certa será a concordância do Conselho Federal de Educação e, finalmente, a anuência do Ministro da Educação e Cultura. Cessará o divórcio existente no corpo de mestres do Colégio – separação que desserve à disciplina, ao apuro didático, ao imprescindível e fraterno conagraçamento da categoria profissional, enfim: ao *espírito da casa* que a todos, sem distinção, deve empolgar na formação de nossos concidadãos.

Abstemo-nos de fundamentar a respeitável iniciativa do Professor Nóbrega – de pronto aplaudida por centenas de interessados – com o adorno de motivos pedagógicos. Acima deles, porque indiscutíveis, invocamos as sentenças do Papa João XXIII.

*Exige a natureza que os homens, no exercício da atividade, empenhem a própria responsabilidade. É legítima nos trabalhadores a aspiração de participarem ativamente na vida das empresas, em que estão inscritos e trabalham.*

*Julgamos útil chamar a atenção para a continuidade da presença ativa dos trabalhadores, tanto na empresa particular como na pública; deve-se tender sempre para que a empresa se torne uma comunidade de todo o seu pessoal.*

*Uma concepção humana de empresa não pode reduzir os colaboradores de todos os dias à condição de simples e silenciosos executores, sem qualquer possibilidade de fazerem valer a própria experiência, completamente passivos quanto às decisões que a dirigem.*

*O exercício da responsabilidade, por parte dos empregados nos organismos produtivos – finaliza o Papa – não só corresponde às exigências legítimas, próprias da natureza humana, mas está também de harmonia com o progresso histórico em matéria econômica, social e política.*

**Insistimos:** a bem do ensino, urge a restauração do diálogo desembaraçado entre todos os integrantes do corpo docente do Colégio Pedro II. Nossa Casa requer atividade redobrada, calor humano; precisa de sintonizar com as inspirações nacionais; carece de atualização em face da mudança internacional.

*Algo de novo e de profunda novação está ocorrendo em todo o âmbito do mundo – escreve Luís Reissig no livro *A Era Tecnológica e a Educação*. O menos que pode fazer a educação é não ignorar esse fato. Mais do que para receber um mundo, deve preparar-se para criar outro. Sua atitude eminentemente reflexiva e discursiva – cuja forma clássica, ainda que não seja a única, é a do humanismo – deverá ser substituída por uma atitude de cálculo e de execução, cuja forma – ao mesmo tempo clássica e moderna – é a tecnologia.*

*A educação deve libertar-se das vacilações e preconceitos em sua atitude quanto ao valor informativo e humano da ciência e da técnica. Se tal liberação se verificar, a educação terá saído, de certo modo, da sua pré-história, e terá iniciado sua fase evolutiva e criado-*

ra, acompanhando assim o homem numa nova e superior fase, evolutiva e criadora também.

Com o começo da era atômica estamos no umbral das maiores transformações que haja conhecido o homem. A profunda mutação tecnológica – de que a humanidade é testemunha sem que tenha, todavia, plena consciência do fato – produzirá mutações sociais e culturais de igual caráter, que farão do homem do futuro um ser muito diverso do atual. Tais mudanças são inevitáveis. O homem deve preparar-se para as enfrentar e governar. Seus diversos sistemas de vida – social, cultural, econômico, político etc. – precisam ser renovados ou substituídos, ou reajustados, ou sofrer uma evolução de acordo com o processo tecnológico, que avança a passos de gigante. Nossas escolas, nossa vida social não preparam adequadamente para isso. Continua-se a repetir o que está nos livros, sem estimular o engenho, a criação, a investigação e o estudo dos problemas. Na maior parte dos países do mundo, a instrução científica e técnica – vanguarda da instrução e da educação modernas – é uma simples repetição de princípios, definições e fórmulas.

Cada um está livre de colaborar ou não para que essas grandes transformações se produzam, ou de imitar o **bobo do Plínio** que, no dizer de Anatole France, lia os oradores gregos, enquanto o Vesúvio sepultava sete cidades sob suas cinzas.

(1963)

Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Humanismo e Tecnicismo*

Por delegação da Diretoria Geral e em nome do magistério da Casa, incumbe-me recepcionar o Prof. Antonio de Albuquerque Souza Filho, Secretário de Ensino de 1º e 2º Graus do Ministério da Educação e Cultura, cuja presença tanto nos desvanece nas comemorações do 243º aniversário de fundação do Colégio Pedro II.

Somos gratos às autoridades do MEC pelas contínuas atenções que nos vêm dispensando. Empossado no cargo havia poucas horas, premiou-nos o Ministro Rubem Ludwig com a sua comparencia, faz um ano, por esta data, a fim de comungar com a família petrosecundense nos seus mais elevados propósitos de servir à causa pública.

Seguiu-se a visita do Sr. Sérgio Mário Pasquali, Secretário Geral do MEC, acompanhado de atentos assessores. Vieram auscultar privações urgentes do estabelecimento na fase de reformulação dos fins e meios que ora vivifica a pasta da Educação e Cultura.

As medidas por nós pleiteadas vêm tendo atendimento; dentre elas as de caráter financeiro por sobre as dificuldades quase irremovíveis da hora atual.

Precipuamente é de registrar-se, na Secretaria afeta ao Prof. Souza Filho, a aprovação dos novos estatutos do Colégio Pedro II em substituição às normas antiquadas que nos regiam.

Submetido à apreciação do Ministro Rubem Ludwig, esperamos seja o regimento de pronto sancionado para que a instituição possa adentrar o ano letivo de 1982 com avançada organização pedagógico-administrativa. Dúvida não haja: o Colégio encaminha-se para o reencontro de sua expressão cultural na sociedade brasileira.

Em relação ao Ministro Rubem Ludwig é o professorado devedor de benefícios consideráveis: o Decreto nº 85.712 e o Decreto-Lei nº 1.858, ambos de fevereiro de 1981, e concernentes à carreira magisterial do 1º e 2º Graus, tão aviltada nos anos pretéritos.

O recrutamento e a fixação de profissionais com nível de qualificação; a gratificação de 20% pelo desempenho de atividades em regência de classe e outras vantagens foram asseguradas aos servidores civis da União e das autarquias federais, nelas incluído o Colégio Pedro II.

Sem intuitos inferiores, antes e somente a bem da verdade, para a devida projeção histórica, deve salientar-se que foi o Ministro Rubem Ludwig quem procurou atender à Lei nº 5.692, de 1971, que estabelecia a necessidade de um estatuto para a carreira do magistério de 1º e 2º Graus, *com acessos graduais e sucessivos*.

Leis subseqüentes à de nº 5.692 fixaram níveis de retribuição e previram a categoria funcional de professor composta de três classes; todavia, na prática (e o próprio Ministro o reconhece), ficou a categoria restrita à classe "C" – vala comum a que foi jogado também o magistério da Casa, sem estímulos, sem promoções nem melhorias salariais.

O Decreto nº 85.712, além de instituir seis classes, com vários níveis, configurando a carreira docente, veio ensejar a progressão funcional e lançar as bases da profissionalização do professor.

Em particular, foi o Colégio Pedro II distinguido com o enquadramento de seus antigos catedráticos na classe de professor titular, então criada.

Seja-nos permitida uma franqueza e uma ostentação: nestes tantos anos de salário incompatível com a dignidade e a grandeza da profissão; nestes longos anos de descaso oficial pelo sacrifício de nossa lide; nestes anos sombrios, nem um só professor das centenas deles atuantes na Casa entrou em greve, desassistiu os alunos, desertou o lugar!

Tão patriótica noção do dever, a ética sobreexcedendo aos proveitos materiais, jamais nos concederam privilégios de espécie alguma. A relevância do nosso mister, a antiguidade do nosso posto, a tradição e o senso de modernidade de quase trezentos anos de serventia ao povo estão a merecer outro tratamento por parte dos poderes públicos.

Possuímos tamanho patrimônio cultural, dispomos de tanta experiência pedagógica, abrigamos tão numerosos expoentes, temos sido a gênese de iniciativas múltiplas na seara do ensino; apontados com justeza, embora sem o amparo da lei algumas vezes, como o estabelecimento modelar da instrução secundária: sobram-nos motivos, neste dia jubiloso, para esperar dos poderes públicos as atenções a que temos direito; não apenas as já enumeradas e devidas à atual administração do MEC, mas todas quantas a evolução política impuser a uma Casa respeitável, dinâmica e sensível ao meio econômico-social onde se desenrolam suas atividades, vale dizer: aos tempos históricos de sua existência.

Queremos ser um corpo composto de unidades e seções diversas. Pretexto algum venha mutilar-nos naquilo que o tempo nos deu para o atendimento dos milhares de indivíduos que, segundo a fórmula de Decroly, vimos educando na vida, pela vida e para a vida. Integram as seções o cerne do Colégio no que ele tem de mais característico e valioso. Os mesmos dedicados mestres das unidades; iguais educandos no orgulho de comporem a Casa por onde se bacharelaram quatro presidentes da República; laboratórios e bibliotecas tão prestadios quanto os mais antigos.

A lei que nos faz inteirar o sistema federal de ensino quis privar-nos da escola do 1º Grau – anomalia sobrepujante de uma idade secular. Como que houve o intento de abater a árvore poderosa com o corte das raízes, com o impedimento renovador dos galhos e dos frutos.

Corriam os anos, escasseavam os alunos. De mais de 15.000 educandos que já tivemos, chegamos a menos de quatro mil. Saíam os bacharéis, mas não entravam os noviços. Recebíamos uns poucos estudantes transferidos de outros institutos para o 2º Grau, os quais mal se podiam ambientar, desenvolver e encorporar como filhos do glorioso Colégio, à míngua da pátina consagradora.

Tentaram diminuir-nos, igualar-nos a qualquer escola rural recente, limitada, por definição, nas suas finalidades e resultados. Não nos perdoaram o continuarmos a ser o melhor educandário civil, federal, de ensino médio.

Mas assim somos e ambicionamos ser indefinidamente. E com a reposição do que já foi nosso e nos foi tirado, a exemplo do Ensino Supletivo (aprendizagem e sua verificação ou exames).

Podem as escolas particulares, por delegação dos conselhos estaduais de educação, manter cursos de Ensino Supletivo; de igual modo as emissoras de rádio e TV; mas a prerrogativa está vedada ao Colégio Pedro II, desde o acolhimento, pelo Conselho Federal de Educação, do voto de um de seus membros, por sinal ex-aluna desta Casa e lá, em Brasília. representante dos estabelecimentos de ensino privado.

Acaso subsiste, entre algumas autoridades, um mal entendido que cumpre esclarecer em definitivo. Diz respeito à lenda de estar o Colégio Pedro II favorecendo os estudos humanísticos em prejuízo da formação técnica ou profissionalizante dos seus alunos. Ressuscita-se antiga pendência que, de tão mofada, cheira mal.

Humanismo ou profissionalismo? Humanismo ou tecnicismo? Mão ou cérebro? Enfastia voltar ao já superado prélio entre tradicionalistas e modernos, entre *elitistas* e *democratas*, entre *minorias privilegiadas* e massas sôfregas de planos e cursos variados...

Clarifiquemos. Ao longo de sua extensa vida tem o Colégio mantido sistemas flexíveis, currículos práticos e alianças de cursos vocacionais e acadêmicos. Aqui sempre se procurou esbater o dualismo porventura reinante entre o ensino cultural e o ensino profissional.

Entenderam nossos maiores, e nós com eles, que o ensino profissional não é apanágio das escolas técnicas, industriais ou comerciais, mas de todo o complexo educativo, ou seja, das escolas primárias, secundárias e superiores.

Tem cada época o seu humanismo – palavra que dá a impressão de indispor as pessoas menos aplicadas ao exame dos fatos históricos. A educação, como processo ou mudança, compreendeu-a o Conselho Federal de Educação ao doutrinar que os conhecimentos genéricos espelham o *humanismo dos dias atuais* (Parecer nº 853/71).

As disciplinas de cultura geral e a tecnologia *aperfeiçoam o homem e o servem, e deformam-no se fazem dele um instrumento. Neste contexto – proclama o Pe. José de Vasconcelos – humanismo é ponto de vista e orientação, mais do que área de conhecimento.*

Parece de autoria de um dos nossos a idéia perfeita do Pe. Vasconcelos. Assim temos compreendido o inditoso, o censurado humanismo, vilipêndio lançado contra esta Casa toda vez que os jovens turcos – perdoem-me a irreverência – entram a salvar a Pátria... Nunca fomos optimates, nunca perseguimos os metecos...

Ligeiro, recente retrospecto iluminará o fundo poço de equívocos ainda lavrantes em nossa ara. No começo de 1972 já o Colégio diligenciava cumprir a Lei nº 5.692, após ter obtido a chancela de seus currículos pelo Conselho Federal de Educação. Data a licença de 27 de janeiro de 1972. As modalidades por nós propostas eram as de Técnico em Mecânica, Técnico em Contabilidade (com especialização em Contabilidade Pública), Tradutor-Intérprete e Laboratorista de Análises Clínicas.

Diz o parecer aprovado pelo Conselho:

*Um estabelecimento tradicionalmente voltado para o humanismo clássico – refere-se ao Pedro II – dá uma demonstração extraordinária de abertura às renovações, sem temer o impacto das mudanças, colocando-se entre os primeiros que vão aplicar os preceitos da nova Lei. (Colégio Pedro II Integrado na Lei 5.692/71, 3ª edição, 1972)*

Frustrou-se a primeira tentativa de articulação com a Escola Técnica Celso Suckow (princípio da intercomplementaridade) pela inexistência de meios materiais e recursos humanos. Decorridos cinco anos no máximo empenho em fazê-la funcionar, satisfatoriamente, a área central de profissionalização permaneceu carente e desfigurada entre nós.

Porém, atente-se: o ensino profissionalizante também não funcionou a contento em nenhuma das demais instituições similares.

Foi o assunto reestudado pelo Conselho Federal de Educação (Parecer nº 76/75), que passou a focalizar o ensino em nível de 2º Grau, não apenas sob o ângulo da formação profissional, mas sob a ótica da formação básica. Nasciam as *habilitações básicas*.

O novo parecer do Conselho permitiu a solução de algumas questões do Pedro II, que acabou por celebrar um convênio com o PREMEN. Esta instituição equiparia uma de nossas unidades e proveria os recursos materiais específicos e o treinamento de pessoal.

Nas unidades-sedes e respectivas seções desenvolveram-se as habilitações profissionais de Técnico em Edificações, Técnico em Eletrônica, Laboratorista de Análises Clínicas, Desenhista de Construção, Tradutor e Intérprete, e Contabilidade. Atendíamos a comunidades estudantis dos bairros de São Cristóvão, Centro, Humaitá, Tijuca e Engenho Novo.

E sem nenhum dano do chamado núcleo comum, acrescido de matérias julgadas necessárias (parte diversificada) em número

bastante superior ao mantido por qualquer estabelecimento de ensino do País.

Os anos letivos de 1975 e 1976, já suficientemente indicia- dos, acusam 14 áreas de estudo no 1º Grau (unidades e seções). Os conteúdos curriculares ou disciplinares por unidade, no 2º Grau, atingiram o número significativo de 33. Ainda aqui adotávamos o critério preconizado pelo Conselho, *verbis: Tal relação (de matérias) será tanto mais operativa quanto mais rica, flexível e aberta se apresente.*

Neste ponto manifesta-se outro tema que costuma surpre- ender os analistas do Colégio: a aparente quantidade excessiva de seus professores. Talvez isto decorra por influência do Pa- recer nº 853/71, que recomendava a redução do número de pro- fessores, tendo-se como ideal o *mestre polivalente* ou profes- sor único em algumas séries. Talvez devido à prédica do Conse- lho em reduzir à metade o número das chamadas *incidências do- centes*.

Volvidos dez anos desses princípios havidos como salvado- res, indaga-se: que profundas revisões foram feitas – com a ur- gência ditada pelo Conselho – nos programas de formação do magistério? E como foi tratada a questão salarial dos *polivalentes* que não fazem greve?...

Se o consenso atribui ao Colégio Pedro II o papel de labora- tório pedagógico do ensino médio, com o fim de aperfeiçoar os processos educativos nacionais, não se compreende possa alguém querer nivelá-lo a casas onde, fora o núcleo comum obrigatório, mediocrementemente se contempla o alunado com reduzidas noções de matérias semelhantes a vistosos berloques de ínfimo valor.

O número de professores do Colégio há de ser sempre alto para atender a uma lista de disciplinas três vezes maior que as de quaisquer outros estabelecimentos. São 33 conteúdos curriculares, insista-se, não importando a relação dos educandos.

De longe vem o Colégio propiciando a aprendizagem dos idiomas Inglês, Francês, Italiano, Espanhol e Alemão. Também ensina o Latim. E oferece disciplinas como Organização e Normas,

Contabilidade, Técnica de Comunicação, Direito, Estatística, Economia de Mercado...

Pelo PREMEN foi elaborado, em 1975, o *Projeto Pedro II*, visando a suprir a instituição com as instalações adequadas às habilitações de Construção Civil, Eletrônica, Mecânica, Saúde e Artes, de forma a que o estabelecimento pudesse atender a 4.000 alunos. Nesse ano o PREMEN iniciou seu programa de ação, desencadeando a reforma e a construção de salas na Unidade Frei de Guadalupe.

Projetada a implantação das habilitações para 1977 e 1978, sobreveio um óbice: o treinamento do pessoal. Enquanto se contornava a dificuldade procedeu-se à avaliação dos problemas suscitados, dos prognósticos, das alternativas de solução e do nível de decisão. Houve a consulta aos alunos e foram elaboradas as grades curriculares (educação geral, educação especial, atividades comuns, distribuição de disciplinas e cargas horárias).

Durante o ano letivo que ora termina, a Divisão de Educação e Ensino executou, no ensino do 1º Grau, a orientação vocacional e a iniciação ao trabalho. Ao 2º Grau propiciou condições para que o aluno, a par de sólida educação geral, adquirisse qualificação profissional em áreas consideradas carentes de mão-de-obra na comunidade (setores secundário e terciário da economia).

Foram os seguintes os conteúdos curriculares específicos atendidos: educação para o trabalho – Artes Gráficas/Decoração, Instalações Elétricas, Artesanato (Madeira/Metals, Cerâmica/Costura), Técnicas de Escritório (Datilografia, Mecanografia), Técnica de Arquivo e Correspondência, Técnicas Contábeis; Curso de Desenho, Auxiliar de Arquitetura, Auxiliar de Escritório.

A oferta de habilitações profissionais se processou através de mecanismos de intercomplementaridade com o SENAI, o SENAC e a rede hospitalar do Estado do Rio de Janeiro.

Concluamos: não faz sentido acusar o Colégio Pedro II de educandário rígido, imperioso e, até, impertinente, onde viceja o humanismo clássico, ou medieval ou renascentista, em detrimento do ensino profissionalizante. Evidenciada ficou a contínua adapta-

ção de seus currículos às transformações sociais que se sucedem pelos tempos fora.

De um modo ou de outro, proclamava Anísio Teixeira há meio século, toda educação escolar é profissional. Toda ela visa preparar o indivíduo para alguns dos grandes tipos de ocupação. Técnicas ensinam-se nas escolas; *técnicas, isto é: processos racionais, tão científicos quanto possível, de se fazerem as coisas e de se explicarem os fenômenos (Educação para a Democracia).*

Precisa o Colégio Pedro II da confiança dos poderes públicos, e de verbas substanciais, e de franca iniciativa para ultimar sua filosofia de educação que, afinal, reflete a filosofia de vida do Estado.

Pedimos recursos audiovisuais, mapas, revistas especializadas, atividades extracurriculares, intercâmbio, excursões, salas-ambiente e tranqüilidade para experimentar e conferir.

Como já foi dito por quem dominou o assunto que nos empolga, fuja-se da centralização demasiada. Aos educandários exija-se, antes, *uma equivalência de ensino do que uma perigosa uniformidade.* Assim se proceda com a nossa Casa secular que, nas suas mais recuadas origens, pertenceu aos órfãos pedintes; depois, agasalhou a prole do pequeno funcionalismo; e hoje, não discrimina entre ricos e pobres, literatos e trabalhadores braçais, porque é, por excelência, o Colégio de todos os brasleiros.

(1981)

LADAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Departamento de História*

Em decorrência da Portaria nº 717, de 23.XII.1981, do Ministro da Educação e Cultura, o Departamento de História, centralizado na Secretaria de Ensino, deve executar os objetivos didático-pedagógicos e participar das atividades administrativas fixadas por esse organismo. *Evitar a estagnação intelectual* é o lema da Secretaria. Por outras palavras, já Henry Morrison estimulava os educadores a combaterem incessantemente a *inércia adaptável*, ou seja, a resistência à mudança verificada entre muitos medianeiros do ensino.

Incumbirá ao Departamento de História coordenar as atividades docentes de seus integrantes, incentivar as reuniões de caráter pedagógico-cívico e satisfazer as tarefas de apoio à administração escolar. Para diversos fins, mormente os de promoção do professorado, leva em conta a Secretaria de Ensino os fatores de produção e aperfeiçoamento do corpo docente, vale dizer: seu labor intelectual, a melhoria do processo ensino-aprendizagem, atividades junto ao próprio Departamento, participação em cursos

especializados, conferências, simpósios e congressos, visitas de estudos, ciclos de palestras etc., – exigida a comprovação e aprovação do Departamento.

Tais serão as funções de um Departamento que não se quer anacrônico, rotineiro e prejudicial à renovadora obra educativa em curso no Colégio. Evidentemente, um órgão desta natureza muito contribuirá para a melhoria do ensino-aprendizagem desde que possa estender sua ação dinamizadora aos professores e educandos, segundo os melhores preceitos da pedagogia e a observância correta da legislação.

O Departamento de História poderá encarregar-se da elaboração de textos, sumários de aulas, indicações bibliográficas, fascículos e *slides* comuns às Unidades do Instituto. Poderá promover cursos, reuniões e atividades didático-pedagógicas, sob a superintendência da Secretaria de Ensino; sugerir cursos de especialização e novos métodos para uso do corpo docente, estimulando-o a progredir na carreira; e atentar com interesse especial para o preparo e a prestação de aulas e outras atividades, de modo a obter resultados mais satisfatórios do que os alcançados até aqui.

Fora revigorar os atuais cursos, mediante a eliminação dos aspectos impróprios, oportuno será experimentar diferentes conteúdos e metodologias. O acréscimo das atividades do Departamento compreenderá, também, o estudo comparativo de currículos, o levantamento de bibliografias atualizadas, a divulgação (entre os professores) de concepções científicas recentes e a ajuda à Secretaria de Ensino na efetivação de cursos e seminários, visando ao aperfeiçoamento da equipe de História. O alvo desta reformulação de atitudes – é preciso dizê-lo? – será o aluno, a cuja educação global se deve atender com absoluto empenho.

Para a satisfação desses propósitos, necessário se faz que a administração e os professores de História acordem em algumas idéias relativas ao conceito da disciplina, à sua posição e importância na conjuntura e ao modo de propiciá-la aos alunos. Indefinidamente, há de repertir-se o que, vai para meio século, doutrinou eminente mestre do Colégio Pedro II: *aplicar ao ensino da História*

todas as conquistas reais da psico-pedagogia e da didática renovada (Jônatas Serrano, *Como se Ensina História*), aplicação – sejamos francos – nem sempre aqui satisfeita.

Sem tomar a peito a famosa sentença de Henri Berr – *A História há de ser um dia a própria alma do ensino* –, faço meu o juízo de Dezert & Bréhier: *A História é a ciência educativa por excelência (Le Travail Historique)*. Assim, será preciso renovar, perante o mestre e o discente, as perspectivas da aprendizagem moderna, redefinir os fins ou objetivos do ensino, escolher a metodologia mais adequada, fazer da História, efetivamente, o instrumento da educação. A propósito, aconselhar-se-à aos interessados meditar as lições de Cardoso e Brignoli – *Os Métodos da História*; de Lydinéa Gasman & James Fonseca – *História Geral*, I e II, Cadernos do MEC; de Le Goff & Nora – *História*, 3 vols. (abordagens, objetivos e problemas); de Marcel Reinhard – *L'Enseignement de L'Histoire*; de Fernand Braudel – *Histoire e Sciences Sociales*; e de Henri-Irenée Marrou – *De la Connaissance Historique*.

Pensamos como Dewey: o educador deverá encontrar na História uma *Sociologia indireta, reveladora dos processos de formação e dos modos de organização da sociedade*. Nos educandos haverá que desenvolver os sentimentos morais, a lealdade e o patriotismo, e explicar-lhes as formas e as forças sociais. Parecerá coisa velha a sentença. A ela já se referia, em 1935, um mestre da grandeza de Lourenço Filho. Mas é fato que nem sempre assim tem agido nosso magistério. E quando se alude a determinados fatores, a exemplo da lealdade e do patriotismo, estamos certos de que o caráter científico da História levará os professores a cuidar deles com isenção.

Há alguns anos, Arthur S. Bolster Jr., conceituado professor da Universidade de Harvard, em comentário divulgado pela American Historical Association, preconizava o estudo da herança cultural como elemento de fidelidade aos valores democráticos, por parte do alumnado. Bolster como que concluía o raciocínio desenvolvido, desde 1915, pelo famoso *Comitê dos Sete (Report of the Committee of Seven, de Boston)*, introdutor da máxima de que os

alunos devem pensar com *mentalidade histórica*, isto é, devem examinar as questões sociais do panorama do tempo e apurar o juízo crítico para atender às responsabilidades da cidadania democrática.\*

No caso brasileiro, especialmente, o estudo da História de 1º e 2º Graus, correlacionado com outros estudos sociais (Geografia, O.S.P.B. etc), terá como decisão consciente e contínua o desempenho da boa cidadania, com natural atenção para os problemas vitais do mundo. Fortalecer o devotamento do educando aos valores básicos de nossa civilização há de ser intento incansável do mestre esclarecido.

Atenção cautelosa está a exigir o conteúdo curricular. É preciso omitir considerável massa de fatos históricos sucedidos ao correr de milênios, sob pena de se minimizar, como até aqui, a exposição dos mundos ibero-americano, asiático e africano, tão essencial neste século. Sobreleva, nesta oportunidade, o conhecimento dos aspectos técnico-industriais da civilização e do progresso moral dos povos, até com a subalternidade da onomástica e da cronologia, de que se tem abusado tanto. Impõe-se a objetivação das noções selecionadas e o estudo preferencial da História Contemporânea. Entre nós, falta sempre lecionar a História Republicana. Tudo isso requer novos programas, farto material didático e, sobretudo, a mudança da mentalidade magisterial.

A elaboração de critérios filosóficos e pedagógicos diferenciados conduzirá a novas abordagens da temática histórica (factual e analítica). A par do *que* aconteceu, o educando quer saber *como* e *porque* aconteceu, sob o risco de continuar a produzir-se nas salas de aula aquilo que W. Burlie Brown chamou de memorização e vômito dos acontecimentos. O ensino da História, no presente, subtende, para ambos os agentes do processo educativo – mestre

\* Com o intento de estabelecer os princípios fundamentais favoráveis à compreensão internacional entre os estudantes dos níveis médio e superior, por sugestão da UNESCO reuniram-se em Sévres (1951) oito especialistas, historiadores e professores de História, cujos alvires acham-se anexados no livro editado por essa entidade – *O Ensino de História – Conselhos e Sugestões* (edições em francês e inglês). A este propósito consulte-se ainda o artigo "De qué sirve la Historia?", de C. Peter Hill, *El Correo de la UNESCO*, março de 1956.

e discípulo –, pensamento crítico, método analítico, relações de causa e efeito, e sínteses em vez de cronologias.

Neste passo, convém lembrar a inteira validade do que escreveu em 1970 um dos grandes mestres do Brasil, Delgado de Carvalho, por dilatado tempo catedrático do Colégio Pedro II. Reportamo-nos à obra de sua autoria – *Introdução Metodológica aos Estudos Sociais*, na qual os assuntos ora versados nela se encontram corretamente expostos e com sugestões ainda insuperadas. Singularizaríamos, para ilustrar, a passagem relativa aos requisitos fundamentais do bom docente. E o método ou técnica do ensino-aprendizagem, como decorrência das relações precisas entre alunos e professores – aquilo que Hopkins denominou de *Interaction*, na obra *The Democratic Process*.

Creemos exequível a reformulação do ensino da História segundo as linhas-mestras ora a floradas. Patente acha-se a influência dos meios na execução de um tal empreendimento. Depois dos currículos e programas, tem relevo o estudo dirigido (*Directed-Study* ou *Supervise Study*), o manuseio dos atlas, dos mapas e das cartas, a freqüência às salas-ambiente de História ou de Estudos Sociais, a extensa verificação da aprendizagem, através dos exames escritos (*tests*), da dissertação, dos resumos, da organização de fichas etc.; e as projeções fixas e animadas, as visitas, as excursões, os passeios ou viagens dos alunos durante as férias; a criação de centros de estudos, o desenvolvimento do espírito de crítica. Sem a participação viva do aluno o ensino deixa de ser ativo, regride, estiola-se.

Atingir-se-ia, dessarte, um dos marcos ideais da educação, isto é, o relacionamento cabal do estudante com a escola, a sociedade e a humanidade. Foi a este desiderato que James Hemming qualificou de *Educação para a Identificação* (*The Teaching of Social Studies*). Assim também almejou o historiador José Honório Rodrigues:

*A História não é dos mortos, mas dos vivos; ela é a realidade presente, obrigatória para a consciência, fru-*

tífera para a experiência. A vida e a realidade são História, gerando passado e futuro (Teoria da História do Brasil).

(1982)



Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Imprensa Estudantil*

A despeito de sua efemeridade, a imprensa estudantil tem relativa importância e é sempre desejável. Nela sobreexcedem a prática do idioma nacional e o apuro do gosto artístico. Há mais de um século vêm os alunos do Colégio Pedro II escrevendo e desenhando pequenos jornais transitados de mão em mão nas salas de aula e nos corredores de recreio. Quando há recursos financeiros são as folhas impressas, ganhando aparência de autênticos jornais.

No passado distinguiram-se como responsáveis por esses órgãos, na condição de proprietários, escritores e ilustradores, um Brício Filho, republicano desde os bancos escolares, expulso do Colégio por usar o jornalzinho de sua criação para a propaganda política, e Raul Pompéia, chegado ao estabelecimento em 1879, com fama de abolicionista e republicano, tendo fundado no educandário a revista *As Letras*.

Mais tarde, Pompéia apuraria seus dotes artísticos no romance *O Ateneu* e sua vocação jornalística em numerosas colabo-

rações para a imprensa fluminense, dentre as quais a intitulada *Uma Noite Histórica (a misteriosa eliminação de um monarca)*, vinda à luz em novembro de 1889, na *Revista Sul-Americana*, e relativa ao embarque da família imperial para o exílio.

Ocasões houve em que a censura caminhou paralela com os jornais, abortando-lhes os propósitos. Assim sucedeu ao periódico *A Discussão*, proibido de circular em 1886, graças às idéias nele expendidas. Liquidaram-no o Ministro do Império Ambrósio Leitão da Cunha (Barão de Mamoré) e o Reitor do Internato Aureliano Corrêa Pereira Pimentel.

Outros vultos que expressaram seus dotes literários por meio de manuscritos ou impressos transitórios, cuidando especialmente do quotidiano estudantil (anedotas, críticas, acontecimentos), foram o Visconde de Taunay, ao depois romancista notável de *Inocência* e imortal cronista de *A Retirada da Laguna*, episódio da Guerra do Paraguai; Raul Pederneiras, relevante caricaturista, Professor de Direito Internacional e Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; e Prudente de Moraes, neto, teórico do Movimento Modernista, professor universitário, jornalista e também Presidente da ABI.

Próximo de nós, e vivo, assinala-se o médico Pedro Nava, autor de cinco volumes de memórias que o fazem avultar entre os maiores do gênero. Um desses livros é quase por inteiro dedicado ao Colégio Pedro II pelo antigo freqüentador de jornaizinhos intermitentes.

Caberá neste passo uma referência a alguns jornalistas de outrora, porventura inspiradores dos jovens talentos que viriam a sucedê-los. São eles Justiniano José da Rocha, mestre inicial de História e Geografia do Colégio; Joaquim Manuel de Macedo, autor dos primeiros compêndios de História e Geografia do Brasil adotados no instituto; José Veríssimo e Sílvio Romero, expoentes da crítica literária; José Oiticica, fundador da *Ação Direta*, de caráter anarquista; Escragnolle Dória, anos a fio responsável pela página de história pátria da *Revista da Semana*; e Álvaro Lins, embaixador e editorialista do *Correio da Manhã*.

Nos últimos cinquenta anos tratei com jornalistas profissionais que despontaram na imprensa do Colégio Pedro II. Referirei os mais antigos. Afrânio Vieira, já falecido, foi cronista esportivo por excelência, havendo integrado os quadros de *A Noite* e de *A Gazeta* (São Paulo), fora os órgãos dirigentes da ABI e do Sindicato dos Jornalistas.

Foniatra e teatrólogo de reputação internacional, Pedro Bloch trabalhou na imprensa quando acadêmico de Medicina e ainda hoje mantém seções especializadas n'*O Globo* e em *Manchete*. Alziro Zarur, desaparecido faz pouco, foi redator de três revistas bastante populares: *Fon-Fon*, *A Careta* e *Vamos Ler*. Especializou-se em radiofonia. Era poeta e doutrinador religioso.

Em Belo Horizonte vive Gibson Lessa, eleito nos anos trinta o príncipe dos prosadores do Colégio e coroado por Coelho Neto, renomado romancista e antigo professor do estabelecimento. Gibson destacou-se como redator de *A Noite* e seu representante nas Alterosas. De sua lavra são duas obras de reflexões filosóficas.

Homem do rádio (imprensa falada) há mais de trinta anos consecutivos, Júlio Louzada deixou fama de bom jornalista colegial; ao seu lado aparecia Carlos Brasil de Araújo, hoje radicado no Distrito Federal, onde exerce as funções de Técnico em Comunicação da Câmara dos Deputados. Louzada sobressai como deputado estadual.

Redator de *A Vanguarda* foi Isaac Volchan, falecido em janeiro deste ano, após aposentar-se no cargo de professor de Geografia do Colégio. Volchan integrou ainda a comissão diretora de *Studia*, publicação do corpo docente do Pedro II.


Poeta de projeção, elemento do rádio e do jornal, deputado em Brasília, J. G. de Araújo Jorge afiou suas armas no Internato e no Externato, em cujas publicações teve divulgados seus sonetos inaugurais.

Chamavam-se os periódicos onde sonharam esses e outros antigos alunos: *Pronome*, *Arauto*, *Ciências e Letras*, *Atalaia*, *Ate-neu* etc. Em alguns deles colaborei. Um ano após receber o Grau de Bacharel em Ciências e Letras, já retirava o meu sustento do

jornalismo profissional em *A Pátria*. Daí fui para *O País* e o *Diário de Notícias*. Trabalhei neste durante trinta e sete anos, até sua extinção. E também alcancei a Presidência da ABI.

Ao recordar o labor jornalístico de tantos colegas e amigos, na imprensa estudantil e na de cunho profissional, é de justiça reverenciar a memória dos mestres que nos incentivaram a seguir tão apaixonante quanto proveitosa carreira: F.A. Raja Gabaglia, J.B. de Melo e Souza, Arlindo Fróis, Jônatas Serrano e Antenor Nascentes.

(1982)



LADAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Trabalho e Fraternidade*

Ventura assinalável é a escolha do patrono da turma, ex-aluno do Colégio e seu notabilíssimo professor, o humanista Antenor de Veras Nascentes, que eu tive o privilégio de haver por mestre ao longo de muitos anos. Desaparecido, faz pouco, depois de extensa vida devotada ao estudo e ao ensino, Antenor Nascentes merecia a homenagem que ora lhe prestais. Deponho por mim, por vós e pelo Colégio inteiro: Nascentes foi o tipo do mestre acabado e do educador perfeito. Nele se conjugavam as magnas virtudes da espécie humana: vigoroso de corpo e de alma, responsável, idôneo, cumpridor de árduos deveres, fino, modesto, trabalhador infatigável e sábio.

Por quase meio século acompanhei de perto a atividade profissional desse vulto imenso da Pedagogia brasileira; nos seus livros didáticos estudei; aprendi nos seus dicionários; fui ouvinte de cursos e conferências por ele ministrados; muito aproveitei de suas conversas informais no imprevisto dos encontros. De Nascentes recolhi segredos e desabafos; desfruto da amizade de seus fami-

liares; penso enfim conhecer bastante o vosso Patrono, felicitando-vos pelo senso de justiça e ternura admirativa com que vos houvestes. Asseguro-vos que escolhestes um dos melhores, um dos mais qualificados, um dos mais doutos, um dos mais íntegros de quantos mestres já elevaram o Colégio Pedro II às culminâncias em que ele se encontra. Enquanto vos escudardes nele, enquanto lhe seguides os passos, enquanto procurardes superá-lo, se possível, nada temeremos de vós, tudo de positivo adornará vossa presença, o Brasil será maior pela colaboração de tantos cérebros valiosos e de tantas consciências retas.

Sois os bacharéis do Sesquicentenário da Independência. A circunstância confere-vos, acaso, maiores obrigações que se outro fosse o momento deste ato. Por certo estareis meditando nas figuras que tornaram possível a concretização, em 1822, dos sonhos sofridos desde a centúria anterior, durante a qual, em vários trechos do território, marcadamente Pernambuco e Minas Gerais, patriotas da estatura de Tiradentes imolaram suas vidas pela emancipação da Colônia e pelas demais liberdades. Estudantes, escritores, sacerdotes, militares, funcionários do Estado, jornalistas, homens e mulheres, amalgamaram, no correr do tempo, com as dores de todos os sofrimentos e o derrame de seu sangue justo, a Nação que hoje estamos projetando, desenvolvida e soberana, para vós e as vindouras gerações. Necessária haverá de ser vossa colaboração ao trabalho – não importa qual seja ele –, para o gozo dos bens pessoais e o progresso, a segurança, a continuidade pátrias.

Até certo ponto já estais aptos para participar das atividades de manutenção própria e engrandecimento geral. Muito vos compete estudar e progredir para atingirdes o zênite que se vos antolha. Nesse empenho, na pugna pelo êxito contra o malogro, na conquista de um posto ao sol contra a vala do anonimato, estareis atuando em favor da Nação e concorrendo para o aprofundamento da Independência; sereis peça do processo desenvolvimentista e emancipador. A paz interna de um país, o progresso material, a igualdade de direitos nos consensos internacionais, o gozo das

prerrogativas democráticas – tudo se alcança e mantém à custa do estudo, por via dos cérebros esclarecidos e dos corações generosos, como imperativo das virtudes de que é monumento o Sermão da Montanha, emoldurado por acréscimos seculares, após lutas sanguinolentas, povos imolados, utopias experimentadas e o sacrifício de tantos varões e mulheres pela dignidade do viver humano!

À Turma do Sesquicentenário está reservado papel proeminente na dinamização da vida social e no alcance de vantagens substanciais em prol do bem comum. Que a sua contribuição arrede a miséria, anule as injustiças, alente os fracos, desdenhe a iniqüidade, pratique a ética de respeito e amor ao próximo. Assim agindo, a turma de bacharéis do Colégio Pedro II estará escavando os velhos caminhos desbravados por seus antecessores e engrandecendo nossa Pátria, além de aumentar os esforços de paz e entendimento entre os povos.

Preparou-vos o Colégio para assim praticardes. Por tradição, aqui se cultiva o humanismo, cujo fiel significado há de ser o da devoção do homem pelo homem. Que adianta aperfeiçoar-se alguém nas letras clássicas, abeberar-se das fontes primeiras da Filosofia, gloriar-se da trajetória vencida pela humanidade, se lhe faltam as excelências da solidariedade, se lavra nele o egoísmo, e o nepotismo impera, se não há diálogo, nem tolerância, nem garantias ao pensar e crer diferentes?

Tanto o humanismo clássico, assim como o humanismo contemporâneo, ou seja, o domínio da pesquisa, da ciência e da técnica, só prevalecem se dirigidos para a nobilitação do indivíduo. De pouco servirá a conquista do cosmos se em nosso planeta continuarem as lutas fratricidas, a matança dos inocentes, o limite à auto-suficiência dos povos, e a violência, e os tóxicos, e a sexualidade desenfreada, e o sensacionalismo, e a fome, e a ignorância, e os preconceitos raciais. Humano, humanista é quem se volta para o seu semelhante e emprega o conhecimento em prol da esperança ou da certeza de melhores dias para a humanidade inteira. Fora daí, o humanismo não passa de mero vocábulo sem conotação com o que de mais essencial existe sobre a terra: o homem.

Nosso Colégio, graças às linhas-mestras que lhe traçam as autoridades e ao discernimento de seus responsáveis imediatos, acha-se integrado no espírito da Reforma Jarbas Passarinho, em decorrência da qual o humanismo entende-se e cumpre-se no sentido correto da palavra. Profissionalizando o ensino para o desempenho, pelo disciplinado, dos misteres eventuais, concede-lhe o Estado o suporte cultural que aquece, ameiga e eleva a fria atividade da mão, da ferramenta e do computador. Busca a Reforma, e vós chegastes a senti-lo neste último ano letivo, harmonizar o homem tecnológico, afeiçoando-o à máquina, com o homem de elocubrações abstratas, voltado para os valores sem imediatismo prático, mas nem por isso despidos de possibilidades futuras.

Era preciso adaptar o indivíduo às contingências, e assim haverá que proceder sempre, sobretudo em Educação, de vez que as sociedades estão a diferenciar-se a cada passo e requerem reformas ou reajustes, sob pena de caducidade.

Não há crises no ensino. Pode haver a desentrosagem da escola com o ambiente real – dinâmico, dialético, em perene transformação. No estágio econômico-social a que chegamos, forçoso era reformar o ensino, tal como se fez, a menos que, por incapacidade ou desídia, se permitisse a apostasia da escola em face dos reclamos nacionais.

Aparelhou-se o Colégio Pedro II para, sem prejuízo de suas tradições, atuar na primeira linha da Reforma, visando à plena adequação da mocidade ao presente. O Governo e a população podem confiar nos propósitos de seus dirigentes, entregues à faina de atualização sem desprezo do passado que tanto assinala o antigo colégio dos órfãos de São Joaquim.

Dois fatos ainda mais singularizam esta formatura, como que apontando rumos à vossa operosidade. Estamos a comemorar o cincoentenário da Semana da Arte Moderna e os quatro séculos da publicação de *Os Lusíadas*. Recorda-nos a Semana o movimento que soltou a língua portuguesa de amarras obsoletas, como já o fizera José de Alencar ao influxo de outras razões, e levou escritores, músicos e pintores a introduzirem nas suas obras a temá-

tica interna, ou seja, a paisagem e o homem brasileiros, o folclore e nosso modo de vida.

Discutam os críticos sobre as origens da célebre campanha; busquem-lhe as raízes no Velho Mundo ou na constância de preceitos nacionalistas; desçam, até, a ideologias políticas que lhe hajam servido de dínamo: a nós outros, volvidos cinquenta anos, interessa-nos a farta messe de que dispomos nas searas da música, da poesia, da prosa, das artes plásticas, da cultura enfim. A par dos talentos que se firmaram graças ao Modernismo e que enriquecem a Inteligência brasileira, a Semana ficará como um marco do poder criador do povo e exemplo para novos cometimentos nas mais diferentes províncias do saber.

À Turma do Sesquicentenário coube o privilégio de se associar às repercussões de um dos episódios mais salientes de nossa vida cultural. A simultaneidade dos dois acontecimentos levará os novos bacharéis a compromissos mais íntimos com as linhas-mestras da índole brasileira, sem xenofobias incompatíveis, antes com redobrados cuidados pelo que é nosso e somente nosso.

Luís Vás de Camões assinalou-nos em *Os Lusíadas*. Ali está o Brasil em seu alvorecer para a civilização. À sombra desse monumento de erudição, concebido pelo gênio de um renascentista entre perigos e desventuras, evoluiu o Brasil do estágio colonial para a afirmação da soberania. Se nada mais houveram os portugueses e brasileiros produzido no terreno literário, se depois de *Os Lusíadas* não vingassem Machado de Assis, Eça de Queirós, Fernando Pessoa e Cecília Meireles, bastaria o Poema para os dois povos manterem no cenário mundial o relevo que lhes foi assegurado imorredouramente.

Por sem dúvida, ao apreciardes os versos, havereis de concentrar-vos na época das descobertas e buscar compreender a moral dos expedicionários que, em nome da Cruz e do Rei, submetiam povos inocentes, destruindo-lhes as culturas originais ou dificultando-lhes a espontânea evolução. Entendida assim, à margem de juízos extemporâneos, a obra é bela, patriótica e de perfeição formal inigualada.

Camões, não apenas escreveu *Os Lusíadas*: sofreu-os, e foi desdenhado, e acabou miserável, morrendo pela sua Pátria e com ela. Mas deve ser imitado, quer na vida arriscada e útil, quer na lavra de obras-primas – líricas, dramáticas e épicas. Misteriosa concordância esta – de vos formardes sob os ecos de sucesso extraordinário, tal o da comemoração dos quatro séculos de *Os Lusíadas*!

Dentro de poucas horas estaremos a festejar o Natal. Este nosso ato flui sob atmosfera propícia. Amenizam-se os corações e o mundo expectante aguarda a paz e crê em nova era, farta de progresso e felicidade. Coincidente é a rememoração de uma época e de uma legenda excepcional. Em meio a um mundo violento, em meio a nacionalidades esmagadas e ao predomínio da força, eis que surgiu um libertador. Ele é manso, prega a justiça e a abnegação, abomina o farisaísmo e a maldade, a todos se dá sem prevenções. Consola, ampara, enxuga lágrimas, alimenta, devolve a vida. Mas é traído, preso, açoitado e crucificado. Em vez dele, a turba prefere um ladrão.

Tal homem ou Deus morreu pela humanidade. Dois mil anos após, muitas das questões que intentou resolver persistem a desafiar a boa vontade de povos e governantes. Lavra pelo mundo fora a miséria, o analfabetismo, a doença; falta o teto para milhões de indivíduos; há fome de justiça e de calor humano. Seres iguais a nós jazem nas trevas da ignorância e sem perspectiva alguma de melhoria financeira. Sede, pois, sejamos irmãos a gozar e distribuir os bens possíveis da Natureza!

(1972)

LADAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Do Amor para a Vida Tolerável*

É de praxe que o pronunciamento do paraninfo, sobre ser rememorativo, seja grave e, sobre ser realista, vá repassado de esperanças. Confesso minha inadaptação para os enfeites excessivos. Vou falar sem paramentos. Pretendo dizer algumas coisas simples e, por isso mesmo, difíceis de expressar; desejo fazer, não um discurso, sequer uma preleção, porém dirigir-me a cada um como confrade mais velho, pois acabais de receber o título de Bacharéis em Ciências e Letras do Colégio Pedro II, galardão de que muito nos ufanamos, honra que vos assinalará a existência inteira, graça que os poderes governamentais somente conferem aos estudantes do educandário-padrão. Aspiro a ser prático e breve, acaso ajudar-vos a melhor sentir o chão em que pisais e a perceber os sonhos que se prenunciam.

Como a desviar-me do projeto, ocorre-me um epigrama de Ronald de Carvalho, datado de 1922 e lido por mim quando eu tinha a vossa idade: *Ensinar a viver! Que fábula sem graça, que ingênua ensaboria!* Ignoro se foi antes ou depois da frase de Ronald

que Thomas Traherne lançou sua sentença mordaz: *Nunca houve um preceptor que profissionalmente ensinasse a felicidade*. As duas máximas não me abatem e eu vou dar meu recado em torno de alguns assuntos que me parecem pertinentes.

Têm os jovens missões a cumprir, das quais não podem arredar-se, sintonizados com o tempo, jungidos a valores, crenças e obrigações fora de cujo compasso amargarão as conseqüências reservadas aos descuidados e aos quiméricos.

Não deveis atrasar-vos nem correr; não deveis desprezar o já enraizado nem pretender excessivamente o ainda encoberto. Bússola a sustentar sempre corrigida é a obstinação, segundo a compreendeu Herman Hesse: *O obstinado obedece à lei em si mesmo, ao sentido de seu próprio ser*. Isto é, atitudes autônomas sem transtorno das normas comuns.

Viver – respirar, alimentar-se, mover-se, devanear – é maravilhoso. Gangrena universal é a corrupção; declaradas ou encobertas, as guerras matam há séculos; os valores trocados rebaixam em vez de exaltarem, elevam em vez de diminuírem. A violência, que já foi exceção, compõe-se como infortúnio ordenado. A despeito de tantas vicissitudes, a vida é prodigiosa, cabendo à juventude adestrar a imaginação e somar energias para que a humanidade prossiga em seu progresso material, purificadas as mazelas que tanto lhe desfiguram sua íntima feição – o espírito.

À mulher, em sua escalada libertadora, reservou o século XX considerável colheita que ela usará em favor da harmonia entre os sexos e da fruição da paz entre os povos. Pugna constante deve merecer-vos o egoísmo, origem de incontáveis malefícios. Eliminá-lo é meta que se propõe, renovada, à mocidade. Ao egoísmo substitua o amor, virtude que, na observação de William Law, é infalível, não tem erros, pois todos os erros resultam de sua falta.

Uma palavra execrarei: a palavra *inútil*. Que nada se vos antolhe como tal; o esforço, o estudo, a carreira. Tudo pode ser valioso, desde que desejado voluntariamente e superiormente usufruído. A boa luta redundando em prazer, a vitória gera alegrias, os tentames desafiam e consagram. Necessário é discernir a melhor via;

indispensável é a paixão que exalta a jornada. Goethe proclamou-o com ênfase: *Aquilo que não sentes não deves buscar; É preciso que o queiras e com a alma em fogo.*

Jamais vos contamineis por aquele tipo de peste deflagrada em 1943, quando os exércitos democráticos entraram como libertadores em Nápoles, peste cuja mais repelente característica – di-lo Curzio Malaparte – é a de *transformar a consciência humana num horroroso e fétido tumor*; epidemia que não corrompe o corpo, mas a alma. Os membros ficam intactos, porém dentro do invólucro da carne a alma apodrece. Por outras palavras: *A glória, aquilo a que os homens chamam a glória, está por vezes pesada de lama* (C.M.)

Há direitos que devem ajustar-vos à vida. Não os deixeis murcheçar, nem para vós nem para os vossos parentes, amigos e semelhantes; revigorai-os no dia-a-dia, reclamai-os, exigi-os, sem o que de pouco ou nenhum préstimo será a vossa existência. Direito à família decentemente constituída; direito ao lar, que há de ser mais do que simples moradia; direito à instrução e à assistência médico-jurídica; direito à liberdade de ir-e-vir sem peias nem favores; direito à liberdade de consciência para poderdes ostentar vossas convicções ideológicas, políticas e religiosas; direito ao trabalho livremente escolhido e pago com suficiência, a fim de que a vida seja uma bênção ao em vez de um pesadelo; direito a não ter medo, a não se sentir acuado, a não ser reduzido a um número ou uma sigla, poeira de monturo, lixo dos inquisidores, desterrado na própria Pátria.

Cientes do vosso destino e alertados para o papel que haveis de cumprir na comunidade, não vos serão perdoados a insensibilidade, a tibieza e o conformismo com tudo que possa empanar e impedir o gozo, por vós e por todos, das regalias que ao ser humano cabem por sua essência e pelas conquistas de longe empreendidas, inclusive à força e com sangue.

Por extensão, alardearemos a justiça, o idealismo, a generosidade e a tolerância como ações cotidianas do vosso engrandecimento moral. Ao acicate do desconforto, da pressa, da remuneração

ração exígua, da carestia avassalante, da tecnologia despótica e de tantos outros sucessos que a todos afligem, opõe a compunção, a fidelidade, o altruísmo, o horror à violência e à felonía.

Não aceiteis a Herodes nem a Pilatos como paradigma; não vos seduzam os dinheiros do Iscariotes, mas sejam vossos os gestos samaritanos e exercitai o maior dos mandamentos: *Amai vosso próximo como a vós mesmos*. E deixai que nas ambições desvaíadas se estiolem os guias cegos, aqueles que, no dizer do Evangelista, filtram o mosquito e engolem o camelo. Estareis apaziguados e um tal estado não há preço que o compre. Submetido à pergunta – *para que vivem os homens?* – respondeu o historiador Arnold Toynbee: *para amar, compreender e criar*. Assim devemos pensar todos. *O amor é o único valor espiritual capaz de tornar a vida possível ou, pelo menos, tolerável* (A.T.)

Cultivai o idioma nacional com assíduo empenho; dignificai-o, e também à geografia e à história pátrias, disciplinas graduadas. Sem o conhecimento da terra e da gesta dos antecessores, através da fala e da escrita corretas, não sobreviverá a Nação – mutilada em seus pedestais supremos. Não vos canseis de bem praticar a língua, riqueza cujo acréscimo cabe a todos providenciar, força que é da unidade territorial portentosa, fator de harmonia, conhecimento e devoção. Lutai contra a degenerescência do idioma nos lares, nas ruas, nas escolas, nos veículos de comunicação. Estrangeirismos desnecessários, intrincadas construções, termos de gíria estão a descaracterizá-lo. Mina-se com delinqüente desenvoltura um dos esteios fundamentais da nacionalidade.

Algumas razões são apontadas: as histórias em quadrinhos, dispensadoras da leitura costumeira, e a televisão, que informa e educa pelo som e pela imagem conjugados, desobrigando ao manuseio dos livros. Medidas tomadas pela direção do Colégio Pedro II para acudir à deficiência funesta são proveitosas, porém isoladas – grãos de areia nas compactas dunas da ignorância. E não houve até quem tentasse justificar, em renomada faculdade de letras federal, o emprego dos testes de múltipla escolha no lugar das provas de redação? É cabível que futuros mestres e escri-

tores comprovem o seu preparo distribuindo cruzinhas cegas ao longo de grossos cadernos desprovidos de temas gramaticais e de composições? Freqüentai os bons autores, antigos e modernos; falai e escrevei o idioma imaculado, isento do calão, sem a mesquinhez dos sons desarranjados, soltos como grunhidos.

Gostaria de aconselhar-vos um programa dentre os que vos hão de ser estabelecidos, um compromisso de todos os bacharéis deste ano. Consistiria na defesa do meio físico. Precisamos acudir à Natureza, preservá-la da devastação, das violentas alterações a que a vêm submetendo, irresponsavelmente, todas as camadas sociais. Perigo permanente, doença insidiosa, prematura morte é a poluição. Firmar a regra de proteger o ar que respiramos e a água que bebemos. Que ao barulho suceda a música e às calçadas quentes favoreça a doçura das árvores floridas. Comprometei-vos a salvar as plantas e os animais em extinção, por causa da voracidade desaçaimada. O mundo inteiro, insensato, destrói o que lhe foi dado grátis para a sua felicidade. Nosso comportamento cruel ignora, desgraçadamente, o alarma de Ésquilo ao distinguir em certos povos *um forte imperialismo dirigido contra a natureza*.

Saís do Colégio no instante em que seus responsáveis se preparam para mais enaltecê-lo, pondo-o a serviço do novo humanismo – a aliança da cultura e da técnica. Mantém o Governo Federal, ao educandário, como laboratório pedagógico do ensino médio no País. Sem relegar a plano inferior a habitual formação humanística, o Colégio, afinado com a realidade econômico-social, encaminha-se para o ensino profissionalizante, através de algumas habilitações básicas a serem implantadas já em 1977. Profundo estudo a respeito acaba de ser transmitido às hierarquias ministeriais, aguardando o instituto os recursos financeiros para a preparação do magistério e a instalação das oficinas. Princípios dessa política educativa são o ensino democratizado, a educação para a cidadania e o desenvolvimento, o encontro com as expectativas do alunado e a resposta às perspectivas de mudança econômico-social e cultural.

Notícia alvissareira é a fundação recente de uma sociedade destinada a congregar e assistir os antigos alunos e a cultivar e garantir a tradição do educandário. Podeis ingressar nela, desde agora. Vai a associação pelejar pelos interesses do Colégio, sobrelevante a manutenção das seções componentes das unidades Bernardo de Vasconcelos e Frei de Guadalupe. Não nos conformamos, os antigos alunos, com a mutilação dessas partes. Empobrecido o patrimônio do Colégio, impedir-se-ia nele estudassem milhares de alunos sem condições de fazê-lo nos estabelecimentos do Estado ou nas escolas particulares, por falta de recursos.

Em respirando a atmosfera natalina, desejável é que a nossa mensagem seja uma reafirmação dos melhores preceitos éticos iluminadores da cultura brasileira. Dentro de algumas horas comemorareis um excepcional evento. Sem prejuízo do fervor religioso e do júbilo familiar, lembrai-vos destas palavras fraternas. Defendei com intrepidez os direitos humanos; preservai as riquezas que herdamos e devemos transmitir: o ar e a água limpos, o silêncio, as flores, o riso das crianças, a fé no futuro venturoso. Nas sociedades robotizadas, automatizados os indivíduos, a meta privativa da salvação há de ser o amor. *Todo o homem tem dentro de si um continente não descoberto. Feliz daquele que atua como o Colombo de sua própria alma* (J. Stephen).

(1976)

LADAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Idioma, Estudo e Cultura*

No ambiente educativo este é um ato rotineiro. Ocorre, anualmente, em centenas de estabelecimentos de ensino onde existam aspirantes ao saber e à formação profissional e pessoas capazes de atendê-los. Em cada educandário, porém, o ato assume importância particular ao traduzir inapagável emoção existencial entre seus constituintes. Encerra-se estrênuo atividade, iniciada acaso com apreensão, – presentes agora a alegria e o orgulho pela obra plena desabrochada. No íntimo de seus corações somente os formandos sabem quanto lhes custou em sacrifício e aplicação o curso ora no seu clímax. Guarde-se: empenho e coragem para a ventura e a esperança deste instante supremo. Rejubila-se a Faculdade de Humanidades Pedro II por ter possibilitado o inesquecível momento que a tantos vai abrir horizontes, lançando-os à atividade profissional. Cumprir-se-ão firmes inclinações e continuará indefinidamente o processo educativo.

Desejamos, os paraninfos, transcorra natural esta solenidade, simples e agradável como nos encontros das salas de aula. Bre-

vemente estareis a praticar o mister que até há pouco nos diferenciava. Sois alguns dos muitos cidadãos que optaram pela educação popular. Poderíeis escolher outro labor no rol de centenas oferecidos à primazia comum. Preferistes o estudo, a pesquisa, a cultura, o magistério, que tanto singularizam as pessoas na sociedade, graças à modéstia material que as distinguirá em meio às paixões pelo ouro e pelo *status*. Escolas oficiais e particulares – sabe-se – igualam-se na insuficiência com que remuneram a operosidade magisterial. Expressando tão flagrante axioma não pretendemos desanimar-vos, mas sim declinar uma injusta situação de fato que a todos compete remediar.

Assinalável é o contingente feminino dos cursos de Ciências Biológicas, Física, Química, História, Letras, Matemática e Psicologia. Reflete-se também na FAHUPE o papel que a mulher está a assumir na sociedade. À mulher não foi possível evitar, durante milênios, a predominância do homem, sua prepotência e posseção. Educadora nata, não pôde ela incutir na prole masculina o equilíbrio do mando e a respeitosa camaradagem. Vítima do homem, que a escravizou, vendeu e lhe embotou o cérebro, integrase por fim a mulher em seu real destino, que é participar, na mesma altitude do companheiro, das alegrias e dores deste mundo. O trabalho, compreendido não como o cumprimento exclusivo das tarefas do lar, mas como o emprego das imensas potencialidades do ser humano, libertou-a e engrandeceu-a. Dentre os feitos que vão assinalar o século XX no futuro, a promoção da mulher a todas as atividades e postos constituirá marco indelével. Às formandas que terminaram os cursos na FAHUPE saudamos como expectadores de seus próximos e justificados êxitos.

Poderíamos, à feição de última palestra, desenvolver alguns temas relativos às disciplinas de vossa eleição ou às preocupações que a todos atingem na vida comunitária. Seria excessivo e redundante. Assídua convivência tornou-nos mutuamente conhecidos e já nos levou a refletir sobre as questões do cotidiano e da área pedagógica. Abriremos uma exceção para o idioma em que ireis produzir as tarefas escolares. Repisaremos antiga verdade:

sem a língua nacional bem falada e escrita, relaxa-se a nacionalidade. Duas disciplinas ainda haveréis de enaltecer por toda a existência: a Geografia e a História, sem cuja integração na alma individual perde-se a idéia e o sentimento da Pátria.

Fala-se e escreve-se mal entre nós. No interior, à míngua de escolas; nos grandes centros por ignorância e desdém, fora o reflexo colonialista de que poucos se apercebem. Por exemplo: as histórias em quadrinhos, que não rejeitamos por si mesmas, admitindo-as até como meio auxiliar do ensino. Condenamo-las pela alienação a que sujeitam as crianças e os leitores em geral, fornecendo-lhes paisagens e episódios de todos estranhos à geografia e à história pátrias; condenamo-las pela falta de sentenças e, até, de palavras, substituídas umas e outras por meros sinais geradores de preguiça mental. Disseminadas aos milhões, estimulando a violência e a baixa sensualidade, as histórias em quadrinhos são fator corrosivo da consciência coletiva.

Deturpa-se a língua na imprensa, no teatro, no rádio, na televisão, nos cartazes, nas mais variadas manifestações escritas e orais. Em todos os tempos houve diferentes falares no seio das comunidades. As elites dizem de um modo e as classes desassistidas de outro. Preocupa-nos a imposição de falares artificiais, incompatíveis com as regras sedimentadas pelo tempo, neles inventariadas as extravagantes linguagens de certa juventude, dos tecnocratas coercitivos e das correntes migratórias.

Dir-se-á que alhures sucede o mesmo; ao cabo vingará a linguagem culta. Descremos do argumento. Basta compulsar os grandes jornais e a imprensa alternativa, ler os livros de autores novos, ouvir as falas de alguns programas radiofônicos e televisados para não aceitarmos a objeção. Já não sabemos que língua se deve ensinar: se aquela que a tradição nos transmitiu vivificada pelos dialetos de tantas gentes, se as gírias, os modismos e os patoás que estão a subjugar e destruir um dos esteios da nacionalidade.

Há que reagir contra o pertinaz assalto, definindo para o aluno, com precisão e brio, nossa fisionomia física, enaltecendo com justiça os responsáveis pela emancipação e progresso inter-

nos, recorrendo para tanto ao belo e opulento idioma herdado – amálgama dos linguajares indígenas e africanos, produto das contribuições germânica e italiana, somatório dos idiomas árabe e japonês –, para nos atermos às influências maiores –, todos subordinados aos ditames do português quinhentista desprendido do latim e secularmente evolucionado.

Adultos, sabeis o que desejais. A maioria de vós já adquire, trabalhando, o amargo pão diário. Conselhos, lições, por melhores que fossem, iriam de encontro às vossas experiências. A criação dos filhos e a sobrevivência nas tensões da rua e do emprego geram normas de conduta insuscetíveis de mudança. Que poderíamos pregar-vos nesta hora? Nada, em rigor, que não traduzisse re-velhos conselhos emoldurados de gentis palavras. Abstemo-nos, pois, de ensinar-vos a viver... Todavia, dois pontos de nosso encargo justificam breve dissertação.

O primeiro refere-se ao estudo. É preciso, é indispensável que não pareis de ler, ouvir e assimilar na seara escolhida. Os cursos ora encerrados representam apenas o vestíbulo do imenso edifício a ocupar. Professores há que remoem, a vida toda, o aprendido no início da carreira. Constituem a imagem negativa de nossa categoria profissional. Também há os que não assinam publicações, desertam as bibliotecas, menoscabam as novidades pedagógicas, enclausurados em arrogante postura.

Uns erraram a vocação; outros perderam as energias aos primeiros embates; e ainda outros alegam falta de tempo ou a baixa paga do seu trabalho. Desestimulados, ressentidos, vagueiam pelas escolas, quais sombras desencarnadas, quando podiam iluminar e aquecer como sóis.

Não os imiteis. Para uma das queixas, a saída é pleitear, sob o império da lei e junto aos órgãos adequados, a remuneração cabível pela nobilíssima atividade exercida. Faz tempo deixou o magistério de eregir-se em sacerdósio. Sugou-lhe a importância a sociedade capitalista competitiva e desmistificadora. Peça-se, rogue-se, lute-se por salários suficientes, mas não se deponha a bandeira do dever com escusas desprovidas de ética.

Diz respeito o segundo ponto à cultura. Comum é o professor fechado na sua concha em meio a efervescente arquipélago; alheio ao que se passa em torno, que é a vida variegada e fascinante. Professor de uma disciplina, conhecedor de um único assunto, héracles de um só braço, enfezado no restante do corpo.

No consenso dos séculos, professor é autoridade e qualidade, harmonia de um conjunto de partes artísticas e científicas tendentes à ação integradora do indivíduo no universo. A missão por ele desempenhada concede-lhe caráter exclusivo, excepcional, superior aos demais. Padrão, conforma; concorde, une; típico, identifica.

Sua cultura há de ser geral e circundante, enlaçando o mundo todo, a terra, a humanidade, a urbe, o sujeito. Portanto, *nada de concessões ao espírito de especulação, que é o espírito da morte no estado atual do trabalho humano* – como severamente advertiu Lucien Febvre.

Forçoso é

*quebrar os quadros abstratos, ir direto aos problemas que o homem não especializado traz em si. Com isto a unidade do espírito humano, a unidade da inquietude humana diante do desconhecido tornar-se-á sensível a todos.*

Os tratados e manuais de nossas respectivas ciências só terão valor humano quando forem animados pelo amplo espírito da unidade científica (*Contre l'esprit de spécialité, 1933*).

(1978)

LABAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *O Colégio e a Educação Nacional*

Dez mil alunos, a partir dos 6 anos de idade, preponderante o sexo feminino; alunos distribuídos por 7 colméias sediadas em 5 bairros, aos quais servem 2.600 funcionários entre professores, burocratas, engenheiros, médicos, arquitetos, advogados, assistentes sociais, comunicólogos, merendeiras e outras categorias profissionais – eis o Colégio Pedro II hoje; educandário que há dois séculos e meio (1739) iniciava sua imprevisível existência como casa de órfãos desvalidos – os meninos de São Pedro –, graças a um anônimo sacristão-mór, ao Governador Gomes Freire e ao benemérito Bispo Frei D. Antonio de Guadalupe. Agasalhava-os este à sombra da Igreja e, com eles mendigando, preparava-os para servir à sociedade. Colégio de São Pedro, modestíssimo estabelecimento que habilitava para o sacerdócio, outros ofícios religiosos e ocupações subalternas; instituição de ensino primário e profissional que até 1837, já transformado em Imperial Seminário de São Joaquim, se torna “viveiro de padres”, no juízo de Escragnolle Doria.

Foi a este Seminário que o estadista Bernardo Pereira de Vasconcelos (1795/1850) converteu no Imperial Colégio de Pedro II, na Regência de Pedro de Araújo Lima. Fechado ao tempo de D. João, foi reaberto por Pedro I, que lhe restituiu, mingüado, o secular patrimônio. Achava-se então entregue à Câmara Municipal e em decadência. Ministro efetivo da Justiça e interino na pasta do Império, Vasconcelos destinou o estabelecimento aos estudos secundários e de preparatórios à admissão aos cursos superiores (2/XII/1837). No dia 25 de março de 1838 era o novo educandário inaugurado e entregue ao reitor Frei Antonio de Arrábida, Bispo de Anemúria, antigo preceptor dos príncipes D. Pedro e D. Miguel e primeiro diretor da Biblioteca Nacional. Presentes estavam o Imperador, o Regente e o Ministério.

Volvidos 244 anos reencontra o instituto suas origens ao inaugurar, com êxito (1984), o ensino do 1º segmento do 1º grau – antiga instrução primária, ora propiciada nos apelidados **Pedrinhos**. Festejamos, pois, 247 anos da fundação do Colégio Pedro II, consideradas as casas que lhe deram origem e continuidade, ou 149 anos da reforma que lhe pôs o nome glorioso do segundo Imperador (“Serenos aguardarei no meu jazigo/A justiça de Deus na voz da História”). De uma ou outra forma, é o Colégio o mais antigo educandário do seu gênero existente no País, não podendo equiparar-se-lhe uns poucos liceus provinciais criados antes.

Impulsiona o Colégio, desde março de 1979, o professor Tito Urbano da Silveira. Ao assumir-lhe a direção encontrou-o esvaziado, com apenas 4 mil alunos. Aumentou-o para 10 mil (já teve 17 mil na década de 60). Recentes grandes benfeitores da Casa são o Presidente João Figueiredo e o Ministro Rubem Ludwig. Facultaram-lhe moderna estrutura, conforme os ditames da pedagogia e as aspirações do professorado interno, e asseguraram-lhe as verbas indispensáveis à sua expansão. Fora as atividades naturais de um estabelecimento da importância do Colégio, acrescentou-lhe muitas outras o professor Tito Urbano, repondo-o na condição de instituto modelar do ensino médio.

Cresceu o número de educandos e das unidades escolares; subiu a remuneração dos professores – 70% dos quais trabalham sob o regime de 40 horas semanais, aguardando os outros a breve concessão dessa prerrogativa. De 20 para 36 aulas passou a carga curricular. A História e a Geografia são lecionadas como disciplinas autônomas. Tornou-se obrigatório o Desenho, e também o Francês, o Inglês, o Latim e a Filosofia. Criado foi o curso de aprimoramento para alunos da 3ª série que se destinam às escolas superiores. Mantido está o ensino profissionalizante, diluído por diversas operações. Amplia-se a orientação vocacional a partir do 2º grau como medida adequada das inclinações discentes à realidade do mercado de trabalho. Instituído como fator educativo e cultural, funciona o Museu do Colégio na Unidade-Centro. Em defesa do meio ambiente, encontrou a Ecologia ampla receptividade entre os alunos; o Colégio mantém setor próprio para sua difusão. Cinco mil refeições diárias são fornecidas ao alunado, com o melhor proveito para a ação educativa. Pioneiro da merenda escolar no ensino secundário, tendo à frente o professor Clóvis Monteiro, antigo diretor do Colégio, mantém-se hoje o estabelecimento na dianteira dessa benfeitoria. Pela Caixa Escolar são atendidos 3.000 alunos carentes.

Educandário de origem democrática, prossegue o Pedro II a exprimir sua estrutura liberal. Última evidência é a eleição convocada pela Diretoria-Geral para escolha dos diretores de unidades, chefes de departamentos e coordenadores de ensino; eleição limpa, fiscalizada pela ativa Associação dos Docentes. Também o funcionalismo administrativo se organizou para a conquista de suas aspirações e defesa de seus interesses. Festas co-patrocinadas pelas famílias dos educandos, atos cívicos e religiosos com a participação das comunidades locais, vibrantes reuniões dos professores atestam o cunho democrático do insigne educandário.

Costuma a educação refletir determinado estágio econômico-social, por ela também formado e mantido. Não há educação no vazio, nem pode ser tão idealista que fira a realidade. Assim compreendida, tem a instrução propiciada no Colégio Pedro II retratado

a evolução política do País com a objetividade possível, creditados os acertos e as distorções às mais altas hierarquias. Erros e crises espelham antes a sociedade que o indivíduo. As circunstâncias ditam normas e apuram comportamentos. Ora o Colégio é paciente, ora é agente; baixa e se eleva conforme as conjunturas. Poderá, poderia ser melhor do que é? Só por desvio da regra evolutiva. No presente, ponderada a situação econômica, política e social, nenhum lugar lhe caberia que não fosse o que ocupa, de tanto relevo e de promissor futuro.

Secou em certa fase dos últimos governos militares; cresceu nesta década, beneficiário da volta ao Estado de Direito. Sua sorte será decidida pelo caráter dos que houverem de influenciar a causa pública, exigida a assistência de quantos por ele se notabilizaram. Aos antigos e atuais alunos, ao magistério e ao funcionalismo, aos chefes de família cabe pleitear e vigiar para a grandeza da instituição. Excede seu presente e seu porvir a operosidade dos administradores; são domínio comum.

Outrora foi o nobre Colégio casa de instrução profissional e de humanidades; recentemente procurou aplicar o ensino profissionalizante, por força da Lei nº 5.692, de 1971, ainda em vigor com alterações (Reforma Jarbas Passarinho); e cumpre agora novo rumo: nem o pragmatismo da escola de procedência norte-americana, nem o retorno – inconcebível, mas alardeado pelos adversários da Casa – às humanidades clássicas, medievais. Concorre para fixar a já denominada *escola brasileira*, com base na veracidade nacional e a partir do Manifesto dos Pioneiros (1932).

Por dilatado tempo foi o Colégio a medula do ensino superior, quando a este faltava o magistério especializado. E acabou por fundar a Faculdade de Humanidades Pedro II, geratriz de seu próprio professorado, afinal transferida para a iniciativa particular. Agora que os discutíveis castigos corporais voltam a ser aplicados em escolas européias, convém lembrar que o Colégio foi o primeiro estabelecimento de ensino, entre nós, a suprir a palmatória e a cafua ou prisão.

Eram públicos seus exames, com distribuição de prêmios aos mais distinguidos. O diploma isentava o “bacharel em letras” – 7 anos de estudos – dos exames preparatórios nas escolas superiores. Habitou-se D. Pedro de Alcântara a assistir às provas finais, como também comparecia assiduamente ao educandário, indo à cozinha experimentar a qualidade dos alimentos servidos aos internos. No externato, à sua chegada, repicavam os sinos da Igreja de São Joaquim, tangidos pelo negro Pirro, perito caçador de coxujas que ia vender aos negociantes de animais empalhados, na rua do Ouvidor.

Da conversão (1837) até o final do século XIX – Brasil agrário, parque industrial incipiente – esteve o Colégio voltado para as humanidades, e disso mostrou-se cioso. Era um núcleo de estudos literários. No *Relatório* do Ministro e Secretário de Negócios do Império, Antonio Ferreira Viana, bacharel da turma de 1850, há um parecer do professor Barão de Tautphoeus digno de menção. Escrevia o Barão: independe o Colégio “da maior ou menor afluência de alunos”, podendo “conservar-se em uma altura literária e científica superior ao nível geral da instrução secundária”. Isto é: sustentava-se com as verbas oficiais; outras instituições de ensino subordinavam-se ao estipêndio privado. Apesar do entrave, alguns estabelecimentos floresceram, a exemplo das casas mantidas por Abílio César Borges e João Pedro de Aquino – notáveis educadores.

Por esse tempo consultava o Governo aos professores do Pedro II sobre as reformas dos estudos e estas partiam dos pareceres por eles oferecidos. Tal era a posição do Colégio no cenário nacional. O ensino científico e o das línguas vivas já era tido como indispensável em meados do século XIX. Segundo Ferreira Viana, podia o Colégio elevar a 8 o número de anos do seu curso, e com ele as demais casas de ensino, públicas e particulares. Insistia-se em revesti-lo da praxe humanista. Criasse o Governo estabelecimentos específicos para o preparo dos alunos destinados à instrução superior ou às carreiras industriais. Haveria o Pedro II de restringir-se às profissões liberais. Ferreira Viana advoga a formação

especializada do professor, até ali auto-didata. Estranhava se exigisse diploma ao mestre de primeiras letras e se deixasse de fazê-lo ao lente do ensino secundário (“preparação didática”). Urgia criar faculdades de ciências e letras, dotar o Império “com a suprema instituição do ensino universitário”.

Se em 1841 ocupavam as humanidades mais de dois terços do currículo oficial, já o Regulamento de 1854 previa estudos conciliáveis com a fase social decorrente da diversificação econômica. Pressuponha-se o ensino da Aritmética de maneira prática. Ao “uso da vida” – textual – deviam conformar-se os princípios das ciências físicas e da História Natural. Também se lecionou Agrimensura, como disciplina experiente. Entende Valnir Chagas que, antes do Regulamento, já se nota um “esforço nítido para a integração dos conhecimentos clássicos e modernos” e a incorporação das línguas vivas (*Educação Brasileira: O Ensino de 1º e 2º Graus*, 1978). Suplantava-se o período, o apogeu das humanidades, centradas nos idiomas antigos, na Retórica e na Filosofia.

Neste passo há de responder-se aos críticos do Colégio, afeitos a atribuir-lhe ensino arcaico, irreal. Sobre ser falsa, a censura denota ignorância dos mecanismos pedagógicos. Poderia o Pedro II – “exemplo ou norma a seguir”, como proclamou Vasconcelos – destoar das linhas mestras da legislação? Longe de impor aos educandos a condenável “cultura ornamental”, tem-nos aprontado para os misteres da vida e as obrigações da cidadania. E sempre na vanguarda pedagógica. Se os governos tergiversam e afundam em seus planos econômicos e educativos, culpa não lhe cabe. Nem sempre o Colégio é origem, mas é sempre resultado.

Onde a cultura ornamental, as desditosas humanidades? No começo da República, Benjamin Constant quis impor ao Colégio o ensino dos Trabalhos Manuais, do Direito Pátrio, da Economia Política, da Agrimensura pela prática da Agronomia e a Instrução Moral e Cívica no lugar de Religião. Antes de findar o século, propunha Rui Barbosa (*Parecer*) mantivesse o Colégio, além do bacharelado, mais seis cursos: o de Finanças, o de Comércio, o de Agrimensura e a Direção de Trabalhos Agrícolas, o de Maquinis-

tas, o Industrial, o de Relojoaria e Instrumentos de Precisão! Pela vontade de Rui, acabava o Colégio se metamorfoseando num instituto politécnico, polirrítmico ou polivalente – como foi moda se dizer até há pouco. E do qual é possível descenda o Ginásio Orientado para o Trabalho, panacéia de que se lançou mão recentemente para *salvar* do naufrágio o eterno ensino periclitante... O sistema pluricurricular que Rui procurou introduzir no Brasil viria a ser a *comprehensive high school* americana, “eletiva em vez de seletiva”, segundo James Bryant Conant, 1967 (V. Chagas, ob. cit.). Não vingou a tentativa de formação profissional. Se vingasse, não carregaria o Colégio o malfadado símbolo humanista.

A ciência e a tecnologia imperam no presente. Esvai-se a era do ensino verbalista. Para nós, do educandário-padrão, a tese está definida. A crise do sistema oficial de ensino e até do particular decorre, não da falta de firme ideologia ou política educativa, mas de recursos copiosos. Ainda uma vez, a instrução é adjetiva; substantivo é o financiamento. Atendido em suas precisões, patenteia o Colégio o equilíbrio entre a mão e o cérebro, a convivência do Latim com a Informática. Receio não haja pela sua sorte. “A melhor escola é a que mais se aproxima do mundo real” (William Romey, 1973). A nação, afiançava já o Ministro Francisco Campos em 1932, “não é apenas ordem jurídica e ordem moral; é antes de tudo uma usina e um mercado”. Insista-se: o valor social, político e cultural da educação, hoje, é questão de investimento.

Jungido aos interesses gerais do povo, prepara o Pedro II seus alunos para a auto-realização, o trabalho, o lazer e a cidadania. Atende aos objetivos da lei e reafirma secular tradição. No limiar das comemorações do sesquicentenário da criação ou reforma do Colégio seja-me permitido parafrasear aquele anônimo que, no auge da ebulição estudantil de 1968, inscreveu nas velhas paredes da Sorbonne um desafio aos educadores tranceses. Como ele ouse pedir aos responsáveis pelo Colégio Pedro II: “sede realistas, persegui o impossível”!

*Aula inaugural – III/1986.*

## *Lembrança do Professor Oiticica*

Conheci José Oiticica em atmosfera de pânico. Passados alguns decênios, ainda me recordo do episódio com nitidez. Ia submeter-me ao exame de admissão para o Colégio Pedro II e certos familiares azucrinavam-me: – *Esse Oiticica é uma fera. Preste atenção às perguntas que ele lhe fizer e procure responder sem pressa. Pense bem antes de abrir a boca.*

No dia da prova, sentaram-se à mesa alguns dos mais renomados mestres do célebre educandário. Na presidência, o mitológico Oiticica, professor de Português. Cabeça vazia, língua presa, louco por esgueirar-me da sala cheia de estudantes, eu todo era um vime a tremer. Quase não podia suster-me em pé. Fui interrogado por duas daquelas olímpicas sumidades, ao mesmo tempo que outros candidatos também o eram. Percebi que Oiticica procurava inteirar-se dos trabalhos, fixando-se ora num, ora noutra examinador e em suas vítimas... Chegou a vez de ele me inquirir e sucedeu que alguém veio procurá-lo. Oiticica deteve-se a palestrar por instantes que me pareceram horas. Pude, então, observá-lo. A

cabeleira era basta e negra, com alguns fios brancos a se destacarem. Penteava-a para trás, ficando a descoberto a testa ampla e brilhante. A barba era cerrada e preta, o tronco largo, as mãos pequenas e peludas.

Olhou-me serenamente e disse com voz melodiosa: – *Então, meu rapaz, quiseram derrubar-te?* (Referia-se aos seus colegas de banca). *Por mim, estou satisfeito. Podes ir.*

A sentença não me relaxou a tensão: agravou-a. Decepcionei-me. Tanto tempo levava a preparar-me para enfrentar o monstro e ele, agora, virava-me as costas, sem ânimo de luta...

Fui aluno intermitente do Professor José Rodrigues Leite e Oiticica; intermitente mais por culpa dele do que minha. Conveniências domésticas me faziam mudar de turno, indo ora para a manhã, ora para a tarde, e assim nem sempre podia seguir as turmas de que ele se ocupava. Quanto a Oiticica, eram freqüentes suas detenções por motivos políticos, os quais, nós, os alunos, mal sabíamos intuir. Ficávamos semanas sem a sua presença marcante. Aguardando-lhe o retorno, ostentávamos um ar de orgulho pelo mestre tão importante que a polícia estava sempre a encarcerar.

Oiticica era professor severo, não cortejava o aluno e dele exigia inteira aplicação. Vez por outra, pilheriava com um de nós, passava rasteiras – que ele se julgava emérito capoeira – e discorria sobre os direitos do cidadão, enveredando pelas aulas de instrução moral e cívica, domínio específico de Monsenhor Mac Dowell. Enquanto ia à pedra escrever ou andava pela sala, eu examinava-lhe a voz, os gestos, as roupas, o físico (era de estatura mediana, porém corpulento). Dele se desprendia vigor e altivez. Parecia um leão prestes a estraçalhar a presa. Misto de cordura e violência, esse Oiticica tão afamado e temido era autor de dois livros que os estudantes do meu tempo, pelo Brasil fora, leram e se esforçaram por aprender-lhe a doutrina: *o Manual de Análise* e *o Manual de Estilo*.

Chegado ao magistério do Pedro II, fui ser colega de Oiticica. Senti-me envaidecido – por que não dizer? Andar com ele pelos corredores, saborear o cafezinho ao seu lado nos intervalos das li-

ções, ouvi-lo discorrer sobre a situação política, degustar-lhe os ensinamentos, ser o confidente desse homem intrépido, conferia-me um lugar no estabelecimento que outros professores e circunstâncias, juntos, não me dariam nunca. Em pouco, manifestaram-se as desvantagens de tão apreciada camaradagem. Fui alertado para o perigo da convivência assídua com o *anarquista*. Houve quem me contasse hipotéticos horrores do comportamento daquela cultura robusta que eu tanto prezava. – *Péssimo companheiro, exclamavam. Sequer cumprimenta seus pares. Na Congregação vota contra as decisões da maioria. É soberbo e mal criado!*

De fato, Oiticica revelava procedimento singular. Não era de conventículos ou de tergiversações. Falava sempre alto e retamente. Pouco se lhe dava agradar ou não ao ter que exprimir seu pensamento. Entrara para o Colégio após memorável concurso, entendendo nada dever senão aos seus próprios méritos. Era e queria ser independente dos grupos afeiçoados à alta administração. Tal propósito angariou-lhe desafetos e inimigos, com os quais – afirmo-o com absoluta certeza – nunca se importou. Era como se não existissem. Nem os combatia nem os desprezava. Simplesmente ignorava-os.

Vi Oiticica, muitas vezes, subir e descer a majestosa escada que, da entrada principal, dá acesso ao segundo pavimento do Colégio. Passavam por ele colegas que o cumprimentavam aberta ou cerimoniosamente. Oiticica portava-se como se privado fosse da vista e dos ouvidos. Com indiferença, seguia caminho sem responder às saudações. Seu alheamento – confessou-me – decorria do caráter frouxo que surpreendera em muitos dos companheiros. Avaliando-os bem, preferia poupar-se tempo com fúteis demonstrações de urbanidade.

Extensa e sólida era a cultura de Oiticica e isso ainda mais o distanciava da maioria dos companheiros de ofício. Sua formação era a de um humanista. Versava as línguas mortas e vivas com igual segurança, notadamente o grego, o latim, o alemão e o francês. Do vernáculo era o mestre reconhecido numa casa onde haviam pontificado Fausto Barreto, Carlos de Laet e Said Ali, e onde

lecionava um outro vulto por tantos títulos admirável – Antenor Nascentes.

Demais, destacava-se por seguir o anarquismo, ideologia que o governo repudiava e seus confrades temiam, sem que intentassem conhecê-la. Com desassombro, Oiticica inculcava-a, dentro e fora do instituto oficial. A atitude valia-lhe dissabores e prejuízos. Sempre me pareceu que à exceção de um ou dois ingênuos prosélitos que haja feito no Colégio, sua fremente pregação não rendeu os frutos copiosos por ele entresonhados. Recordo-me que, enquanto aluno, encontrei-me umas poucas vezes entre condiscípulos, no Passeio Público, a ouvir dos lábios de Oiticica as mais circunspectas preleções sobre o mundo do futuro – livre de governantes, fraternalmente unidos os indivíduos, e o mel a escorrer para as bocas desafogadas... Sua prédica não encontrou eco no meu espírito. Eu o ouvia com respeito, mas sem o menor gosto.

Muitos anos depois vim a ler um pequeno jornal escrito e editado por Oiticica, exclusivamente dedicado à propaganda anarquista. Nele o professor transbordava de cólera contra as iniquidades sociais e espargia miríficos devaneios em torno das excelências vindouras. Em certo número da publicação, Oiticica desancou um poema de Manoel Bandeira, de cunho futurista e versando o púbis feminino. Fê-lo muito compenetrado, como se o atraente triângulo capilar fosse acirrado inimigo dos proletários e camponenses, a exigir extermínio total. Bandeira fora colega dele no Colégio Pedro II, onde lecionou Literatura.

Outro camarada do estabelecimento-padrão foi alvo de um ataque extemporâneo de Oiticica. Este, como de costume, agiu segundo seus impulsos honrados e não por inveja, despeito ou misérias afins. Oiticica e Nascentes eram amigos e compadres. Livro publicado por um, outro logo o recebia. Dessarte iam vivendo e estreitando os laços íntimos. Nascentes, mais produtivo, divulgou em anos sucessivos quatro valiosos volumes sob o título genérico de *O Idioma Nacional*. Um a um, remeteu-os a Oiticica. Este agradecia as ofertas verbalmente e ficava por aí. Até que uma ocasião, após meses de cadeia, entrega ao compadre um grosso maço de

papel contendo sua apreciação dos livros. E que apreciação! Doeu-se Nascentes, não tanto pelas observações do colega, mas pela demora com que as compôs quem delas era devedor desde os primeiros instantes. Em consequência da inoportunidade da crítica, os dois andaram estremecidos durante algum tempo. O que mais atingiu Nascentes foi o fato de o compadre haver-se aproveitado das férias forçadas para, somente então, ler-lhe as obras didáticas.\*)

José Oiticica exauriu-se a ensinar. Ministrava até dez aulas por dia, cobrando pouco ou nada. Lecionava prazerosamente. Fora o destino que lhe coubera – assim o cria, penso. Contraditório, aliás, esse destino. Anarquista por convicção segura, coube-lhe comprimir milhares de alunos em severíssimas regras de gramática. E ai de quem falasse ou escrevesse mal a língua pátria ao seu lado! Anarquista e agnóstico, tornou-se mestre da Sociedade dos Rosas Cruzes, na Tijuca, onde o acompanhei em alguns vagares, vendo-o adornar-se com o balandrau de sacerdote e ensinar canto aos neófitos. Durante as cerimônias no templo, Oiticica supunha relacionar-se com as almas que regem o orbe como adjuntos de Cristo...

Para chegar ao Trapicheiro, donde, a pé, atingia o templo, Oiticica tomava o bonde Aguiar-Fábrica, no qual também eu costumava viajar. Conversávamos da Praça Tiradentes até a Tijuca. A meio do trajeto e com a maior naturalidade Oiticica abria volumosa pasta repleta de livros e cadernos, e dela retirava bananas e chocolates que ia mastigando lentamente. Era a sua sóbria refeição vespertina, da qual tantas energias sorvia para os atos religiosos e as aulas tardias.

Acreditava Oiticica em seus dotes de poeta; entretanto, não passou de um versejador de modesta ressonância. Os sonetos que

(\*) Quem se interessar pelo assunto poderá ler a extensa carta de Oiticica a Nascentes, datada de janeiro de 1938, no livro do primeiro intitulado *Roteiros em Fonética Fisiológica, Técnica do Verso e Dicção*, coligidos e revistos por Almir Câmara de Matos Peixoto, Edição da "Organização Simões", Rio, 1955. A resposta de Nascentes encontra-se nos seus *Estudos Filológicos* (1ª série), Civilização Brasileira Editora, 1939.

compôs têm excelente vocabulário, rimas adequadas e métrica impecável, porém falta-lhes a centelha do verdadeiro artista. Não foi tocado pela graça poética. Nesse campo, como no anarquismo, falhou. Eram missões acima de suas forças, miragens que iludiram uma alma tão luminosa como a sua.

Às voltas com uma vida áspera; degredado, preso e perseguido; extenuado por tantos trabalhos cerebrais; rico somente de anseios perfectivos, Oiticica partiu sem nos legar a obra imortal que seus fundos conhecimentos filológicos permitiam. De Antenor Nascentes lembrar-se-á, sempre, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. De Oiticica ficará o *Manual de Estilo* e só – o que, perante a posteridade, talvez não justifique o imenso valor que os contemporâneos lhe reconheceram. Sem maior apoio em fatos concretos, restará a recordação de um nobre espírito consumido no altruísmo.

(1977)

LADAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Oiticica: Messias e Educador*

Passou a 22 de julho de 1982 o centenário de nascimento de um dos maiores mestres do Brasil: José Rodrigues Leite e Oiticica, nascido na pequena cidade de Oliveira, Minas Gerais – *por acaso*, como ele costumava responder a quem não lhe desconhecia a ascendência nordestina. Filho do Senador Francisco de Paula Leite e Oiticica, viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde faleceu a 30 de junho de 1957, aos 75 anos, após intensa atividade intelectual.

Jornalista, poeta, teatrólogo, musicista, sociólogo, contista, militante do anarquismo, filólogo, foi no magistério, porém, que se tornou mais conhecido e acatado. Exerceu-o desde cedo e só a morte lho suspendeu. Ao Colégio Pedro II serviu durante 35 anos, com interrupções devidas aos freqüentes encarceramentos por motivos ideológicos.

Os estudos secundários cumpriu-os em Petrópolis e no Rio de Janeiro. Nesta cidade foi aluno brilhante do Colégio Paula Freitas, vindo a concluir os preparatórios aos 15 anos. Um de seus

condiscípulos, com o qual bastante se acamaradou, chamava-se Lima Barreto. A seguir, na Escola Politécnica, obteve o grau de desenhista. Coursou depois duas faculdades de ciências jurídicas – uma no Recife, outra no antigo Distrito Federal. Formou-se por esta em 1902, mas não exercitou a advocacia. Por fim, estudou medicina até o quarto ano. Tanta diversificação já pressagiava o futuro labor multiforme de José Oiticica – tido por muitos como sábio.

Desde os tempos de estudante adotou alguns hábitos que acabariam por singularizá-lo. Fez-se vegetariano por convicção filosófica, jamais tendo ingerido qualquer tipo de carne proveniente do céu, da terra ou da água. Nunca fumou e não consumia bebidas alcoólicas. Da medicina oficial desligou-se, admitindo tratar-se apenas pelo que os anarquistas viriam a chamar de hipocratismo naturopático. Somaram-se estas normas a uma prática religiosa de profunda espiritualidade que Oiticica chegou a conciliar com o caráter materialista do anarquismo. Anos a fio, consagrou-se, como grão-mestre, à Fraternidade de Rosa Cruz, para cujos seguidores traduziu livros da língua alemã.

José Oiticica atingiu o anarquismo por indução própria, antes de conhecer a obra clássica de Kropótkin – *O Anarquismo e a Ciência Moderna*. Valeu-lhe em suas cogitações o primo Ildefonso Falcão, jornalista e professor, que lhe propiciou a leitura de opúsculos especializados em francês e espanhol. Isto na alvorada do século. Daí para a frente sedimentou seus conhecimentos com a militância junto à classe operária nos sindicatos. Doutrinador sincero, veemente e generoso, jamais arrefeceu ou omitiu as convicções que o levaram ao cárcere muitas vezes e criaram-lhe duras dificuldades pessoais e familiares.

Por mais de meio século José Oiticica pugnou nas hostes anarquistas, encarnando a doutrina com argúcia e desprendimento. Foi um líder notável entre uns poucos mais que, resolutos, agiram em favor das massas obreiras desprotegidas do Estado e largadas à exploração capitalista. Seus companheiros de luta chamaram-se Astrojildo Pereira, Otávio Brandão, Elói Pontes, Edgard Leuenroth, entre outros. Desses, dois abjuraram o credo niilista para seguirem

o comunismo, cujo partido Astrojildo ajudou a fundar em 1922. Por considerá-los traidores do movimento operário, combateu-se Oiticica até a morte. Tal era o vigor de sua convicção nunca enfraquecida.

A partir de 1912 sofreu duros isolamentos em consequência do seu ideal. Situação particularmente difícil viveu-a em 1918. Foi desterrado para Alagoas. Dera-se no ano anterior o advento da Revolução Russa, que iria desaguar no comunismo, graças à empolgadura do poder pelos bolcheviques. Na capital da República ocorreu a greve em comemoração ao extraordinário evento.\* Dezenas de milhares de trabalhadores desfilaram pelo centro do Rio de Janeiro jubilosos com a vitória daqueles irmãos de classe. Os cabeças da passeata foram detidos. Oiticica esteve preso no Regimento de Cavalaria da Rua Evaristo da Veiga. Outras prisões verificaram-se nos governos de Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luís e Getúlio Vargas. Algumas delas foram nas ilhas Rasa, das Flores e do Bom Jesus.

Polígrafo, deixou José Oiticica mais de dois mil trabalhos impressos em jornais e revistas – quantidade que, pelo mérito indiscutível, está a exigir a devida classificação por setores, a fim de ser publicada em livros. Durante cinqüenta anos praticou o jornalismo nas principais folhas do Rio de Janeiro e em pequenos órgãos fundados e mantidos por ele próprio e por sectários da doutrina. Sua colaboração nesses veículos revela um excepcional publicista, fato incomum na imprensa brasileira. Foi redator do poderoso *Correio da Manhã* e do influente *Jornal do Brasil*; professou no *Diário Carioca*, onde manteve uma seção de crítica musical, n'A *Rua* e n'O *Mundo* e fundou a *Ação Direta*, de propaganda anarquista, que saía ora como semanário, ora ao mês. A estréia da

(\*) Influência, sim, dos acontecimentos ocorridos em Petrogrado, mas real tentativa para derrubar o Governo de Delfim Moreira, interinamente na Presidência da República, em virtude da saúde precária do Presidente Rodrigues Alves, que não pudera empossar-se no cargo. Oiticica era um dos chefes do conselho diretor da chamada *insurreição anarquista*. Traído, foi preso e deportado.

Ação data de 1929. Interrompida devido à longa estadia do Redator na Alemanha, voltou a circular de 1946 a 1956, no Rio de Janeiro.

Com Astrojildo Pereira, Oiticica fundou os jornais partidários *Spartacus* e *Voz do Povo*, de grande préstimo entre o proletariado. Em 1925 era distribuída clandestinamente, nas fábricas e outros locais de trabalho, a folha *5 de Julho*, redigida por Oiticica em favor dos insurgentes de 1922 e 1924. Sobre a pregação libertária do extraordinário humanista, há significativa amostra na antologia organizada por um seu discípulo, em 1970.

Na condição de jornalista José Oiticica discutiu com notáveis figuras das nossas letras, em defesa dos ideais libertários. Impeli-o a paixão partidária, reacendida a cada dia. Entre muitos, enfrentou Pontes de Miranda, Evaristo de Moraes, Andrade Murici, Tasso da Silveira, Perilo Gomes, Osório Duque Estrada e Leonel Franca. *Polêmicas destroçadoras*, qualificou-as Cândido Jucá Filho, amigo de Oiticica e, também, professor catedrático de Português no Colégio Pedro II. Ainda de Jucá é esta observação sobre o insigne confrade: *Escrevia febrilmente, desapoderadamente*.

Ao desistir das profissões de advogado e de médico, Oiticica enveredou pelo magistério, indo lecionar a disciplina de História no Colégio Paula Freitas, onde adquirira fama de excelente estudante. De parceria com a mulher – Francisca Bulhões, sua prima –, funda no bairro do Leme, em 1906, o Colégio Latino Americano, nele introduzindo novos processos educativos. O eixo do ensino assentava no manualismo pedagógico – tal como por mim descrito no ensaio *Trabalhos Manuais no Currículo Secundário*, volume IX do *Anuário* do Colégio Pedro II.

De 1908 a 1909 Oiticica dirigiu o Colégio Municipal de Laguna, em Santa Catarina. Em 1910 submeteu-se a concurso público para professor do Instituto Benjamin Constant, tendo obtido o primeiro lugar. Mas não foi nomeado, como também não o fora, um ano antes, ao lograr a primeira classificação no concurso para redator da Câmara dos Deputados. Em ambos os casos, por perseguição ideológica. A cátedra de Português do colégio-padrão conquistou-a em 1916, após sobrepor-se à intolerância religiosa e filosófica de confrades retrógados e despreparados.

Socorreu-o, decisivamente, um adversário de idéias, o temível conde Carlos de Laet, membro proeminente da congregação do Colégio Pedro II, que protestou contra o esbulho do candidato, a pretexto do anarquismo e do ateísmo difundidos por ele às claras. *Não somos policiais nem membros do Santo Ofício para persegui-lo e julgá-lo* – disse Laet perante a junta examinadora. E concluiu: as provas a que se sujeitou Oiticica *revelam um talento e uma cultura invulgares*. Afinal, aprovado por unanimidade, foi nomeado pelo Ministro da Justiça Carlos Maximiliano, advertido a tempo contra a espoliação tramada. *Mestre exemplar e incorruptível, jamais se dobrou diante de uma influência*, proclamou seu amigo e correligionário Roberto das Neves.

No Pedro II Oiticica ensinou durante 35 anos, até 1952, quando da aposentadoria compulsória. A tese com que obteve a cátedra intitula-se *Estudos de Fonologia*. Oferecida a Coelho Neto (*amizade e gratidão*), foi escrita em quinze dias, em substituição à *Gramática dos Lusíadas*, que o candidato, por *curteza do prazo*, não concluiu. Para os seus alunos e demais estudantes escreveu o *Manual de Análise (Léxica e Sintática)*, 1919, e o *Manual de Estilo*, 1926 – ambos com acolhimento folgado nos meios filológicos e lingüísticos. Ainda em decorrência do magistério redigiu e publicou, de seu sóbrio bolso, 16 fascículos do *Novo Dicionário Popular da Língua Portuguesa (Prosódico e Ortográfico)* e escreveu uma obra bastante apreciada nos centros europeus: *Do Método no Estudo das Línguas Sul-Americanas* (1933). Opúsculo curioso preparou-o em 1948: *Um Programa Heterodoxo de Português nas Escolas*. De 1955 são os *Roteiros em Fonética Fisiológica, Técnica do Verso e Dicção* (coligidos e revistos por Almir Câmara de Matos Peixoto).

Na Escola de Teatro da Prefeitura do Rio de Janeiro lecionou Oiticica a disciplina de Prosódia, sendo responsável pelo sucesso vocal de numerosas gerações de artistas. Aulas particulares no seu escritório ou na residência dos alunos, deu-as sem conta para acrescer os proventos limitados da atividade oficial. Em 1929 classificou-se em primeiro lugar no concurso para professor de Língua

e Literatura Portuguesa da Universidade de Hamburgo. Nomeado, lecionou até a implantação do movimento de 1930, quando foi obrigado a retornar ao Brasil. Restavam-lhe ainda quatro anos de trabalho.

Experiência *sui-generis* e bem sucedida teve-a na Rádio Ministério da Educação (PRA-2), nos anos de 50. Oiticica foi contratado para corrigir os erros dos *speakers* e colaboradores da emissora, sujeitos a pronunciarem palavras nos idiomas nacional, francês, inglês, italiano, espanhol e alemão. Atendeu à incumbência com assiduidade e regalo. E extravasou seu interesse pelo Colégio do Ar – programa do qual já participavam mestres do Colégio Pedro II, entre os quais os irmãos João Batista e Júlio César de Melo e Sousa, Joaquim Ribeiro e Libânio Guedes. Anteriormente, responsabilizara-se Oiticica pelo ensino de Grego na Universidade do Distrito Federal, depois Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Salvo o jornalismo e o magistério, para os quais escreveu exaustivamente, cultivou Oiticica outras searas, que acabaram por gerar livros impressos. Teatrólogo, viu representadas três peças, no Rio de Janeiro e em São Paulo, entre os anos de 1920 e 1936. A serviço do anarquismo publicou *Princípios e Fins do Programa Comunista-Anarquista* (1919) e *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos* (1945, 1947 e 1964). Traduziu obras de La Rochefoucauld, Racine, Krumm-Heller e outros. Neste mister, às vezes, usava o pseudônimo de João Vermelho. Seis livros de poesia compôs Oiticica, de 1911 a 1954. Os mais conhecidos são os *Sonetos* (duas séries), *Ode ao Sol* e *Fonte Perene*.

Oiticica escreveu fábulas, contos, parábolas, ensaios filosóficos e estudos literários, que deverão, um dia, integrar sua obra completa. Cândido Jucá apreciou-o como *contista exímio*. Musicista, legou-nos diversos hinos religiosos, uma ópera e composições ligeiras. Detestava as valsas de Strauss; comoviam-no as tocatas e fugas de Bach. No setor musical também lecionou, sobretudo aos catecúmenos da Fraternidade Rosa Cruz. Cantava com melódica desenvoltura.

Sobre este homem múltiplo e paradoxal, depuseram numerosos admiradores. Deles colhemos sentenças que o retratam com perícia. Levi Carneiro, jurista e acadêmico: *Possante personalidade, a que se aliava um caráter nobilíssimo*. Osório Borba, jornalista e escritor: *Rica, poderosa e estranha personalidade. Serviu à instrução e à cultura por muitos modos, com total entrega, com religioso fervor*. Viriato Correia, teatrólogo e acadêmico: *Sabia de tudo. Professor que se podia chamar de mestre. Não se parecia com pessoa alguma. Incapaz de uma insinceridade, de uma mentira. Um místico, sempre voltado para a beleza e a grandeza das coisas*.

De José Oiticica era o lema: *Expôr, propor, não impor!* Frase que repetia amiúde: *Sempre detestei, detesto e detestarei a política*. Esse, o infausto messias, o jornalista ignorado, o esquecido mestre da língua. Ah! memória nacional!

(1982)

## *Gabaglia — Altíssimo Espírito*

Fernando Antônio Raja Gabaglia (Rio de Janeiro, 1895-1954) foi um dos mais notáveis professores do secular Colégio Pedro II. Nele celebrizou-se como mestre e administrador, fora haver sobressaído em outras instituições de ensino e atividades correlatas. No espaço de 36 anos serviu ao Colégio ministrando aulas e presidindo a Congregação. Por vezes defendeu-o contra golpes mortais desferidos por adversários poderosos.

Exerceu o magistério no outrora prestigioso Instituto de Educação da Municipalidade do antigo Distrito Federal e na Faculdade Nacional de Direito da ex-Universidade do Brasil. Foi Secretário de Educação e Cultura do ex-Distrito Federal, membro do Conselho Nacional de Educação, destacado conferencista em organismos oficiais (como a Escola de Guerra Naval) e atuante advogado no foro do Rio de Janeiro. Numerosos livros didáticos de sua lavra tiveram uso, à época, nos principais centros educativos do País. Sua obra máxima, na área dos estudos prediletos, intitula-se *For-*

*mação das Fronteiras do Brasil (1494-1910)*. Elaborou-a como tese ao concurso para a cátedra de Geografia do Colégio Pedro II, a qual obteve por ter se classificado em primeiro lugar, aos 23 anos de idade (1918).

Deste mestre memorável vou ocupar-me precisamente em *Studia*, revista fundada por ele faz três décadas. Serão lembranças desarticuladas, reminiscências de um seu ex-aluno e amigo, depoimento alicerçado no testemunho presencial e na admiração perene. Move-me a saudade de um altíssimo espírito e a gratidão por seus atos benignos. Não estarei a biografá-lo, mas a inscrever episódios que assisti e de que tomei conhecimento. E sem a solenidade do memorialista ortodoxo, antes como simples narrador acaso útil a futuras dissertações definitivas.

Fui aluno de Raja Gabaglia na disciplina de Geografia Geral e do Brasil, no Externato do Colégio Pedro II, há meio século. Tinha ele 35 anos. Era de estatura média, encorpado (depois engordaria), olhos vivos, sorriso espontâneo, cabelos crespos com mechas prateadas. Vestia-se bem (ternos claros de preferência), tinha a voz forte e um tanto rouca. Ressumava simpatia e afabilidade. Aos educandos tratava liberalmente, de tal sorte que a ordem não primava em suas aulas. Pedacos de giz e aviões de papel cruzavam os ares até o quadro-negro onde ele grafava nomes e compunha paisagens. Sons imitando animais faziam-se ouvir paralelos aos ensinamentos do mestre compreensivo e imperturbável. Desde que alguns interessados prestassem atenção pouco se lhe dava que a turma se esbaldasse em conversas, ruídos, desarrumação de carteiras, saídas e entradas na sala. No fim do mês, por ocasião do julgamento das provas, todos obtinham o grau necessário, nem que fosse o mínimo pré-fixado, e ao cabo do ano letivo ninguém era reprovado.

Gabaglia gostava de lecionar: a assimilação cabia ao aluno. Expunha com elegância e clareza, andando à frente da sala, próximo à pedra, onde, a qualquer instante, escrevia nomes de acidentes ou lançava dados estatísticos. Desenhava bem e fazia-o freqüentemente. *Geografia sem imagens, os mapas em primeiro*

*lugar* – costumava dizer –, *pode ser tudo, menos Geografia*. Daí a profusão de cartas e aparelhos empregados em suas aulas, previamente ordenados nas salas por ele utilizadas, a começar pela sala-ambiente organizada em sua administração. Compreendia dois lances: o gabinete repleto de variados materiais e o espaço destinado às preleções, em forma de anfiteatro.

Massas coloridas para a feitura de relevos, cabeças representando as principais etnias, cabine de projeção, esferas celestes, tabuleiros com minerais, bússolas, gravuras de múltipla natureza, quadros das eras volvidas, atlas do céu e da terra – tudo era disposto em severos armários envidraçados, porém ao alcance dos mais curiosos. Incitava-nos o mestre a conhecer e usar aquilo que muito nos impressionava por seu feitio estranho e pelas cores variegadas. Era o que poderíamos denominar de parafernália pedagógica, de *bric-à-brac* científico... A aprendizagem assim alicerçada constituía-se em assídua prática, distante do verbalismo vulgar de outras disciplinas que nos indispunham contra elas pela aridez dos conceitos e pela ausência de visualização e objetividade. Propriamente, Gabaglia não lecionava a matéria: elaborava-a com palavras e gestos à vista dos aprendizes, que a sentiam ativa, atraente e apaixonante.

Mestre tão capaz quanto admirado pelos discípulos não era todavia assíduo. Suprindo-lhe as faltas, apresentava-se seu irmão, o preparador João Capristano, magro e miúdo, antítese física do outro, porém com segura ciência da matéria. Por onde andaria nosso professor? indagávamos os mais próximos dele. Que fazia durante os dias da ausência? A resposta só viemos a obtê-la decorridos alguns anos. Afilhado de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Governador do Estado de Minas Gerais e prócer da Aliança Liberal, Gabaglia viajava amiúde às Alterosas em missão política. Ia apanhar armas para o movimento militar que desembocaria em 1930, alçando Getúlio Vargas e os tenentes ao poder. Sua bagagem era pesada; auxiliava-o no transporte da gare para os locais convencionados o assistente de seu gabinete João Tomás Neto, por último professor do Colégio. Gabaglia trazia poucas armas de

cada vez, a fim de não excitar a vigilância policial. O melhor da história é que Tomás Neto, conservador e temeroso por feitio, só mais tarde, vitoriosa a revolução, veio a saber do recheio das malas que, tão solícito, ajudava a carregar...

Sob Raja Gabaglia o ensino da Geografia teve apurado desenvolvimento. Além de dominar a matéria com desenvoltura, nosso mestre – logo percebemos – era seguro no enunciar noções de outras disciplinas, afins ou não. Ele não se atinha ao programa da cátedra, como era costume entre seus pares. Ocupava-se de História, Religião, Sociologia, Política e de quaisquer assuntos que pudessem associar-se aos temas versados, aclarando-os. Possuía sólida cultura geral, aplicado estudante que fora do Colégio Aquino e da Faculdade de Ciências Jurídicas. O pai, Eugênio de Barros Raja Gabaglia, exercera o magistério no Colégio Pedro II e na Escola Politécnica, sendo catedrático em ambas as casas. Com Aarão Reis planeara, no alvorecer do século, a planta de Belo Horizonte, nova capital de Minas Gerais. Diretor do Externato, deve-se-lhe, em celebrado relatório, a história da instituição desde seu começo no século XVIII até o ano de 1913. Do pai herdou F.A. Raja Gabaglia considerável biblioteca, por ele ampliada com as obras adquiridas no cotidiano.

Liberto dos bancos escolares, e já admitido ao círculo de seus amigos, pude surpreender-lhe o respeito e a admiração que à memória do pai votava. Era-lhe guia seguro, modelo a igualar ou transpor. Seus colegas de disciplina não ombreavam com ele, acaso satisfeitos com a modéstia do espaço ocupado. Miguel Séve, boa criatura, consagrara-se a curto horizonte. Otelo Reis, com os alunos, mostrava-se arredo; sabia inglês e alemão e redigiu livros didáticos de várias matérias. Aos estudantes, entretanto, só transmitia noções de Cosmografia. E assim mesmo raramente. Dele ficou famosa frase: *O Colégio seria bom se não tivesse alunos...* Honório Silvestre, em que pesem algumas ações filantrópicas praticadas no anonimato, era maçante e sem atrativos para a profissão. Desprezava os aspectos econômicos, políticos e humanos da Geografia; comprazia-o a parte física. Também assim se

comportava seu assistente Aldemir São Paulo, sempre de charuto fumegante à boca.

Ao nível de Gabaglia, situava-se Carlos Delgado de Carvalho. Instruído na Europa, chegou maduro ao Brasil. Custou a se ambientar, se é que o conseguiu afinal. Poliglota, autor de livros pioneiros, tanto gostava de lecionar o idioma inglês como Sociologia, Geografia e História. Encerrou sua atividade magisterial no ensino universitário e como autor de boas obras didáticas. É um dos responsáveis pelo risco do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e, até certo ponto, pela idéia da segurança nacional como é aplicada no presente, graças às conferências proferidas em diversos corpos militares. Oráculo da Geopolítica, o General Golbery do Couto e Silva proclama-se fervoroso discípulo seu.

Delgado engajara-se na chamada Escola Nova e tentou, sem sucesso, introduzi-la no Colégio Pedro II em breve passagem pela Diretoria-Geral. Faltava-lhe, porém, malícia, distraía-se nas discussões, apresentava-se escoteiro no meio de adversários astutos. Não logrou sobressair no Colégio ou o fez pelo comportamento esquivo à confraternização. Ao revés, Gabaglia singularizava-se pela finura do discurso, pelo talento persuasivo, pelo vigor do raciocínio. Faiscava, aquecia, impunha. Deles as produções didáticas estão aí para exame. Mais velho, Delgado abriu caminhos; mais brilhante, Gabaglia lavrou fundo neles. Tem mais densidade pedagógica, expõe melhor, revela gosto literário. A série que escreveu para a Editora Briguiet é modelar sob todos os aspectos, incluindo o ilustrativo —, novidade à época entre nós (adoção do livro-texto em voga no estrangeiro). Trabalho pioneiro são as *Leituras Geográficas*, preparadas em colaboração com João Capistrano. Delgado foi geógrafo competente; Gabaglia afirmou-se como grande professor.

Além de ensinar-nos Geografia no Pedro II, Gabaglia foi professor de Direito Internacional Público de muitos de nós na antiga Faculdade do Catete. Da minha turma de bacharéis em Ciências e Letras éramos Sílvio Elia e eu, que viríamos a exercer o magistério; J. G. de Araújo Jorge, deputado federal; Joaquim e Jara Mon-

tebelo, advogados; Orlando Carneiro e Alfredo Tranjan, juizes de direito; João Saldanha, jornalista. Vindos de outras plagas, juntaram-se-nos Aloísio Maria Teixeira, desembargador; Guilherme Figueiredo, escritor; Carlos Lacerda, político; Roberto Assunção e Donatelo Grieco, diplomatas; e muitos outros. Gabaglia era livre-docente, por concurso, na cátedra de Raul Pederneiras, ex-aluno do Colégio e muito surdo. Formavam eles uma dupla rara. Aplaudido caricaturista do *Jornal do Brasil* e da *Revista da Semana*, Raul era alto, magro e ostentava farto bigode retorcido. Gabaglia assinalava-se pela rotunda estatura média. Tinham muito dos célebres personagens cervantinos. Raul calçava botas curtas que lhe acentuavam os pequenos pés. Piadista crônico, esforçava-se por aparentar sisudez. Atingira cedo a presidência da Associação Brasileira de Imprensa e desfrutava de prestígio na Faculdade.

Gabaglia, chegado havia pouco – estávamos no princípio de 30 –, conquistava admiradores facilmente graças à camaradagem estabelecida com os alunos. Gostava de conversar sobre política, empregando nisso os intervalos das preleções ou o tempo que precedia o início das aulas. De manhã, por volta das 8 horas, ele, na companhia de alguns de nós, colocava-se junto ao portão do Palácio do Catete à espera de Alzira Vargas, sua aluna, e que se incorporava ao grupo no rumo da escola, a pé. Havia alguma intimidade entre Gabaglia e Getúlio Vargas, pelo motivo já mencionado, e pelo fato de seu irmão Edgar, avultado engenheiro, ser genro de Epitácio Pessoa, a quem o então Chefe do Governo consultava.

Assisti a conferências lidas por Fernando Gabaglia em diversas instituições culturais, civis e militares, ao longo de vinte anos. Temas de sua eleição eram Agostinho de Hipona, o Sermão da Montanha, o Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Hermann Tautphoeus, Hugo Grócio, Capistrano de Abreu, Aires de Casal, Euclides da Cunha – políticos, historiadores, juristas, geógrafos, educadores, religiosos. Por ocasião do centenário do nascimento de Joaquim Nabuco (1949), Gabaglia fez uma conferência a respeito do papel desempenhado por esse eminente diplomata

na Questão da Guiana Inglesa. Vi-o emocionar-se ao relatar como, ainda colegial, acompanhara o féretro de Nabuco vindo de Washington, para ser enterrada em Pernambuco.

Possuía a palavra fácil, argumentava com elegância, dispunha de bons remates. Gostava de citar em francês, inglês e alemão. Para a composição de suas palestras fechava-se em casa, na rua das Laranjeiras, onde, em solteiro, morava com a mãe, D. Ana, ou na Av. Pasteur, depois de casado, em 1935, com a Professora Alaíde Fortes Raja Gabaglia. Nessa atividade empregava os domingos de preferência. Bem cedo, um de seus ex-alunos do Colégio – Antonio Traverso, Hugo Segadas Vianna, Isaac Volchan ou eu – chegava à casa do bairro da Urca, levantada pelo comandante J. De Lamare São Paulo, professor do Colégio e da Escola Naval. O anfitrião aguardava-nos para o desjejum. Se fazia calor vestia somente a calça do pijama; habituara-se a trabalhar com o tronco despido.

Em mesa ampla da biblioteca maciça espalhavam-se livros, lápis, papel e tinteiros. O mestre escolhia um tomo, passava-lhe os olhos, meditava e punha-se a ditar a conferência. Assim elaborava suas obras: ditando para auxiliares atentos. Escorriam as horas, parava-se para o almoço; depois reiniciava-se a tarefa que só ia terminar ao entardecer. Então, de seu punho, Gabaglia polia as folhas compostas ao correr de sua quente elocução – como se as estivesse pronunciando perante a assistência extasiada. Saíam sonoras e substanciais, intercalados os períodos com citações oportunas dos especialistas, reveladoras da cultura e da bibliografia moderna do autor.

No governo José Linhares (três meses, de 1945 a 1946), sendo Prefeito do Distrito Federal o ex-aluno do Colégio Filadelfo de Barros Azevedo, foi Gabaglia convidado para exercer o cargo de Secretário de Educação do Município, havendo-se com proficiência. Coadjuvando-o estavam professores do Colégio, entre os quais Roberto Acióli, que dinamizou o setor cívico. Mais tarde, em outra administração, iria esse professor ocupar a mesma Secretaria, ain-

servida por outros mestres do Pedro II: Clóvis Monteiro e Haroldo Lisboa da Cunha.

Anteriormente, Gabaglia dedicara-se às suas aulas na Universidade do Distrito Federal (U.D.F.), fundada por Anísio Teixeira quando prefeito Pedro Ernesto e, depois, incorporada à Faculdade Nacional de Filosofia, da qual separou-se para se constituir de novo à parte, sendo hoje a distinguida Universidade Estadual do Rio de Janeiro (U.E.R.J.). Turmas de Geografia chegaram a radicar-se no Colégio, por ocasião da crise, à falta de ambiente adequado. Lembro-me de alguns estudantes desse período: Orlando Valverde, que veio a projetar-se como geógrafo do I.B.G.E.; Antonio Traverso, a quem Pierre Deffontaines lecionou no Pedro II; Carlos Marie Cantão e Adriana Fidalgo Serpa, professores de nossa Casa.

Na U.D.F Gabaglia estreitou relações com professores estrangeiros, franceses principalmente: Albertini, Léduc, Hauser, Ruellan, Lambert e Deffontaines, este aureolado com a perda de um braço na I Guerra Mundial. Famoso inovador do ensino da Geografia, Deffontaines proclamava a mestria de Gabaglia na matéria. Por esse tempo, um ex-aluno do Colégio – Jorge Zarur – aprimorava-se como geógrafo de campo em zonas do Rio São Francisco. Ao jeito de filho espiritual adotara-o Delgado de Carvalho; em consequência Zarur ocupava lugar de relevo no I.B.G.E. Gabaglia não ficou atrás no mecenato: preparou nosso confrade para o concurso a uma das cátedras vagas do Colégio, que ele só não obteve por haver falecido.

Penso que a única frustração na vida triunfal de meu saudoso e nobre mestre foi o não ter exercido um mandato político. Tentou-o esperançoso, e não só ele, mas Otacílio Pereira, Secretário do Colégio. Fiava-se Gabaglia no seu nome de educador em três importantes casas. Contava em 1934 quinze anos de atividade magisterial e uma na direção do Pedro II. Imaginava ser o bastante para que os pais de seus alunos e até alguns destes o sufragassem com vantagem. De igual modo pensava Otacílio, mais velho do que ele e mais antigo no magistério. Católicos praticantes, am-

bos procuravam sensibilizar o mundo religioso, buscando apoio em sacerdotes influentes. Gabaglia, porejando confiança, tentou a eleição uma só vez; Otacílio reincidiu. Aos dois marcou o insucesso. Eram de partidos diferentes e perseguiram o eleitorado na mesma seara. Unia-os a vontade de ganhar e a casa comum de trabalho.

Participei da propaganda relâmpago desencadeada por Gabaglia em cima do pleito, quando decidiu candidatar-se. Foi uma loucura. Professores, inspetores de alunos, serventes, amigos outros enchíamos de cartazes e baldes de cola os dois automóveis de que dispunha o aspirante à deputação. Alguns carregavam escadas às costas. As paredes das ruas próximas ao Pedro II e algumas de bairros e subúrbios ficaram cobertas com o retrato e as promessas do candidato. A azáfama era noturna, interrompida com ceias, bebidas e cigarros oferecidos aos integrantes do mutirão sentimental. Concluía-se pela madrugada, todos exaustos e sujos. A colagem limpa exigia técnica rudimentar, desconhecida por nós. Faltava-nos prática; sobrava-nos auto-suficiência. Ao cabo do intenso esforço, as urnas desfizeram nosso ingênuo sonho: Gabaglia era benquisto, exaltado até, mas sua utopia não obtivera a consagração pública. Nos vinte anos seguintes de vida, até falecer, ele continuaria a mourejar no magistério, acrescentando uma servidão às três onde já lidava: a U.D.F.

Essencial é a contribuição de Raja Gabaglia ao estudo das fronteiras pátrias. Aos 23 anos de idade já havia composto e defendido a tese sobre a formação dos nossos limites. Remate de profundos estudos abrangendo quatro séculos da história nacional, inçados das dificuldades inerentes à colonização luso-espanhola. Cedo, Gabaglia forrou-se de leitura ampla nos domínios do Direito, da Geografia e da História; aferrada leitura dos clássicos estrangeiros e nacionais. Já se debuxam aí as vigas mestras sobre que assentarão suas atividades vindouras, impelindo-o para o gosto inalterável das ciências sociais.

Larga introdução abre o livro valioso, não superado até hoje pelos trabalhos de João Ribeiro, Hélio Viana, Teixeira Soares e ou-

tros que lhe retomaram a trilha. Nele se define o Estado, o território, a população ou povo e o governo. Apóia-se o autor nos grandes nomes da época e do passado, tais o *egrégio Grócio*, Savigny, Ratzel, Vallaux, Curzon, e os brasileiros Varnhagen, Beviláqua e Lafaiete. Considerado especialmente é o território: sua ocupação, os tratados, a posse imemorial. Muito bem estudada a instituição do *uti-possidetis*. Ardente admirador de Grócio, que, em oposição ao *mare clausum*, preconizou o *mare liberum*, Gabaglia afirma: a jurisprudência do sábio será *para sempre memorável*. Seguem-se capítulos relativos à fronteira marítima e às três fronteiras terrestres. Bulas, entradas e bandeiras, o impulso das minas e da criação vêm debatidos basilaramente.

Gabaglia invoca o estudo de seus antecessores: Rio Branco, Capistrano de Abreu, Basílio de Magalhães, e Ritter e Réclus. Sempre as maiores autoridades. A linha divisória com os diversos Estados lindeiros é examinada em profundidade. Outros autores marcantes são chamados à colação: Coudreau, De Martonne, Branner, Humboldt. As rochas, os rios, as ilhas, a flora, a fauna, os recifes, os sambaquis são estudados minuciosamente. Gabaglia tanto se ocupa da Geologia como da Geografia física, econômica e política. Cita Joaquim Caetano da Silva, antigo professor do Pedro II e autor de importante obra sobre o Oiapoque; Aires de Casal e Euclides da Cunha. Sua ânsia de abarcar toda sorte de conhecimentos leva-o à leitura de relatórios, revistas e conferências coetâneos de sua monografia. Extraordinário, bem sucedido esforço que lhe marcou a trajetória cultural, a inteira existência luminosa.

Bem humorado, apreciador de iguarias e bebidas, Gabaglia guiava um séquito permanente de professores graduados e servidores modestos – que ele não distinguia entre uns e outros. Desejava-os amigos e só, insensível às suas categorias sociais. Estável era o grupo formado pelo Riseiro Mauro, chefe da portaria, João Capistrano, Tomás Neto, o guarda de trânsito Amaral, Isaac, Nelson Zarur, Segadas e por mim. Gabaglia freqüentava restaurantes circunvizinhos do Colégio, casas despretensiosas, onde, tirados os paletós e afrouxadas as gravatas, a gente se detinha a degustar

fartos pratos, cervejas, sobremesas e, como fecho, aromáticos charutos de que o generoso *host* era apreciador exigente. Tagarelas, demorávamos horas na comezaina. Afinal, retornávamos pesados e sonolentos ao Colégio, onde nos aguardavam despachos e preleções. Divertido era assistir o Amaral, composto o uniforme, postar-se rígido em frente ao Colégio a soprar forte o apito para que o trânsito se detivesse enquanto, morosos, atravessávamos a Av. Marechal Floriano – felizes satélites de um astro poderoso e bonachão.

Gabaglia mostrava-se alegre, as unhas e a barba feitas numa loja do centro. À barba, escura e espessa, tratava de véspera, enquanto o Lúcio, seu chofer, o aguardava perto do automóvel, a sorrir para todos. Escanhoados os pelos, passada a colônia no rosto, alisados os cabelos, partia Gabaglia para a ronda das livrarias Freitas Bastos e Francisco Alves, fora outras sediadas nas ruas São José e Sete de Setembro. Jamais comprava livros sem oferecer algum ao seu acompanhante. Os pacotes sortidos eram sobraçados pelo suarento Lúcio, de fala mansa e mais rouca do que a do patrão.

Traço marcante do caráter de Raja Gabaglia era a generosidade. Fosse qual fosse a situação em que se encontrasse, *não sabia dizer não* – como acentuou recentemente o Professor Isaac Volchan ao recordar seu procedimento com os colegas, os subordinados e as partes. Naquele tempo o Colégio cobrava mensalidades aos alunos. Responsáveis por estudantes procuravam alcançar benefícios do diretor. Tomás Neto organizava as filas e Otacílio Pereira velava para que o diretor não exagerasse nas concessões. Instruída por servidores da Casa, a maioria levava requerimentos extensos descrevendo as dificuldades domésticas. Gabaglia mandava ler os papéis pelos seus assistentes e ainda ouvia o reforço verbal dos postulantes. E de pé, em mangas de camisa, sob os efeitos do sobrecarregado almoço.

Suas reações podiam ser divertidas ou sérias, segundo o encaminhamento das pretensões. Em geral, começava por negar o obséquio pleiteado; a seguir, conforme a resitência do pretendente,

prometia atender após consulta às disponibilidades orçamentárias; por fim, rendia-se à insistência dos candidatos e, do próprio punho, deferia num canto do papel o rogo dos aflitos. Otacílio advertia: – *Gabaglia, assim o Colégio acaba por não poder pagar aos professores.* Ele sorria, soprava a fumaça do charuto e ordenava: *O próximo!* Decorrida uma hora de lágrimas e tribulações – mães havia que choravam ao suplicarem pelos filhos –, Gabaglia, exausto, ia dizendo: – *Peçam, mas sem perífrases.* Atarantados, alguns revelavam nas faces a singeleza da ignorância. – *Ah! não sabem o que são perífrases? Mas circunlóquios conhecem. Também não? Nada de rodeios, então. Peçam simplesmente.* E prosseguia o arrastado desfile de queixumes e rogativas de gratuidade.

Consoante o aspecto dos infelizes, ou a força de seu pedinchar, ou a real necessidade entrevista pelo administrador experiente, Gabaglia ia despachando: *o senhor terá um abatimento de seis meses; ou: concedo-lhe gratuidade plena; ou, ainda: pague somente a caderneta escolar.* O espetáculo repetia-se todas as semanas e o diretor não admitia que outrem o substituísse na proximidade com o público. Ocorriam cenas absurdas como a do cidadão que fechava a fila numa tarde tempestuosa. Ao ser atendido, declarou que entrara no Colégio por causa do mau tempo e se divertira muito com o expediente... Outro, ansioso, deu de acenar para o diretor. Gabaglia chamou-o: *O senhor aí! Que deseja?* O homem estendeu-lhe um papel e sussurrou: – *Queria o perdão da conta. – Mas que conta? – A que recebi há dias e não tenho como pagar.* E apresentou-lhe uma conta da Light. Ouvira dizer que Gabaglia resolve problemas de dinheiro e fora apelar para ele...

Outros episódios reafirmam a excelência de Raja Gabaglia. Certa vez, dirigia-se ele, em companhia de colegas e alunos do Colégio, a São José do Rio Pardo para falar sobre Euclides da Cunha. Era por ocasião das comemorações que ali anualmente promovia um grêmio impulsionado por Francisco Venâncio Filho, educador vanguardeiro. No meio do caminho, Gabaglia enfermou gravemente, chegando os acompanhantes a temer pelo seu estado. Na dúvida se voltaria ou não ao Rio de Janeiro a tempo de

cumprir promessas feitas, Gabaglia ordenou a um auxiliar que preparasse quarenta portarias, que desejava assinar desde logo, isentando filhos de confrades seus do pagamento das taxas do Colégio – prerrogativa que o cargo lhe conferia. Tal se mostrava seu apreço pelos colegas e o senso inato de responsabilidade.

Procurado por um milhar de candidatos, o exame anual de admissão ao educandário visava selecionar os cem melhores estudantes, segundo a prescrição das vagas. Procedida a classificação dos habilitados, verificava-se a sobra de três ou quatro centenas deles, impedidos de se matricularem pela inexistência de lugares. Começava aí a ciranda dos pedidos ao diretor, ao secretário, aos professores e aos funcionários. Dias seguidos, os postulantes à matrícula entupiam as ante-salas, os corredores, a portaria, a calçada, grudando-se à primeira autoridade que demandasse a instituição. Principalmente assediavam o diretor determinados cate-dráticos, defensores congênitos de quantos, conhecidos ou não, os procurassem. Cognominavam-nos de irmãs-Paulas, em referência à religiosa que elegera a caridade como razão de sua vida.

Por mais que o diretor deferisse requerimentos, as solicitações renovavam-se nos dias subseqüentes. Começava-se a preparar, então, as turmas suplementares, na dependência de salas e mestres, nem sempre bastantes estes para as necessidades rotineiras. Tal grandeza atingia a procura que Gabaglia, a fim de esquivar-se aos contatos, escolhia um café ou restaurante das redondezas para nele sediar a direção-geral. Dali enviava auxiliares com ordens para a administração da Casa, deles recebendo, no retorno, informações particularizadas e também os problemas que a cada instante repontavam. Em pouco era o esconderijo descoberto; a turba para lá afluía numa enxurrada de pedidos, afinal aliviados, e de intensas gratidões afluentes.

Certa ocasião o número de favorecidos elevou-se desmedidamente, inquietando os assessores de Gabaglia; não viam como proporcionar alojamento e mestres a todos eles. Descobriram, também, que a firma aposta às petições não coincidia com a do diretor, à qual de longa data se habituaram. Pesquisa rigorosa re-

sultou na convicção de estarem adulteradas numerosas assinaturas. Alguém atuava com desprendida irregularidade. Procura daqui, observa acolá, chegou-se ao responsável pelo dolo. Era pessoa íntima de Gabaglia. Quem comunicaria a este a descoberta e obteria a medida saneadora? Escolheu-se um velho e austero funcionário, que outrora trabalhara com o pai do diretor-geral. Dirigiu-se ele ao seu superior e, sem subterfúgios, foi apostrofando: – *Dr. Gabaglia, é necessário anular estes despachos (e apontava-lhe grosso maço de papéis); são falsos.* Gabaglia observou as assinaturas e se convenceu da fraude. Não querendo, porém, abrir inquérito nem prejudicar os estudantes bafejados, respondeu: – *Parece que não são minhas, mas são. Devo tê-las vazado às pressas.* Tornou o servidor: – *Isso é que não. As assinaturas são criminosas. O que o Sr. tem a fazer é invalidar as decisões.* Gabaglia, então, saiu-se com a sentença inapelável: – *Se há dúvidas, eu assino de novo.* E ratificou enfaticamente os deferimentos outorgados por um dos maiores geradores de bacuraus que já adornaram o Colégio...

Antigo aluno do estabelecimento, chegado ao magistério da Casa como professor extranumerário, arrefecera suas relações pessoais com Gabaglia, por motivos políticos. Foi no correr da II Guerra Mundial, prestes o Brasil a entrar no conflito. Davam-se os dois muito bem até ali, sendo que Gabaglia fora professor do outro. Um declarava-se ostensivamente a favor dos Aliados; o mestre, embora democrata, exaltava a Itália de Mussolini e questionava as conquistas sociais da U.R.S.S. Chocaram-se e a amizade esmoreceu.

Anos volvidos, abriu o Colégio, em 1952, concurso para a escolha de novos profissionais do ensino. Vencendo escrúpulos e vacilações, juntou o professor sua papelada e foi ao instituto inscrever-se. Transposta a portaria, avistou, no topo da escada, seu antigo mestre e benfeitor. Indeciso, ia recuar; Gabaglia percebeu o embaraço e cumprimentou-o: – *Milagre! O bom filho à Casa torna.* E desceu, precipitado, os degraus a abrir-lhe os braços. Estreitaram-se, sorriram e passaram a conversar com naturalidade. Ume-

deceram-se os olhos do antigo aluno, de novo feliz. Mentalmente, beijou as mãos daquele homem douto e bom. Nunca mais vicejariam incompreensões entre ambos; acima de fortuitas divergências pairaria, soberana, a gratidão reverente do discípulo pelo mestre fidalgo. O perdão do agravo fora o mais nobre ensinamento de quantos colhera pela vida fora. Contrito no presente, impetuoso no passado, esse discípulo era eu. Magnificente Gabaglia!

O governo do Colégio pelo eminente mestre estendeu-se por doze anos, repletos de acontecimentos. Enumerarei alguns, atestantes do tino, do empenho e do êxito que assinalaram a passagem dessa figura singular por nossa Casa. A reforma das instalações elétricas do edifício e do mobiliário escolar, e a criação do serviço de refeições para os alunos, foram as providências iniciais da administração Raja Gabaglia. Seguiram-se a instituição do curso de História da América; os concursos para as cadeiras de Matemática, Latim, Química e Português; o restabelecimento da cadeira de História do Brasil; a adaptação do salão nobre para as sessões da Congregação; a remodelação dos gabinetes de Física, História Natural e Química; a destinação de salas de recreio para os alunos; a melhoria dos laboratórios; a criação do Departamento de Educação e Saúde; o incentivo aos movimentos de caráter cívico etc. O teatro escolar e a educação física obtiveram extraordinário apuro. Mas os fatos de maior relevo foram a luta pela autonomia do Colégio (1934) e as comemorações do centenário do instituto (1937).

Outros sucessos marcaram a administração Gabaglia, *verbi gratia* a restauração do título de Bacharel em Ciências e Letras, destinado aos concluintes da instrução secundária; a publicação de meia dúzia de anuários, contendo a história pormenorizada do Colégio; o estudo facultativo da língua italiana, a cargo do Professor Vincenzo Spinelli; a efetivação do concurso para professores contratados na vigência do Dec. nº 1555, de 7 de abril de 1937 (A remuneração por hora-aula foi fixado em 22\$000). Em sua administração entraram para o Colégio professores que muito se distinguiram no meio educativo: Haroldo Lisboa da Cunha, Nelson Ro-

mero, Clóvis Monteiro. Alguns, já notáveis, faleceriam: Melo Mattos, João Ribeiro, Coelho Neto. Também desapareceu Carlos Galvão Leal, inspetor de alunos a partir de 1895 e chefe de disciplina entre 1921 e 1935. Negro, pançudo, major da Guarda Nacional, vestia irrepreensível fraque e trazia o disciplinado obediente sem outro recursos que o da autoridade exalada de sua pessoa fina e respeitável.

O major Leal, sob cuja chefia fiz as minhas humanidades, jamais precisou de elevar a voz para manter-nos disciplinados. Bastava a sua severa presença, o seu *aplomb* para que nos deixássemos conduzir de boa vontade pelos inspetores e por ele próprio. Leal nascera educador. Em 1937 deu-se a jubilação do Professor Escragnolle Doria, catedrático de História Geral do Externato, a partir de 1906, mediante concurso de títulos e provas. Naquele ano a direção-geral promoveu a publicação da *Memória* de sua autoria, uma das boas fontes para o conhecimento da Casa.

Em 19 de maio de 1934 Gabaglia dá ciência à congregação de que se estava cuidando na Assembléia Nacional Constituinte da passagem do Colégio Pedro II para a Prefeitura. À informação respondeu um grito de guerra, que reboou da antiga Rua Larga de São Joaquim até o Campo de São Cristóvão, mobilizando para a luta os corpos docente e discente de ambas as casas. A favor da mudança, até liderando-a, estavam personalidades intimamente colocadas nos governos federal e municipal, entre as quais M. Bergstrom Lourenço Filho, Anísio Spínola Teixeira e Edgard Roquete Pinto. A serviço destes achava-se Eduardo Prado Kelly, ex-aluno do estabelecimento, poeta e deputado. De sua autoria era a Emenda 1845, que, se aprovada, transferiria o Colégio do âmbito federal para a Prefeitura do antigo Distrito Federal.

No consenso dos adversários do Colégio não se justificava a sua existência como dependente da União – único, aliás, no gênero. Lógico seria que o Município arcasse com toda a educação oficial dos graus primário e secundário, como faziam os Estados. O

funcionamento do instituto, nos moldes vigentes – rematavam –, constituía privilégio reprovável. Outra razão, fortíssima, animava os opositores; o Colégio, representado pelas suas sumidades, mantinha-se alheio à Escola Nova que se vinha impondo, avassaladora, a partir do movimento impulsionado pelo Manifesto dos Pioneiros, cujo núcleo era a Associação Brasileira de Educação. Na década de 30 pontificavam ali, entre outros, Fernando de Azevedo, Edgard Süsskind de Mendonça, Branca Fialho, Pascoal Leme, Venâncio Filho, os citados Anísio, Lourenço e Roquete. Ao ver dos Pioneiros o Colégio transformara-se no baluarte onde, inglórias, vinham quebrar-se as arremetidas da Escola Nova, dominante em alguns países europeus, a França na vanguarda, e principalmente nos Estados Unidos da América do Norte, meca dos educadores em busca de aperfeiçoamento. Era a voga ou a vaga que tudo submergia, menos o Pedro II, inabalável na constância de suas linhas tradicionais.

Por motivos diversos, principiava a lavrar na Casa a discórdia. Venâncio Filho, professor de Física, assinalava-se como um dos chefes da facção oponente. Além disso, era muito ligado a Roquete Pinto, presidente da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (PRA-2), atual Rádio Ministério da Educação e Cultura, sediada na Rua da Carioca, perto da Praça Tiradentes. Era a emissora poderoso instrumento posto ao serviço dos novos princípios. Para ela produzíamos programas Agripino Grieco, a respeito de literatura, José Oiticica, sobre questões vernaculares, e eu, versando assuntos estudantis. Oiticica não tomou partido. Alheio à celeuma, prosseguiu transmitindo suas aulas admiráveis. Por mim, declarei-me ao microfone a favor do Colégio, o que me valeu o desemprego. Roquete Pinto considerava-me bastante, mas eram tempos de luta e ele tinha que ser coerente com a sua campanha. Em verdade, minha posição decorreu do amor à Casa onde me educara e por deferência a Raja Gabaglia; fora daí eu simpatizava com os princípios da pedagogia emergente. Foram dias difíceis; porfiaram a consciência e o coração, abatendo-me. Jônatas Serrano, catedrático de História no Colégio e no Instituto de Educação – reduto de

Anísio, Lourenço, Venâncio, Celso Kelly, Fernando da Silveira etc. – procurava manter a serenidade, porém combatia pela Escola Antiga. Como Gabaglia, ele via na doutrina recente uma fonte de esquerdismo e laicidade contrários às suas rígidas convicções cristãs.

O tempo acabaria por evidenciar a falácia de tantas mortificações. A exemplo de outros agentes fundamentais, a Escola Nova, salvo na metodologia, não perdeu seu caráter de força conservadora a serviço do Governo. Se a filosofia educativa reflete, no socialismo como no capitalismo, a ideologia do Estado onipotente – que importa alterar os métodos? Onde as diferenças essenciais entre a Escola Nova e as velhas práticas? Enganosos arrebatamentos, ilusórias tribulações...

Desfiles e greves de mestres e alunos tiveram à frente, animadíssimo, incansável, o diretor-geral. No auge da luta o presidente da Assembléia, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, pendeu para o nosso lado com o seu poder imenso. Valeram ao Colégio outras figuras em evidência: Henrique Dodsworth, deputado e professor da Casa; Euvaldo Lodi, líder da indústria e deputado classista; os professores J. B. de Melo e Sousa, Filadelfo de Azevedo e Ernani Cardoso. A Emenda 1845 não passou. O Colégio prosseguiu subordinado ao Ministério da Educação e assim continua até hoje, embora, ao longo desse quase meio século, tivesse que enfrentar borrascas levantadas em vários pontos, visando todas à separação, ao encolhimento e até ao seu término como padrão federal. Há quem o queira apoucado, incaracterístico, semelhante a qualquer escola agropecuária. Sua peculiaridade no cenário nacional incomoda, açula paixões, leva a ímpetos destruidores, sob a aparência de rígidas medidas administrativo-econômicas ou de renovação educativa. A passagem dos anos tem-se incumbido de reduzir à impotência e à nulidade os nossos inimigos radicais. No seu ritmo e notabilidade o Colégio continuará a cumprir papel decisivo no meio cultural. Glória a Raja Gabaglia, o integrante!

As comemorações do centenário constituíram o ponto alto da administração Raja Gabaglia. Estederam-se pelo mês de dezem-

bro de 1937. Gabaglia movimentou o Colégio, atribuiu tarefas a professores e alunos, convocou as celebridades que lá haviam estudado, interessou a opinião pública, obteve créditos financeiros e granjeou o apoio oficial. Ele converteu-se na alma palpitante do instituto; foi criativo e infatigável. No dia 1º, seiscentas pessoas subiram a Petrópolis, num trem da Leopoldina, em romaria aos restos mortais do Imperador e de D. Teresa Cristina. Presenciaram a cerimônia religiosa na Matriz os príncipes D. Pedro de Orléans e Bragança e D. Pedro Gastão, neto e bisneto de Pedro II.

Seguiu-se a homenagem do educandário ao patrono, na praça que lhe ostenta o nome, junto à sua estátua. Cenário discreto, ajustado à simplicidade do monarca. Sentado, com um livro à mão, ele contempla a distância, repousando os olhos fatigados ou concentrando-se em pensamentos íntimos. A face, o todo refletem, na suave postura, sossego e resignação. Por detrás e dos lados erguem-se jovens palmeiras que os anos irão amadurecer lentamente. A poucos passos, silenciosa, a outrora rumorejante residência imperial. Rodeiam a estátua, pisando a grama e se acotovelando, professores, estudantes e ex-alunos, cercados por curiosos. Em nome do Colégio, Gabaglia profere vibrante, comovida oração em louvor do insigne patrono. Expressando os sentimentos dos antigos alunos falou o poeta e professor de Desenho Murilo Araújo.

No dia 2, à noite, no Teatro Municipal, realizou-se a cerimônia de colação de grau dos bacharéis em Ciências e Letras. Sessão solene. Presentes o Chefe do Governo Getúlio Vargas e o Ministro da Educação Gustavo Capanema. Ambiente torvo. Fora implantado o Estado Novo e o pasmo estampava-se em muitos semblantes. Só as pessoas convidadas podiam penetrar no recinto fechado. Quem olhasse o teto do palco enxergaria os canos das metralhadoras assestadas para o corpo do teatro. Guardado por aparatoso esquema policial, Getúlio declarou que o *centenário do Colégio de Pedro II evocava todo o quadro da evolução política e cultural do Brasil*. Discursaram ainda Raja Gabaglia (O Colégio fora, era e seria o *Seminário da Nacionalidade*); Fernando de Maga-

Ihães, bacharel de 1891, em nome dos ex-alunos, e Ramiz Galvão, graduado em 1861, decano dos bacharéis e antigo professor de Grego do estabelecimento. Pelos formandos falou Otávio Costa, escritor e general do Exército, hoje.

Nos dias subseqüentes, Gabaglia, secundado por Lafaiete Pereira, diretor do Internato, levou os alunos à Quinta da Boa Vista, em cujo palácio nascera o imperador. Celebraram-se missas. Lançou-se a pedra angular do novo edifício do Colégio, nos terrenos do ex-Hospício Nacional de Alienados, na Praia Vermelha, com a participação das supremas autoridades governamentais (Graças aos preconceitos de alguns professores, o espaçoso local deixou de ser aproveitado, nele incluído o belíssimo edifício onde, mais tarde, se instalou a reitoria da Universidade do Brasil. Com receio de miasmas e duendes perdeu o Colégio aquela que poderia ter sido a mais confortável de suas sedes).

Objeto particular das comemorações foi o desfile do dia 4. Concentrados na Cinelândia, sob chuva, à tarde, marcharam pela Avenida Rio Branco professores, alunos, antigos estudantes, funcionários, velhos e moços unidos pelo calor do mesmo ninho, na dianteira o Barão de Ramiz Galvão, o médico Pedro Nava, o político Afonso Arinos de Melo Franco, o engenheiro Maurício Joppert, o advogado Prudente de Moraes, neto, o desembargador Vicente Piragibe, o reitor Fernando de Magalhães, o procurador Filadelfo de Azevedo.

Peregrinação sentimental foi a do dia 5, na necrópole da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula, onde se acham os túmulos de Pedro de Araújo Lima e Bernardo Pereira de Vasconcelos, regente e ministro do Império, responsáveis pela criação do Colégio. Muitos outros atos assinalaram o centenário, devendo mencionar-se bailes e competições esportivas. O último deles ocorreu no dia 25, no Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes. Exibiram-se em seu palco alunos ensaiados pelos professores Delgado de Carvalho e Raul Penido Filho e pelo antigo estudante Gilberto Chrokatt de Sá. Dentre as debutantes, salientava-se, garrida, Edília Coelho Garcia, respeitável conselheira federal de educação, no presente.

Ao ensejo das festividades, Gabaglia obteve de Getúlio Vargas o restabelecimento do título de bacharel em Ciências e Letras para os alunos do Colégio, distinção a que pusera fim a República Nova. O grau fora estabelecido em 1843 e permitia o livre ingresso nas escolas superiores. Em 1890 voltou a ser deferido ao Instituto Nacional de Instrução Secundária (a seguir, Ginásio Nacional), nome pelo qual o regime republicano metamorfoseara o Colégio Pedro II. Longânime Gabaglia!

Salvo a generosidade, foi a exuberância o distintivo constante de Gabaglia. Viçoso, temperamental. Gestos fraternos, voz animada, desejo de servir. *Sua imaginária desorganização administrativa era suprida pelo talento político para alcançar os objetivos* (Vandick L. da Nóbrega). Tanta força vital, valores tantos eclipsaram-se nos derradeiros anos de sua existência. Distúrbios circulatórios e outros males, que o levaram até a mesa de operações, acabaram por liquidá-lo. Na vizinhança da morte Gabaglia mostrava-se o oposto da luz solar que por dilatados anos irradiara. Desgostos, amarguras.

Minha última lembrança dele é penosa. Calibã, por instantes, superara Ariel. Um desafeto atingia Gabaglia na pessoa de seu filho que prestava exames no Colégio. Esvurmava-se a criança para esviscerar o pai. Gabaglia, esbanjador de bondade, era imolado ao rancor sinistro. Repetia-se, naquela tarde triste, o sacrifício de Abel à sanha de Caim. Gabaglia, porém, está presente no Colégio. Sua devoção à Casa, o bem que distribuiu prodigamente, seu espírito de coleguismo, a inteligência fulgurante, a pletora cultural também são atributos dos discípulos, admiradores e confrades que o sucederam no magistério e na administração do educandário. A imortalidade ele a alcançou por si e pela seiva que transmitiu.

(1981)

Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Macedo, Professor e Cronista*

Joaquim Manuel de Macedo (Itaboraí, 1820/1882) foi jornalista, político, teatrólogo, poeta, romancista, professor e autor de livros didáticos. Cem anos depois de sua morte, é mencionado quase só como escritor (*A Moreninha*, 1844; *O Moço Loiro*, 1845; *Os Dois Amores*, 1848 etc.). À posteridade não chegaram seus versos, nem seus discursos de deputado liberal, nem suas peças teatrais.

Formado em Medicina, tomou o grau de doutor na presença de D. Pedro II, tendo orado pela turma, em 20 de dezembro de 1844, ano em que vinha à luz seu romance mais apreciado até hoje – *A Moreninha*. Para a tese de formatura escolheu o tema *Considerações sobre a Nostalgia*, 47 pp., impressa na Tipografia Imperial de F. de Paula Brito, 1844. Posta de lado a profissão de médico dedicou-se a ocupações literárias.

Romântico, igual a Bernardo Guimarães e José de Alencar, só este veio a ofuscá-lo já no fim da existência. Porém Alencar admirou-o abertamente desde a juventude. Macedo mereceu a distinção. Durante trinta anos brilhou sozinho nos céus de nossa lite-

ratura, graças ao nativismo ou nacionalismo que lhe impregnava a obra e o manteve atento às *tradições romanescas do passado nacional*, conforme ele próprio assinalou.

Dessa literatura é marca o interesse constante pelo pretérito brasileiro, sua história e costumes, que enfatizou quando se ocupava dos fluminenses ou cariocas. Por isso um de seus maiores estudiosos – Astrojildo Pereira – chamou-o de *atilado cronista*. Tal cronista e folhetinista revela-se admirável nas *Mulheres de Mantilha*, romance histórico, refletor da capital da colônia do século XVIII, n'*Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro* (1862/3) e nas *Memórias da Rua do Ouvidor* (1878). No povo buscou inspiração, reconheceu outro apreciador de sua obra – Manuel Cavalcanti Proença. Macedo é o mais despretencioso e o mais corajoso dos românticos; é muito urbano, muito brasileiro – reiterou Odilo Costa, filho.

Em livro recente dedicado a Macedo e à sua literatura, Douglas Tufano apreendeu, em poucas palavras, a técnica ou maneirismo do escritor. São minuciosas as descrições dos encontros sociais e da ostentação dos ricos por ele empreendidas. Macedo é, essencialmente, o romancista da burguesia ociosa. Prendia a atenção do leitor (estruturação do enredo) empregando linguagem simples e coloquial. Seu realismo era miúdo; fortes, as sátiras político-sociais. Hoje, conclui Tufano, a obra de Macedo interessa-nos *muito mais do ângulo sociológico, como documento do modo de sentir*.

Gilberto Freire, aliás, foi o primeiro a se pronunciar na linha documental, afirmando no prefácio à *Casa Grande & Senzala* (1931/3) que tinha Macedo, ao lado de Machado de Assis, José de Alencar, Raul Pompéia e outros, como fonte de informação de sua obra (romances cheios de sinhazinhas, de iaiás, de mucamas; estudo da vida íntima e moral sexual do Brasil dos tempos da escravidão).

Por assim pensarem muitos de seus exegetas – Macedo *sem preocupação artesanal com a língua* (Cavalcanti Proença); Macedo despretencioso (Odilo); Macedo mais sociólogo do que

romancista (Tufano); por assim pensarem é que parece assistir razão a Antônio Cândido ao registrar-lhe a *modesta imortalidade* desfrutada – modicidade não advertida por José Veríssimo, ao escrever em 1915 que Macedo e Alencar, devido ao sentimento, à língua e à forma poética simples, dispunham de mais leitores do que os romancistas de então, *apesar de não terem por si os reclamos do noticiário camaradeiro e das parcerias de elogio mútuo* (*História da Literatura Brasileira*).

Macedo estreou no jornalismo literário em a *Minerva Brasileira*, publicação cultural lançada no Rio de Janeiro por Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre e Torres Homem, trio que, em 1836, dera à publicidade, em Paris, a *revista brasiliense Niterói*, com o que nascia o romantismo brasileiro. Na *Minerva* (1843/5) colaboraram, entre outros, o crítico Santiago Nunes Ribeiro e o romancista Joaquim Manuel de Macedo, recém-estreado com sucesso. Ulteriormente, ambos iriam integrar o corpo docente do Colégio Pedro II. Todos esses literatos fundaram, mais tarde, um terceiro periódico – *A Guanabara* (1850/5), dirigida por Araújo Porto Alegre, Macedo e Gonçalves Dias, o primeiro e o último, também, professores daquele instituto.

No jornal *A Nação* (1852/4), do Partido Liberal, Macedo redigiu matéria política. Outra modalidade de imprensa exercitou-a, por extenso período, no *Jornal do Comércio*, auferindo proventos materiais para adicionar à remuneração exígua do magistério. Nesse órgão divulgou os folhetins ou reportagens colhidas a pé ou de bonde em passeios dominicais pela urbe. Delas, uma diz respeito ao Colégio Pedro II, cuja história procurou elaborar desde seu alvorecer, na Igreja de São Pedro, por obra de um sacristão-mór esmoler (1739), até a divisão do estabelecimento em Externato e Internato, por decreto do Conselho de Ministros, em 24 de outubro de 1857, indo o Internato instalar-se na chácara do Mata, em prédio ainda hoje existente, na Rua São Francisco Xavier, próximo ao Largo da Segunda Feira.

De sua habilitação para a imprensa escreveu Prudente de Moraes, neto, sob o pseudônimo de Pedro Dantas: Macedo foi

o cronista meticoloso e fidedigno de nossa vida social nos meados do século passado. Jornalista famoso, também ele, Prudente era bacharel em Ciências e Letras do Colégio Pedro II. Como se presentisse as restrições que, hodiernamente, muitos críticos vêm opondo à sua produção, incluídos os folhetins que resultaram em livros, Macedo antecipou-se a eles esclarecendo as razões do seu procedimento. Primeira razão: *para salvar do olvido muitas coisas e muitos fatos cuja lembrança vai desaparecendo*; segunda: não escrevia para eruditos e sábios, mas *com a idéia de aproveitar ao povo* (V. *Um Passeio...* e *Memórias da...*).

A história do Colégio Pedro II redigida por Macedo é boa, no geral. Antes dele ocuparam-se da instituição (Colégio de São Pedro e Colégio de São Joaquim) Baltasar da Silva Lisboa, *Anais do Rio de Janeiro*, 1789; e Monsenhor Pizarro (José de Sousa Azevedo Pizarro de Araújo), *Memórias Históricas do Rio de Janeiro...*, 10 volumes, 1820/1822. Joaquim Manuel de Macedo é o terceiro cronista da Casa, 1863. Seguem-se Moreira de Azevedo, Vieira Fazenda, Eugênio de Barros Raja Gabaglia e Escragnolle Doria. Gabaglia, professor catedrático e diretor do estabelecimento, escreveu à guisa de préambulo ao relatório de sua administração (1913/4), excelente estudo sobre o Colégio, no qual se refere a Macedo com acerbidade; todavia nele se apoia bastante.

De 1739 a 1837, quando se dá a transformação do Seminário dos Pobres Órfãos de São Joaquim em Imperial Colégio Pedro II, a instituição devotou-se a formar padres. Uma centúria quase. Di-lo Macedo e demonstra-o. Eram seminaristas pobres que, em sua maior parte, se destinavam ao sacerdócio. A instrução ministrada reduzia-se a noções de latim, música, piano e canto-chão. Somente após os cem anos iniciais, a partir do que Macedo chama de *reforma* de 2 de dezembro de 1837, é que o educandário passa a ser um sobressalente colégio público de instrução secundária. Pelo cronista é bem assinalado o espírito empreendedor do Regente Pedro de Araújo Lima (Marquês de Olinda) e do Ministro da Justiça e Interino do Império Bernardo Pereira de Vasconcelos, responsáveis pela transformação ou reforma.

Sob D. João, em seguida às informações e parecer do Bispo D. José Caetano da Silva Coutinho (Dec. de 5 de janeiro de 1818), o Seminário de São Joaquim foi extinto. Para a Coroa foram transferidos o edifício e outras dependências. Macedo não contém a indignação ao expor o episódio. Chama-lhe de violência e roubo. Nesse instante desapareceram o arquivo e os títulos e documentos patrimoniais da instituição. A medida saneadora veio com a Regência de D. Pedro, que revogou o confisco, reabriu o Seminário e lhe devolveu o patrimônio. Apesar de outras providências o Seminário, segundo observação do cronista, continuou a oferecer *instrução limitadíssima e a arrastar uma vida difícil*. Macedo, habitualmente cauteloso nas suas exposições e comentários, revoltasse de novo ao se ocupar da criação do Internato, em 1857. Assume a defesa ardente dos órfãos e dos meninos pobres sacrificados em seus interesses pelo ato.

Já consagrado homem de letras, Macedo obtém do Imperador, de cujo grupo íntimo participava, o lugar de lente do Imperial Colégio, onde foi lecionar a disciplina de Geografia e História Antiga, a partir de 7 de abril de 1849, com o ordenado anual de 800\$000 (oitocentos mil réis). Pela mesma época encontrou o poeta Gonçalves Dias a ensinar Latim, no 2º e 3º anos. A primeira turma de bacharéis do Colégio colara grau há pouco mais de um lustro, na presença de D. Pedro, que distribuía prêmios aos melhores alunos. Pelo Colégio falara o professor de Retórica Santiago Nunes Ribeiro, chileno naturalizado brasileiro; pelos formandos fizera-se ouvir Busch Varela, elogiado por Macedo nas páginas da *Minerva Brasiliense*. Terá sido esse, acaso, o primeiro contato do romancista com o educandário, ou sua referência inicial ao estabelecimento.

Disse ainda Macedo:

*A criação e a existência do Colégio de Pedro II é um dos acontecimentos que mais honram aos nossos contemporâneos; é feito que mais deve concorrer para o progresso e orgulho das letras brasileiras.*

Sem dúvida, sua contribuição como professor e autor de livros didáticos por mais de 30 anos de labor é das mais significativas. Ele enriqueceu, ajudou a projetar o Colégio com a glória que o aureolava como literato e com a prestação de suas aulas. Elemento curioso: à turma de 1843, da qual Macedo se ocupou simpaticamente na *Minerva*, pertencia Agostinho Marques Perdigão Malheiro, então com 19 anos, e autor, duas décadas depois, do notável ensaio histórico, jurídico e social que é *A Escravidão no Brasil* (1866, 3 vols.). A terceira parte da obra constitui até hoje – no dizer de Édison Carneiro – o livro básico para a percepção do cativo no Brasil e *um dos marcos principais do pensamento liberal brasileiro, um documento inestimável sobre um dos aspectos mais importantes do período de formação da nacionalidade* (*Diário de Notícias*, 1949).

Um mês antes do ingresso de Macedo no Colégio, o Ministro do Império Visconde de Monte Alegre havia referendado os novos estatutos da Casa: melhor distribuição das matérias de ensino de algumas cátedras, garantia de imparcialidade e retidão no julgamento dos exames, melhoria salarial do professorado (os vencimentos de alguns lentes eram mesquinhos), pontualidade no desempenho das funções docentes etc. O decreto de Monte Alegre dividia a cadeira de História e Geografia, dela desligado o ensino da História do Brasil. A nova disciplina ficou a cargo de Gonçalves Dias, com 2 horas semanais, vencendo a gratificação anual de 200\$000. (O poeta percebia salário mais alto como professor de Latim). As cátedras de Geografia e História couberam ao grego naturalizado João Batista Calógeras e ao fluminense Joaquim Manoel de Macedo.

No ano seguinte, Macedo licenciou-se do cargo, sem vencimentos, para exercer o mandato de deputado na Assembléia Provincial Fluminense (1 de julho de 1850). Mas já em 1851, a partir de março, voltava ao educandário no desempenho de suas atividades normais acrescidas do ensino da História pátria, devido à ausência de Gonçalves Dias, encarregado pelo Governo de visitar algumas províncias à procura de documentos para o Arquivo Pú-

blico do Império, e de verificar o estado da instrução oficial no Norte. Decorridos cerca de dezoito meses (5 de agosto de 1852), o poeta pede exoneração do cargo de *proprietário* (titular) da 2ª Cadeira de Latim, oferecendo-se, porém, para ministrar grátis a disciplina de História do Brasil até o fim do ano letivo. Em 1853, Macedo, que lecionava Geografia e História Moderna, transferiu-se para a cátedra de História do Brasil.

Daí em diante dividiu seu tempo entre o magistério, a deputação e a feitura de livros. Novamente escolhido para representar a Província na Assembléia em 1854, viu-se reconduzido nos anos subseqüentes. Também foi eleito deputado geral nas legislaturas de 1864 a 1868 e de 1878 a 1881. Outra obrigação que cumpriu escrupulosamente foi a de primeiro secretário e orador por dilatados anos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual chegou à presidência interina. Não obstante a execução de tantos encargos, conseguiu ser, no período de 1844 a 1873, por sua operosidade, *o mais lido, o mais espalhado de todos os escritores nacionais* (Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*).

No Imperial Colégio de Pedro II e nas demais casas de ensino faltavam compêndios preparados por brasileiros, segundo nossas conveniências. Quando da criação do Pedro II, o jornalista Justiniano José da Rocha, encarregado do ensino de História, propôs que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro se incumbisse de organizar um livro para vencer a dificuldade em que se achava de ministrar a matéria. Entretanto, o Ministro do Império Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva permitiu a adoção no Colégio do *Resumo de História do Brasil*, de Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde, compêndio baseado na obra de Ferdinand Denis – *Resumé de l'Histoire du Brésil*, de 1825. Sucederam a Justiniano, na ensinância de História Geral, Pátria, Geografia e Cronologia – assim se denominava sua cadeira –, o Cônego Marcelino José da Ribeira Silva Bueno, o saxônio Barão de Planitz, o grego João Batista Calógeraas e, afinal, o romancista Joaquim Manuel de Macedo. De 1841 a 1849, por proposta do Reitor Joaquim Caetano da Silva, a matéria de História do Brasil era lecio-

nada à parte, somente no 7º ano, *como coroamento de toda a História Universal* (Hélio Viana, *História do Brasil*).

Todavia, continuava a faltar o desejado livro didático. E ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de novo, se dirige, em 1855 e 1856, o Diretor do Conselho de Instrução Pública da Corte, o ex-Ministro Eusébio de Queirós Coutinho. *Se digne* – o Instituto – *de guiar o mesmo Conselho na escolha de um compêndio de história do Brasil, que deve ser seguido nas escolas*. Aparece, então, o livro de Macedo – *Lições de História do Brasil*, muito reeditado, *apesar dos protestos contra o seu método depois levantados por uma autoridade como João Capistrano de Abreu* (Hélio Viana, ob. cit.). O livro vinha atender, primordialmente, aos estudantes do Pedro II. Assim o esclarecia o Autor na folha de rosto:

*Lições de História do Brazil / para uzo / dos alumnos do Imperial Collegio / de Pedro Segundo / por / Joaquim Manuel de Macedo / Professor de Chorographia e História do Brazil / no mesmo Collegio / Rio de Janeiro / Typ. Imperial, de J. M. N. Garcia / Rua da Carioca nº 34, 1861.*

À maneira de justificativa Macedo escreveu que

*se fazia sentir a falta de compêndio dessa matéria que fosse escrito e metodizado de harmonia com o sistema de estudos adotado naquele importante estabelecimento. A nós, como professor da Cadeira respectiva, cumpria satisfazer uma tal necessidade.*

Elucida que, na empreitada, valeram-lhe antigas e modernas obras sobre o passado nacional, e mais que muito a "*História Geral do Brasil*" do Sr. Varnhagen. Não havia coisas novas, mas adaptações, etc. A exposição temática é simples e apurada. Antecedendo as lições, há quadros sinóticos bem elaborados. Ausência de gravuras. Quanto aos reparos de Capistrano, falta-lhes o neces-

sário complemento, que seria o livro didático modelar oriundo de sua sabedoria. Porém, Capistrano jamais quis descair das alturas a que se alçara de pesquisador da história pátria.

Professor ele o foi, de 1883 a 1899, no Colégio Pedro II, após conquistar a cátedra de História do Brasil em concurso famoso. Posto em disponibilidade no final do século, e tendo vivido ainda por 28 anos – faleceu em 1927 –, não voltou ao ensino. Não escreveu compêndios nem redigiu uma história nacional completa. Manifestava despreço pelos alunos. Foi medalhão. Era a pessoa menos indicada para protestar. Opinião favorável a Macedo expressou-a o autorizado Carlos de Laet, na *Antologia Nacional: escreveu tratados de Corografia e de História do Brasil muito criticados, mas geralmente copiados pelos que o censuram*. De Laet é ainda este juízo significativo sobre o romancista: *brilhou como pintor dos costumes nacionais*.

Nos impedimentos de Macedo, por motivo de doença ou do exercício legislativo, costumavam substituí-lo jovens educadores, que viriam a notabilizar-se em outras esferas de atividade, como seu conterrâneo, o itaboraiense Salvador Furtado de Mendonça, e o futuro Barão do Rio Branco. Macedo morreu aos 62 anos, na terra natal, após uma vida trabalhosa e já no declínio de seu fastígio criativo. Mais da metade de sua existência se escoara na cátedra do Imperial Colégio de Pedro II, de cujo corpo docente foi um dos *luminares* (Escragnolle Doria, *Memória Histórica*). Um dos elogios mais justos que se lhe fizeram saiu da pena de Rozendo Muniz: *A síntese de sua carreira pode exprimir-se por três palavras: talento, trabalho e probidade*.

Do professor Manuel de Macedo deixou retrato seu antigo aluno, o historiador Vieira Fazenda, que o divulgou na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e depois incluído nas *Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro*. Fazenda recebera aulas de Macedo, no 7<sup>o</sup> e último ano do Colégio Pedro II, em 1865. *Lhano, espirituoso fora do educandário, Macedo, com os estudantes, se mostrava sempre austero. Não permitia aos alunos apreciar a nossa História com um pouco de filosofia. Era repetir o que estava*

no compêndio e nada mais. Mandava os educandos transcreverem fastidiosos mapas no quadro negro. Nesses dias levava a escrever folhetins para a "Revista Popular" ou a rever provas de escritos seus. Joaquim Nabuco foi muitas vezes chamado à ordem quando pretendia fazer considerações sobre a Guerra Holandesa, a Inconfidência Mineira, Pedro I, a dissolução da Constituinte, etc.

Outros livros didáticos preparou Macedo para seus alunos do Imperial Colégio e estudantes de escolas diferentes, v.g., as *Lições de Corografia do Brasil*, as *Lições de História do Brasil* para uso dos estabelecimentos de instrução primária (com 10 edições em vida do Autor e uma completada por Olavo Bilac), a *Efeméride Histórica do Brasil* (1877), as *Mulheres Célebres*, obra adotada pelo Governo Imperial para leitura nas escolas de instrução primária do sexo feminino do Município da Corte (1878). As *Noções de Corografia do Brasil* foram traduzidas para o alemão por F. A. Brockhaus, Leipzig, 1873; para o francês, no mesmo ano, por igual editor, em tradução de José Francisco Halbout; e para o inglês, ainda em 1873, pelo próprio Brockhaus.

Ao cabo desta breve notícia sobre o verdadeiro fundador do romance nacional; do mais popular autor dos nossos autores, pela "Moreninha" e pelo "Fantasma Branco", romance e comédia que fizeram as delícias de uma geração inteira (Machado de Assis, 1893); do mestre que escreveu os primeiros livros de Geografia e História pátrias usados nas escolas brasileiras; do teatrólogo moralizante e nacionalista; e tendo registrado, sem parcialidade, as boas e más impressões por ele suscitadas, ontem como hoje, cabe-nos repetir o que a seu respeito consignou Sílvio Romero: *Pre-ciso é lê-lo com amor, estudá-lo com carinho* (ob. cit.).

(1982)

Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Corinto, Mestre do Manualismo*

Há cem anos (1882), no dia 25 de outubro, nascia no Rio de Janeiro Corinto da Fonseca. Ele viria a ser mestre do manualismo pedagógico e jornalista meritório, atividades que o projetaram em nossa rarefeita constelação pedagógica.

De sua produção considerável, durante meio século de vida, restam impressos alguns folhetos e um livro de grande merecimento, pioneiro no gênero, já clássico – *A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais* (1929).

*Livro profundamente vivido; de quem apenas da experiência concluiu; páginas que não só instruem, mas alentam* –, dele afirmou o Professor Lourenço Filho ao apreciá-lo nesse ano e incluí-lo na Biblioteca de Educação por ele organizada para as Edições Melhoramentos, de São Paulo.

A primeira ocupação de Corinto da Fonseca foi o jornalismo. Aos 17 anos estreou na *Cidade do Rio*, famosa folha dirigida por José do Patrocínio, o *Tigre da Abolição*, e que chegou a ser secretariada por Olavo Bilac. Daí em diante, foi colaborador ou redator

(empregado) de importantes órgãos da imprensa brasileira: *Jornal do Comércio, Gazeta de Notícias, Correio da Manhã, Jornal do Brasil, O Globo, Correio Paulistano, Minas Gerais.*

Conheci Corinto em 1933, na redação de *O Globo*, quando lhe tocou atender a mim e a J. G. de Araújo Jorge, estudantes da Faculdade Nacional de Direito, sediada no bairro do Catete. Fomos àquele jornal, que funcionava no antigo prédio do Liceu de Artes e Ofícios (Largo da Carioca), em frente à Imprensa Nacional, comunicar aos alunos das escolas superiores nossa pretensão de editar, como editamos, uma folha que lhes destinávamos – *Universitas.*

Solícito e compreensivo, entreteve-se Corinto a palestrar com seus incipientes confrades e mandou que o fotógrafo registrasse a visita com a costumeira explosão de magnésio. Era educador consagrado nas duas cátedras: a do ensino e a da imprensa; tratou-nos porém com fidalga igualha, incentivando-nos e crendo em nosso ideal. Tempos extraordinários esses, quando uma notabilidade levava a sério a adolescência sonhadora!...

Dirigia Corinto, por essa altura, a Escola Profissional Souza Aguiar, na Av. Gomes Freire, nela tendo ingressado em 1912. Precedentemente (1906), exercera o magistério no Externato do Colégio Pedro II, regendo a cadeira de Português antes de ali se notabilizarem José Oiticica e Antenor Nascentes. Do Pedro II foi para a Escola Quinze de Novembro. Sua inclinação verdadeira era o ensino profissional. Nele atingiu culminâncias reservadas a poucos.

Nesse domínio, criava em 1913 o ensino da Tecnologia, chegando à fórmula mais avançada do ensino profissional, segundo Lourenço Filho. Durante 7 anos, fez na Escola Souza Aguiar um laboratório de experimentação e de aplicação dos princípios, postulados e doutrinas pedagógicas em voga, abstendo-se de teorizar, pregar e formular.

Sobressai, efetivamente, na pedagogia de Corinto da Fonseca, a sua originalidade, o descompromisso e a abertura para todas as correntes aproveitáveis, sem preferências nem facciosismos. A

um único mestre reconhece em sua especialidade – Omer Buyse, educador belga de justo renome em começo deste século.

Lera e assimilara Corinto alguns dos mais famosos doutrinadores da época – um Bergson, um Claparède, um Ferrière. Nem lhe escapava a milenar sentença de Anaxágoras: *O homem pensa porque tem mãos*. Conhecia também a *Arbeitsschule*, de Kerchensteiner, ou seja: a escola onde se aprende pelo trabalho.

Mas o seu processo era pessoal. Não resultava de nenhuma dessas diretrizes, filosofias ou práticas. Elas apenas coincidiam com ele, reforçando-o. Davam-lhe foros de ciência universal, desnecessários, pois que a eles não aspirava. Satisfaziam ao criador os incontestes êxitos regionais.

Insista-se: Corinto – e isso foi realçado por um educador da estirpe de Lourenço Filho – não copiou fórmulas ou princípios, nem pretendeu criar novas doutrinas. Com o que experimentou *produziu as base de um verdadeiro plano de escola ativa*. (L. Fº, grifo de F. S.). Quando muito, um pouco de Collings e de Decroly, um tanto de Dewey e daquelas sumidades já referidas; porém o cerne de sua obra pertencia-lhe, era original.

Escrevia há meio século o autor da *Introdução ao Estudo da Escola Nova: O ideal pedagógico de hoje é chegar à formação do espírito pela ação, pelo trato vivo das realidades*. A tal anelo vinha se dedicando Corinto, como autodidata, desde o princípio de sua carreira. Sobre o ensino profissional, cedo praticado, escreveu folhetos contendo os exercícios fundamentais da técnica em madeira e empalhação, e os elementos de envernizamento (1916).

Como propagandista do manualismo pedagógico ou escola ativa, contraposta à velha escola estática (o educando ouvia sem atuar), proferiu Corinto conferências em diversos educandários, sendo que somente na Escola Riachuelo fez numa temporada 7 palestras. Foi conferencista da famosa Liga Pedagógica do Ensino Secundário e trabalhou na Escola Venceslau Brás. Para o ensino de Português criou um método grafo-estático ou grafo-dínamo-estático que desembocava na *gramática fisiológica*.

Ignorou Corinto, por ventura, que a exploração inicial dos trabalhos manuais coube ao Colégio Pedro II, ginásio-padrão onde se emplumara para o exercício do magistério. José Veríssimo, diretor do estabelecimento, cuida do assunto na monografia *A Instrução e a Imprensa*, publicada no *Livro do Centenário*. Quando o instituto atendia ainda pelo nome de Colégio dos Órfãos de São Joaquim (1824) tinha em funcionamento oficinas de torneiro, de abridor, de entalhador e outras.

Meu relacionamento com o Professor Corinto da Fonseca estreitou-se em 1940, ao me preparar para o concurso de títulos e provas à recém-criada carreira de Técnico de Educação, do Ministério da Educação e Saúde. Eu elegera os trabalhos manuais como tema da tese a ser defendida no certame. Após assenhorear-me teoricamente da matéria, dela precisava ter conhecimento prático. Meu antigo mestre e insigne educador Francisco Venâncio Filho pôs-me em contato com o diretor da Escola Profissional Souza Aguiar. Ali *realizaria* eu o decantado manualismo ou dele teria idéia correta, pelo menos.


Corinto beirava os 60 anos. De estatura média, tinha o tronco largo e musculoso. Simpático, olhos azuis e sagazes, sorriso fácil e travesso. Vestia ternos de grossa casemira até no verão. Sempre alegre e obsequioso. Falava alto devido à surdez que há muito o vitimara. Invariavelmente carregava uma pasta repleta de jornais, livros, papéis e objetos caseiros. Morava em companhia de sua segunda mulher, D. Emília, numa casa da Vila Rui Barbosa, na Rua da Relação.

Ficamos amigos até sua morte, ocorrida no final da década de 50. Juntos trabalhamos na Rádio Ministério da Educação (PRA-2), eu como Técnico de Educação, cargo obtido por via das provas efetuadas ao seu magnânimo influxo; ele como redator avulso, entusiasta sempre do *manual training*, já por mim então apropriado graças, sobretudo, à leitura das obras de Woodward e Charles Ham.

Profissional outrora, e em larga escala, acabou o ensino de nível médio reduzido à condição profissionalizante no último decê-

nio. A falta de recursos e capacidades não permitiu ao exaltado remédio curar mal nenhum. Enquanto se espera a indispensável emenda – por que não propiciar o manualismo pedagógico? Sua superioridade é atestada por notáveis educadores daqui e de fora. Siga-se o bom caminho desbravado por Corinto da Fonseca, líder da Escola Nova.

(1982)



LADAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Volchan, Paradigma de Servidor*

No dia 7 de janeiro de 1982 faleceu em Belo Horizonte, onde fora em visita natalina a parentes, o Professor Isaac Volchan, nascido em Recife, no ano de 1917. Seu desaparecimento consternou o Colégio Pedro II, do qual foi aluno (Bacharel em Ciências e Letras) e professor. Estava com a saúde abalada, desde quando, cinco anos atrás, se lhe manifestaram distúrbios coronários; a despeito do que não cessou de trabalhar pelo Colégio, embora aposentado, até a véspera de sua morte. Volchan foi enterrado naquela cidade mineira, por decisão própria, ao perceber o mau estado de sua saúde.

Órfão desde cedo, Isaac veio para o Rio de Janeiro, ingressando no antigo Externato do Colégio Pedro II, que frequentou durante seis anos consecutivos. Terminado o curso secundários, passou, de imediato, a exercer funções de magistério na Casa, galgando, no correr dos anos e em virtude de sua capacitação, os cargos de Monitor, Auxiliar de Ensino, Assistente de Ensino, Professor de Ensino Secundário e Professor de Ensino de 1º e 2º Graus. Na órbita administrativa foi assessor de gabinete dos anti-

gos diretores do Externato – Fernando Antônio Raja Gabaglia, George Sumner e Gildásio Amado; e chefe de gabinete dos diretores do antigo Externato – Carlos Potsch e Tito Urbano da Silveira. Por mais de vinte anos coordenou a cadeira de Geografia do educandário.

Isaac foi o primeiro representante dos professores no Conselho de Curadores, por eleição do corpo docente, delegação que exerceu durante dois mandatos consecutivos. De sua autoria foi o plano administrativo e docente, apresentado ao Ministério da Educação e Cultura, para instalação da Unidade Humaitá, ao tempo Seção Sul. Na administração Gildásio Amado, organizou e orientou o Curso Vestibular destinado a intensificar o preparo dos discentes que demandavam as escolas superiores.

Coube-lhe integrar a comissão que coordenou a construção do monumento a Bernardo Pereira de Vasconcelos, elevado em frente à atual Unidade Centro do Colégio (outrora Externato), na confluência da Av. Passos com a Av. Marechal Floriano (antiga Rua Larga de São Joaquim). Sobre o Ministro do Império Bernardo de Vasconcelos, é ainda o editor da publicação oficial que lhe assinalou o centenário de morte.

Da revista *Studia*, órgão do corpo docente do Colégio, foi secretário em sua primeira fase, e membro da comissão diretora na fase atual. Em sua páginas deixou ensaios versando as ciências sociais.

Outras funções exerceu, com relevantes resultados para o ensino, tais a de membro da comissão incumbida de promover a incorporação do antigo Colégio Universitário ao Colégio Pedro II, e a de primeiro Secretário da Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE), cargo aprovado pela antiga Congregação do Colégio, seu mantenedor à época. Um dos últimos serviços prestados ao Colégio por Volchan foi o de colaborar na instalação do novo Museu do educandário, na administração Tito Urbano.

Atividade bastante proveitosa para os alunos da instituição desempenhou-a quando diretores os Professores Gildásio Amado e Clóvis Monteiro. Ao lado dos colegas Antônio Traverso, Fernando

Segismundo, David Penna Aarão Reis, Israel Matos, Nelson Zarur e Emmanuel Leontsinis foi incumbido de orientar as excursões dos alunos a vários pontos do território nacional, entre os quais os estados de São Paulo, de Minas, da Bahia, de Goiás, do Pará, do Amazonas e do Território do Amapá. A parte de Geografia de campo ficava a seu cargo, havendo no Colégio, arquivados, relatórios desses estudos.

Paralela ao magistério, desempenhou por algum tempo, a função de jornalista. Principiou como representante, no ex-Distrito Federal, de um jornal de Santa Catarina, de propriedade do Senador Adolfo Konder. E distinguiu-se na redação de *A Vanguarda*, folha de grande voga na década de 40. Ali redigia desde tópicos sobre educação até artigos de natureza política, outra de suas paixões não suficientemente concretizada. Como jornalista, integrou os quadros da Associação Brasileira de Imprensa, de cujas eleições anuais participava com entusiasmo.

Isaac Volchan foi, também, *sportman* ardente. Primeiro competiu em torneios colegiais, defendendo a bandeira do Pedro II; depois dedicou-se ao futebol, chegando a jogador titular (*center half*) do América F. C.; por último, em companhia do futuro Deputado José Talarico, organizou, sob os auspícios do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, uma entidade estudantil de caráter amador, congregadora das agremiações do gênero, no antigo Distrito Federal. Foi quando o vitimou a poliomielite – logo a ele, viril, atlético, amante do movimento!

Por ocasião da aposentadoria de Volchan, em virtude de doença, em 1980, o Diretor-Geral do Colégio Pedro II, Tito Urbano da Silveira, consignou em Portaria, publicada em *Facta*, os méritos mais ostensivos do querido companheiro obrigado a deixar a Casa que tanto amara ao longo de quarenta e cinco anos de trabalho e dedicação. Escreveu Tito Urbano que uma existência assim, consagrada por inteiro ao estabelecimento, fazia de Isaac Volchan *um exemplo para as novas gerações de alunos e mestres*. É também o pensamento dos seus confrades e admiradores, mormente dos seus amigos de *Studia*.

(1982)

## *Delgado, o Inovador*

Teve fim, na Cidade do Rio de Janeiro, em 1980, aos 96 anos de idade, um mestre das ciências sociais, que inovou o ensino da Geografia, ajudou a disseminar a Geopolítica, redigiu apreciáveis compêndios de História, contribuiu para a fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e exerceu o jornalismo com relativo destaque. Entretanto, morreu esquecido, principalmente do mundo oficial. Viveu demais, talvez – desgraça que atinge muita gente de valor, aqui e em toda parte. Aposentadoria e velhice resultam no inferno do mérito, da operosidade e do civismo.

Referimo-nos a Carlos Miguel Delgado de Carvalho, professor de ensino médio e universitário, autor de livros fundamentais para o conhecimento do Brasil, ao qual representou no estrangeiro em congressos científicos. Um dos poucos intelectuais patricios dotados de formação européia, não como aperfeiçoamento dos estudos regulares, mas desde o início deles – no seu caso por circunstâncias especiais. Delgado nasceu em Paris (1884), filho de Lídia Tourinho e Carlos Dias Delgado de Carvalho – secretário de nossa Legação na França.

Órfão de mãe aos vinte dias de vida, levaram-no para a casa da avó materna, em Londres, aí se criando até os 7 anos, quando o pai, de novo matrimoniado, instalou-o na residência de Montreux, às margens do lago Genebra. Dos onze aos dezoito anos esteve internado no Colégio dos Dominicanos, em Lyon. Concluídos os estudos secundários e porque fosse tempestuoso seu relacionamento com o pai, decidiu sentar praça no Exército francês. Ia frequentar a Escola de Saint-Cyr, na arma de cavalaria, e acaso atingiria o oficialato não o tivesse derrubado o tifo, que quase o matou.

O pai, monarquista obstinado, queria encaminhar o filho segundo suas idiossincrasias, e chegou a lhe falar mal do País que destronara um Imperador magnânimo para implantar o execrável regime republicano. Por ele, pai, o filho jamais viveria no Brasil, sequer o conheceria. Ficasse na Europa. Segue, então, Delgado para Paris, a fim de cursar a *École Libre des Sciences Politiques* (1905-1906). Entrementes, escrevia sobre política internacional para jornais franceses e suíços. Estreou cedo no magistério, também, lecionando no Colégio Campitet (Suíça) a disciplina de História Moderna (1904).

Devendo apresentar tese de doutoramento, Delgado preferiu um assunto brasileiro, e quis conhecer sua Pátria. Chega ao Rio de Janeiro no dia 13 de agosto de 1906. Contava vinte e dois anos. Nessa mesma data é apresentado a Maria Vera Roxo, irmã de um seu amigo, e pede-lhe a mão, com ela vindo a casar-se em janeiro de 1908. Antes, voltou a Paris para defender tese. Versava a pesquisa *Un Centre Economique au Brésil – L'État de Minas*, e acabou editada em 1910. Formado, foi a Lausanne visitar o pai inflexível. Recepção fria. Acabou deserdado por motivo da viagem ao Brasil.

Retorna então à capital da República e, para subsistir, faz-se redator de política internacional do *Jornal do Comércio*. Delgado escrevia na língua francesa que, junto com a inglesa, era um de seus idiomas naturais. Também sabia alemão e grego, menos o português, que veio a aprender no Brasil. Seus artigos eram vertidos para o idioma nacional e só aí publicados. Dessarte, dava cur-

so ao pendor que lhe valera um acréscimo à mesada, na Europa. Pela vida fora, Delgado iria exercitar o periodismo. Muitas vezes, com ou sem assinatura, escreveu para *O Jornal*, de Assis Chateaubriand. E – curioso – sua despedida do magistério deu-se entre jovens aspirantes à profissão de comunicador, no Curso de Jornalismo da antiga Faculdade Nacional de Filosofia (1954-1960).

Fatos interessantes ocorreram na carreira magisterial de Delgado. A matéria mestrada durante muitos anos, e que lhe valeu a consagração de *Pai da Geografia Brasileira Moderna*, ele não demonstrara conhecê-la pelo processo do concurso público, tal como se exigia à época. Escrevera, é certo, em 1910 e 1913, dois livros que o projetaram: *Lé Brésil Méridional* e, já em vernáculo, a *Geografia do Brasil*. Mas a disciplina cuja cátedra pleiteou no Colégio Pedro II, e obteve mediante provas (1920), foi o Inglês, com a tese *Esboço Histórico, Origem e Formação da Língua Inglesa*. Versatili-dade ou gosto momentâneo? A cátedra de Geografia do ginásio-padrão tinha como ocupante um jovem que a conquistara em brilhante concurso, fazia dois anos: Fernando Antonio Raja Gabaglia.

O segundo caso estranho que assinalou a trajetória de Delgado diz respeito à História, largamente lecionada por ele na antiga Universidade do Distrito Federal (mais tarde UERJ) e na ex-Universidade do Brasil, ao depois UFRJ. Nessas instituições foi catedrático de História Contemporânea (1936) e de História Moderna e Contemporânea (1939), respectivamente. Porém, não se submeteu ao concurso comprobatório de sapiência – como de costume é exigido entre nós – quantas vezes só para constar! De tal sorte Delgado se afeiçoou ao novo mister que, para seus cursos, produziu dois volumes, a seguir completados com os tomos de História Antiga e História Medieval.

No Colégio Pedro II, Delgado não aqueceu a cátedra de Inglês. Trocou-a pela de Sociologia, para a qual se transferiu, sendo, entre nós, talvez, o primeiro professor dessa matéria em aulas re-

gulares\*. Ainda desta feita sem a submissão a provas específicas, efetuadas, entretanto, para a conquista de igual cadeira na antiga Escola Normal da Municipalidade do Rio de Janeiro, hoje Instituto de Educação. Anteriormente às experiências no Pedro II, Delgado professara na Escola de Altos Estudos mantida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1916), e logo após a obtenção da cátedra de Inglês foi designado conferencista das Escolas de Intendência do Ministério da Guerra. Dessas palestras resultaram os livros de *Geografia Econômica da América do Sul e Fisiografia do Brasil*. Professor, em 1959, do Instituto Rio Branco (preparação para a Diplomacia), produziu Delgado a *História Diplomática do Brasil* – assunto a que faltam bons compêndios, se excetuarmos os de Pedro Calmon e Hélio Viana.

Duas experiências como administrador couberam a Delgado de Carvalho: a direção do Serviço Pluviométrico (1921), quando lhe competiu organizar o trabalho de estatística e coleta de dados físico-econômicos do Polígono das Secas, com a elaboração de 56 mapas do Nordeste; e a direção do Colégio Pedro II, por curto prazo, a partir do movimento de 1930, cargo por ele transmitido ao seu colega Henrique Dodsworth, por falta de gosto para fruí-lo ou devido a pressões do corpo docente do educandário. Modificou Delgado a rotina do Colégio, com desprazer de alguns elementos influentes. Assim, instituiu o uso obrigatório do guarda-pó branco para funcionários e professores em serviço; afastou os inspetores de alunos, devendo estes se auto-governarem; recomendou o emprego dos testes como processo aferidor da aprendizagem; e fortaleceu os grêmios estudantis como ante-salas dos futuros prélios democráticos.

No setor administrativo salientou-se, ainda, ao projetar, com Teixeira de Freitas, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão dos mais presentes já criados entre nós, responsável pelos censos periódicos e por publicações de alto nível. Delgado

(\*) No Ginásio de Petrópolis, criado em 1900 pelo Governo do Estado do Rio (Presidência de Alberto Torres), houve uma cadeira de Moral e Sociologia, confiada ao Professor Lupércio Happe. Ignora-se como funcionou e como repercutiu no meio educativo. *Apud* Barbosa Lima Sobrinho, *Presença de Alberto Torres*, p. 198. (Nota de 1984). Pela mesma época em que Delgado lecionava Sociologia no Colégio Pedro II, Gilberto Freire ocupou a mesma cadeira na Escola Normal de Recife, Pernambuco (1928). (Nota de 1985).

voltaria a ocupar-se do IBGE, após sua aposentadoria dos cargos oficiais, aos 70 anos. Ali ia constantemente, e correu por esse estabelecimento a edição do seu *Atlas de Relações Internacionais* (1960).

Delgado legou-nos grande cópia de livros de Geografia e História. Alguns superados pelo tempo, todavia pioneiros, a exemplo da *Metodologia do Ensino Geográfico*, da *Geografia do Distrito Federal*, da *História da Cidade do Rio de Janeiro* e da *Météorologie du Brésil*, elaborada em Londres, durante a I Guerra Mundial. Sua obra principal, nos domínios de Martonne e Réclus, é a *Geografia do Brasil*, divulgada em 1913 e cuja última edição completa (a 9ª), parece, data de 1938. É nesse último trabalho que Delgado consigna sua oposição às divisões convencionais da Geografia em físico-administrativas, substituindo-as pela noção de regiões naturais, ou unidades geográficas, ou ainda meios geográficos, ditados pela natureza, sem a interferência do homem, das tradições históricas ou as conveniências políticas. Em síntese: devia o ensino da Geografia do Brasil fundar-se nas regiões naturais, isto é, através das feições topográficas, das condições climatológicas, dos recursos, das circunstâncias de vida e de trabalho. *A região natural*, rematava Delgado, *é a base da divisão geográfica nacional*.

De Oliveira Lima – tal como Delgado instruído fora de sua terra – mereceu a *Geografia do Brasil* juízo glorificador:

*Pela abundância das fontes, pela segurança das informações, pela boa ordem das notas, pelo amor com que foi feito, o tratado, manual ou mesmo compêndio que seja intitulado, impõe-se à consideração dos estudiosos como o de orientação mais recente, o mais completo e o mais proveitoso de quantos se têm feito entre nós sobre a matéria. Nenhum o excede em valor científico e poucos o igualam em amenidade de exposição.* (1913).

No campo da História produziu Delgado, também, alguns livros valiosos que, infelizmente, com o seu passamento, deixarão de ser recomendados aos estudantes. (Quem hoje lê Calógeras, João Ribeiro ou Jônatas Serrano?) Por sugestão de Anísio Teixeira iniciou Delgado, na década de 50, a redação de sua *História Geral*, dividida nas quatro partes tradicionais: Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Os volumes das duas primeiras foram publicados pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação e Cultura. As outras partes e a reedição das iniciais tiveram sua circulação confiada à Distribuidora Record. As últimas o Autor completou com a *História Documental*.

Sem se considerar historiador, mas estudioso da matéria, Delgado de Carvalho tinha erudição e lucidez bastantes para compor, como compôs, obras que nada ficam a dever às similares estrangeiras. As objeções que se lhes levantam traduzem, antes, elogios: contêm informações demasiadas e são escritas com apurado gosto, ou seja, sem a indigência gramatical e os ademanes demagógicos tão em voga. Ao elaborar seus trabalhos, tinha o Autor em mira *informar* os docentes do curso secundário. Daí que os volumes consagrados à História Antiga e à História Medieval, referidos, conteriam antes *sugestões* do que, propriamente, a explanação dos temas ou unidades. E por isso integravam a Coleção Guias de Ensino e Livros de Texto do INEP (1956). Da perceptibilidade do mestre para o ofício diz o seguinte tópico da *História Antiga*: *A "interpretação econômica" é indispensável base sobre a qual repousam a vida social, os interesses materiais, as tendências políticas e as ideologias dos Estados.*

Delgado conhecia bem o presente e enxergava o futuro com limpidez. Aos 75 anos, e depois de ensinar Geopolítica a oficiais superiores das Forças Armadas, dos quais viriam a distinguir-se o Marechal Castelo Branco e o General Golbery do Couto e Silva, escrevia (1959): *O presente deve ser esclarecido pelo passado. As questões sociais e as lutas ideológicas são hoje preocupações de 1ª grandeza. Recomendava ao professorado que sempre alimentasse as idéias gerais, selecionando o indispensável do supérfluo ou secundário.*

Entendia que o ensino da História devia deseuropeizar-se, isto é, encarar a América, a África e a Ásia, palcos de sucessos levantíssimos na marcha da humanidade. Via nos fastos europeus e, de um modo geral, ocidentais, o crepúsculo de uma civilização que já durara séculos e se esgotava. Sem hipocrisia afirmava que *a paz pelo terror dos superarmamentos é preferível à paz do passado, é mais segura e duradoura* do que a estipulada em tratados que levam à guerra. Ironizava as *lições da História* e preconizava a interpretação filosófica da disciplina à luz da Geografia, da Sociologia e da Cronologia. Sugeriu não só a justaposição como a integração da Geografia e da História no curso secundário – aparente heresia.

Em Delgado de Carvalho, o amor ao estudo e a aplicação ao ensino redundaram em idéia fixa. *Metódico e perseverante*, escreveu até os 93 anos. Dotado de senso de humor e fumando cachimbo, apreciava repetir a máxima napoleônica: *Só os imbecis não mudam!* Houve época em que evitava o cumprimento de mão por preceito higiênico. Até o fim da vida atrapalhava-se com o poliglotismo: ao faltar-lhe a palavra exata em português, supria-a com o sinônimo em francês, inglês ou alemão. Difícil conversar com ele sem se estar alerta. Aconselhava a preservação dos topônimos e era contrário ao ensino das nomenclaturas mnemotécnicas. Sua divisão do território nacional em regiões naturais prevaleceu graças ao IBGE. Espírito conservador, não obstante, estava aberto ao novo e à mudança. E serviu ao Brasil com obsessão.

(1982)

LADAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Educaçōes vêm o Halley*

Sobre o cometa de Halley, ora a se aproximar da Terra, há literatura desde o século XVI, quando ele ainda não era conhecido pelo nome de seu atento estudioso – o astrônomo inglês Edmund Halley (1656/1742), que o observou em 1682 e lhe anunciou o retorno para 1758/9. Visto em 1607 e examinado por Halley, voltou efetivamente a ser espiado – como predissera aquele matemático – em 1835 e 1910, já então melhor avaliado graças aos trabalhos do francês Alexis Clairant.

De origem grega, a palavra cometa entrou no latim e chegou ao português, mantendo-se invariável há séculos. No passado era havida como do gênero feminino. Em *Julio César*, Shakespeare diz, pela boca de Calpúrnia, que, ao morrerem os mendigos, não se vêm cometas, “mas os céus se inflamam quando morrem os príncipes”.

Após mais de 76 anos de órbita em torno do Sol – a Terra gasta 365 dias –, eis que o Halley se avizinha velozmente do nosso planeta, ante a curiosidade geral, mas nenhum temor. Já apreciado,

deslumbrará ainda uma vez e acabará por desaparecer dos nossos olhos para retornar em 2065 e a cada 76 anos seguintes.

Como ele há milhões de astros percorrendo os sem-fins do Universo em expansão. Mas quem nos atrai é ele. Recordaremos tão encantado visitante por intermédio de dois educadores que, na infância, se fascinaram com a sua aparição. Esses meninos viram a luz no mesmo céu fluminense, estudaram no mesmo Colégio, exerceram o magistério, praticaram o jornalismo e se tornaram apreciados escritores. Chamam-se Júlio César Mello e Souza e Jayme de Barros. Este, aos 85 anos, voltará a apreciar o Halley, de perto; o outro, já falecido, estaria hoje com 90 anos.

A quem desejar saber como a imprensa carioca se ocupou do Halley, em 1910, será de grande utilidade o livro do astrônomo Rogério Mourão – *O Rastro do Cometa*, recém-publicado.

Júlio César Mello e Souza, que adotaria como literato o pseudônimo de Malba Tahan, nasceu no Rio de Janeiro em 1895, passou a infância em Queluz – terra de seus antepassados – e freqüentou na antiga capital da República os colégios Militar e Pedro II (Internato, em São Cristóvão). Com ele, mais três irmãos estudaram nesse estabelecimento, sendo que, exceto um, todos vieram a exercer ali o magistério com relevo.

Engenheiro, não praticou a profissão, dedicando-se, antes, à carreira de professor que cumpriu nos três graus: primário, secundário e superior. Orgulhava-se muito de haver lecionado primeiras letras, talvez por influência ou em homenagem à mãe, que mantinha em casa uma escola primária onde seus filhos se prepararam para os estudos de nível médio.

Fora o Colégio Pedro II, Júlio César ou Malba Tahan ensinou Matemática na Escola Normal (Instituto de Educação), na Escola Nacional de Belas Artes e na Escola Nacional de Arquitetura. Destas, foi professor titular. Também praticou o jornalismo profissional e literário, tendo sido conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa.

Autor de mais de cem obras – romances, novelas, livros didáticos e recreativos –, muitas delas continuam a ser lidas cinquenta

anos depois de publicadas, notadamente *O Homem que Calculava*, *Céu de Alá e Lendas do Céu e da Terra*.

É nas suas memórias que vem narrada a observação por ele feita do cometa Halley ao tempo de ginásiano, em 1910. Contava, então, 14 anos, cursava a 2ª série e era campeão de gude, exímio na pelota, bom jogador de xadrez e filatelista.

Madrugada de 17 de maio de 1910. Malba Tahan e outros internos dormiam enrodilhados em cobertores. Eis quando é suavemente acordado pelo diretor do educandário, o Dr. Araújo Lima, professor de Geografia da sua turma. Sempre de colete branco, pincenez com aros de ouro e pequeno bigode, era o Dr. Araújo Lima reputado médico no bairro de São Cristóvão.

Noite alta estava ele em casa com a família, a espreitar o cometa, quando se lembrou de alguns alunos que, de ordinário, não saíam do Colégio e não tinham quem lhes explicasse o acontecimento ou lhes proporcionasse a visão dele. De longe, a pé, de uma rua ladeiranta e mal iluminada, o Diretor, embrulhado num sobretudo, dirigiu-se para o Colégio.

Eram 3h30min, “pleno rolar da madrugada”, “frio anavalhante” – escreveria meio século depois Malba Tahan em seu livro de lembranças: *Acordaram-me de Madrugada*. De sua cama de ferro, cobertor vermelho às costas, lá se foi o estudante atrás do Dr. Araújo Lima pelos corredores silenciosos do Internato. Afinal, debruçou-se numa das janelas que davam para o Campo de São Cristóvão, àquela hora envolto em névoa e sossego.

Lá estava o Campo tão apetecido das paradas militares e dos desfiles de bandas. – Olhe para o alto, alertou-o o Diretor. Foi então que o adolescente viu, maravilhado, imensa no céu, uma luminosidade que ocupava o espaço de ponta a ponta.

“Espetáculo espantoso, inacreditável, capaz de romper todos os diques da alma.” Quedou-se a observar o fenômeno por longo tempo até que, ofuscado pelo sol, o Halley desapareceu do céu carioca. “O Amazonas luminoso” ( ) “continuava, certamente, sua jornada, numa elipse gigantesca de setenta e seis anos e cinco meses, pelas estrada do Infinito, escravo do Desti-

no Imutável de Deus e da tão precária Mecânica Celeste dos homens”.

Outro educador a descrever o Halley e também bacharel em ciência e letras do Colégio Pedro II é o Embaixador Jayme de Barros. Nascido em Campos (1901) fez as primeiras letras em casa, com sua irmã Maria Amélia. Frequentou depois as escolas de D. Blandina, que não castigava os alunos, de D. Lucy, severa – ambas, sucessivamente, mulheres do farmacêutico Póvoa, – e de D. Adail Viana, “de olhos terrivelmente azuis, palmeira imperial”, que usava a palmatória e a vara “para domesticar alunos rebeldes”.

Graças aos ensinamentos das três mestras, pôde vencer com facilidade o exame de admissão ao famoso instituto. Concluídos o curso secundário e o de Direto, entrou Jayme de Barros a trabalhar na imprensa, fixando-se nos *Diários Associados*. Foi diretor da Agência Meridional e redator-chefe do *Diário da Noite*.

Para a cadeia de Assis Chateaubriand escreveu numerosos artigos de crítica literária, depois reunidos no volume *Espelho dos Livros*. Desempenhou outros cargos e funções: inspetor federal de ensino, membro da Associação Brasileira de Educação, diretor de casas educativas e deputado estadual.

Ligado a altas figuras surgidas com o movimento revolucionário de 30 – Gustavo Capanema, Oswaldo Aranha, Francisco Campos – acabou ingressando na carreira diplomática, por ato do Presidente Getúlio Vargas. Aposentado há algum tempo no cargo de Embaixador, vem de publicar *Chão da Vida* (memórias), pela editora Léo Christiano, – cerca de 600 páginas abarcando oitenta anos de uma vida que não é só dele, acentua, mas dos seus antepassados, dos seus pais, da família, dos mortos, da cidade, de uma época, de um tempo; vida, que “é um ato de heroísmo”, e, “às vezes, de fraqueza”.

Tinha ele 9 anos de idade e morava numa fazenda em Campos. Ouvia dizer, com insistência, que o mundo ia acabar. Acerca-se da Terra o cometa de Halley e as pessoas interrompiam o sono para verem o astro ameaçador. Menos ele e alguns familia-

res. Cria o menino que a Terra “era indestrutível, inabalável” e deixava-se dormir.

“Chegava, afinal, a noite em que o cometa passaria mais próximo da Terra e, depois, desapareceria no Universo. Não poderia, apesar de minha quase inexplicável indiferença pelo fenômeno, deixar de observá-lo nessa última oportunidade. Acordei na hora certa e quando abri uma das janelas da frente de nossa casa, fiquei estarecido de espanto. Muito baixo, em toda a extensão da linha do horizonte, via-se enorme faixa luminosa, imprevista e assustadora, cortando, quase junto ao solo, enorme espaço azul do céu. Na ponta, uma espécie de estrela e depois a cauda imensa, dourada, do cometa. Difícil fugir ao susto e à emoção. Estava realmente perto demais da Terra e parecia que iria mesmo tocá-la. Logo me recompus ante a beleza nunca vista do espetáculo. Readquiri a confiança e a certeza de que nada aconteceria e que a fabulosa imagem pouco a pouco se dissiparia. O mais estranho é que parecia inteiramente parado, tão imperceptível era sua trajetória diante do espectador mudo de espanto. Mas, na verdade, movia-se e a Terra também. Pouco a pouco, à medida que o dia se anunciava, o fantástico e maravilhoso caminhante do espaço foi desaparecendo e o azul do céu ressurgiu, límpido, em toda sua plenitude. Passara o cometa e o susto”.

(1986)

LADAH

Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *No Centenário de Antenor Nascentes*

Comemorou-se em junho de 1986 o centenário de nascimento de Antenor Nascentes, cuja vida foi consagrada exclusivamente ao magistério. Por mais de sessenta anos lecionou espanhol e português no Colégio Pedro II e lingüística na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É autor de livros didáticos inovadores e de valiosos dicionários etimológicos que, sozinho, escreveu ao longo de quarenta anos. Em dia com variadas matérias, proferiu conferências e redigiu artigos para jornais e revistas versando o Direito, o teatro, a carreira professoral, os heróis lendários, o turismo, a história, vultos literários, a tradução e muito mais assuntos que expunha com absoluto domínio e agrado.

Num país que produziu gramáticos, filólogos, romanistas e lingüistas do porte de Said Ali, Sousa da Silveira, José Oiticica, João Ribeiro, Fausto Barreto, Silva Ramos, Pacheco Junior, Carlos de Laet e Clóvis Monteiro, sobressai Antenor Nascentes como um dos maiores mestres da língua, tanto mais singular se considerarmos a humildade do seu nascimento, seu autodidatismo e o ex-

tremo rigor profissional que inúmeros embaraços lhe causou pela existência tora.

A seu respeito há as biografias intelectuais de Zdenek Hampl e Celso Cunha, – este, discípulo, é hoje, um dos nomes aclamados da lingüística portuguesa, autor de gramáticas e de estudos sobre o português medieval. Eu próprio, nos últimos quinze anos, tenho me ocupado de Antenor Nascentes em orações de paraninfo e trabalhos divulgados na imprensa. Porém, isto e a biobibliografia carinhosa que Antonio Houaiss lhe dedicou, sob anonimato, na passagem do seu 80º aniversário natalício, lembrando-lhe a importância na didática do português, na pesquisa dialectológica e na erudição filológica, é muitíssimo pouco à vista do que lhe deve a cultura brasileira.

Em face do centenário omitiram-se os meios de comunicação. Estranheza ou escândalo maior: o silêncio das instituições ligadas ao culto da língua, o desinteresse das universidades e a ausência da Academia Brasileira de Letras, para a qual Nascentes elaborou grandioso dicionário e que o rejeitou quando às suas portas foi bater na ilusão da imortalidade que seus livros e aulas já lhe haviam assegurado. Excetua-se o Colégio Pedro II que promoveu a celebração de missa e a inauguração de uma sala com o nome dele na Unidade Centro (antigo Externato).

Algumas contribuições de Nascentes ao ensino do idioma merecem ressaltar, pela precocidade do seu enunciado e pelo vigor com que foram defendidas. A uniformização e simplificação da nossa nomenclatura gramatical, ordenada por fim em 1958, e a cujo grupo responsável ele presidiu, era-lhe idéia fixa da mocidade, amiudadas vezes expressa em debates e entrevistas. Data de 1921 a tentativa dele e de Júlio Nogueira em estabelecê-la. Sempre se manifestou contra o purismo lingüístico. Antiga frase sua em aulas e ensaios: “A língua não pertence aos gramáticos, é do povo”. Mordaz, acrescenta: “O que não está nos clássicos está errado; a língua perdeu o direito de transformar-se” (*Estudos Filológicos*).

Adversário da “língua brasileira”, – excesso nativista a expungir. A língua, ou era portuguesa, ou vernácula, ou idioma nacional, ou português da América, – segundo proposta de Clóvis Monteiro. À enaltecida colocação dos pronomes pessoais no caso oblíquo, considerou “assunto de irritante bizantinice” (1939). Desde a década de 30 bateu-se pela criação de institutos de filologia e gabinetes de fonética experimental nos principais educandários, lamentando a pioneira iniciativa frustra de José Oiticica em 1927. Era dos raros mestres a praticar excursões no estudo da geografia lingüística (década de 20). Numa delas verificou a inexistência de um suposto “sub-dialeto sertanejo”, por ele apontado em 1922. Nesta, como em outras atividades, trabalhou a expensas próprias, sem apoio oficial.

Reservado, a poucos Nascentes permitia aproximação. Afirmativo em seu mister, não costumava expandir-se a respeito de política, religião, autoridades e questões públicas. Desagradava-lhe opinar, pelo pudor de revelar-se e por aborrecer controvérsias. Tinham-no à conta de secarrão, abstêmio da palavra como do fumo. Jamais cogitou de escrever suas memórias. Todavia, em dois momentos de sua existência esse homem supostamente casmurro, tímido ou orgulhoso deixou extravasar a alma. Legou-nos um retrato multifacetado, cheio de reminiscências, amoroso da terra e da gente cariocas, e gratíssimo aos bacharéis que o foram tirar do retraimento para a glorificação popular.

Deu-se o episódio em 1938. Exercia Nascentes há vinte anos o magistério no Colégio Pedro II, com aplicação e rigidez. Uma queixa fazia aos íntimos: não fora nunca escolhido paraninfo; doía-lhe a desconsideração dos alunos. Até que nesse ano os bacharelados se mostraram generosos, elegendo-o patrono. Brindou-os Nascentes com um discurso escrito e lido por ele mesmo perante o diretor da Casa e as famílias dos estudantes, – ele que tinha patente “ojeriza aos discursos”.

Mas que fluência! Quantas confissões! Parecia-lhe um sonho estar apadrinhando uma turma do seu “amado colégio”. Muito cedo, desde que lhe fora dada a honra de participar do corpo docen-

te, vira logo, por causa da diretriz que seguira, a impossibilidade de se cogitar do seu nome para uma investidura desta ordem. E evocou o Pedro II, ou Ginásio Nacional, quando lá estudou, de 1897 a 1904. “Era uma escola de rigor; seus professores na maioria timbravam em ser severos”. Depois de descrever a rua de S. Joaquim, os bondes puxados a burros, o casarão colonial do Colégio, o salão de honra, o sino que marcava o começo e o fim dos trabalhos, a repulsa moral à cola, os diretores, os mestres – “cujas normas ditavam o rigor, a seriedade a disciplina, o bom exemplo, o esforço” (Fausto Barreto, Vicente de Souza, Raja Gabaglia, Frontin, o barão de Ramiz, Said Ali, Almeida Lisboa, Nerval de Gouveia) – contou como, ao atingir a condição de professor, entendeu de retornar à antiga tradição, ler pela cartilha da austeridade. “De 1919 até esta data (1938) por outra não tenho lido”.

Desse comportamento adveio-lhe “longa série de dissabores”, de “tropeços”. Ninguém indagava dos fundamentos de sua severidade. Longe dele o “sadismo pedagógico”. Era inflexível por amor aos usos da casa onde se educara. “A severidade é uma condição de apuro”. “Sem a tortura da têmpera, o ferro não se transformaria no rígido aço”. Foi duro por necessidade e a contra-gosto. “Se não puder ser estimado no cumprimento do meu dever, que não seja; não deixarei de cumpri-lo, não altero a minha norma”.

Expandem-se em alegria, alardeando a espontaneidade da sua escolha. Desvanecia-o em tudo o fato de não ter mudado uma linha de sua atuação para conseguir tal honra. E até o final do discurso prossegue enaltecendo o “amado colégio” e alertando os bacharéis para a necessidade do estudo, da auto-confiança e do amor à Pátria.

O segundo momento extraordinário na vida magisterial de Antenor Nascentes ocorreu em 1952, por ocasião do recebimento do título de professor emérito do Colégio Pedro II, que uma só pessoa possuía então: o Ministro Hahnemann Guimarães. Havia sete anos que Nascentes se aposentara, após quarenta e dois de bons serviços prestados ao País. Gozava o “dom inestimável da li-

vre disposição do tempo”. Acordava cedo, ocupava-se com plantas, exercitava-se ao violino e lia os clássicos. Sentia-se feliz. Se lhe perguntassem se queria retomar o magistério, responderia: não.

Recorda o caminho vencido. Entrara para o Colégio em 1897, sem fazer o exame de admissão. Fora habilitado nas provas finais da escola primária dirigida pela professora D. Amélia Fernandes da Costa, que o apreciava a ponto de custear-lhe os estudos. Realizou-se o exame na Escola Benjamin Constant, na antiga Praça Onze. Durou quase uma hora para cada candidato, interrogado sobre português, geografia, história do Brasil e aritmética. Obteve a nota máxima, assegurada a matrícula gratuita no Ginásio Nacional. Seis anos de estudos instruíram-no tanto que alcançou o primeiro lugar em dois concursos, um para praticante dos Correios, outro para oficial da Secretaria da Justiça. Fixou-se neste e entrou a estudar Direito, grátis, pela excepcional aptidão revelada no curso secundário. Funcionava a Faculdade de Ciências Jurídicas, pela qual optara, no Colégio Pedro II, passando mais cinco anos entre as “veneráveis paredes”.

Despertado o desejo para integrar o corpo docente da Casa, principiou a estudar grego e espanhol, disciplina esta que terminou por obter em concurso, no primeiro lugar. Lecionou a cadeira seis anos. Optativa, não exigindo exame, deixavam os alunos de aplicar-se. Desdobrada a cátedra de português, preferiu-a e para ela se transferiu em 1927. Já vinha publicando a série *O Idioma Nacional* (1926/28), com larga aceitação. Aos murmuradores de sua transferência para português sem concurso, respondeu com a publicação do *Dicionário Etimológico* (1932). Anteriormente dera à estampa o *Método Prático de Análise Lógica* (1920) e o *Linguajar Carioca* (1922), início – acrescento eu – de seu precioso tributo à dialectologia.

Ao completar bodas de prata com o Pedro II (1944), achou conveniente retirar-se. Contava quarenta e um anos de serviço público. Ainda possuía voz enérgica, o cérebro não fraquejava, e aos sessenta e cinco anos elaborara a segunda parte do *Dicionário*

(nomes próprios). Mas o coração debilitara-se. Alfinetadas, desencantos, contrariedades resultantes do magistério acabaram por trazer-lhe desilusões. "Quando se chega a tal estado, é melhor abandonar tudo". Comparando-se a um padre ateu que dissesse missa, deixou o cargo. Permitiu-se o pleno gozo do ócio com dignidade.

Por felicidade, já não vivia quando um Ministro da Educação do período autoritário, satisfazendo presunçosos professores, estendeu a todos titulares que se jubilassem a condecoração de eméritos, – sábios ex-offício, mediante portaria...

## *Índice Remissivo*

Aarão Reis - 88

David Pena - 123

Abel - 105

Abreu, Capistrano de - 4, 90, 94, 113, 114

*Acordaram-me de Madrugada* - 133

Accióli, Roberto - 91

Agostinho de Hipona - 90

Albertini - 92

Alcântara, D. Pedro de (V. Pedro II) - 69

Alencar, José de - 51, 106, 107

Alves, João Luis - 7

Alves, Rodrigues - 7, 80

Amado, Gildásio - 15, 21, 122

Amaral - 94, 95

Ana, D. - 91

*Anais do Rio de Janeiro* - 109

*Anarquismo (O) e a Ciência Moderna* - 79

Anaxágoras - 118  
Andrada, Antônio Carlos Ribeiro de - 87, 102, 112  
Andrada e Silva, José Bonifácio - 16, 17  
Andrade, Francisco de Paula Freire de - 17  
Anemúria, Bispo de (V. Arrábida) - 66  
*Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro* - 114  
*Antologia Nacional* - 113  
Aquino, João Pedro de - 69  
Aranha, Oswaldo - 134  
Araújo, Carlos Brasil de - 46  
Araújo Jorge, J. G. - 46, 89, 117  
Araújo Lima, Pedro de - 66, 105, 109  
Araújo, Murilo - 103  
Arfwedson - 17  
Ariel - 105  
Aristarco, (Argolo de Ramos) - 24, 25  
Arrábida, Frei Antônio de - 66  
Arrhenius, Svante - 15  
Assis, Machado de - 52, 107, 115  
Assunção, Roberto - 90  
*Ateneu, O* - 24, 44  
*Atlas das Relações Internacionais* - 128  
Azevedo, Fernando de - 101  
Azevedo, Filadelfo de Barros - 4, 91, 102, 104  
Azevedo, Moreira de - 109

Bach - 83  
Bacon - 15  
Bandeira, Manuel - 75  
Barata Ribeiro, Bento - 7  
Barbosa Lima Sobrinho, Alexandre - 127  
Barreto, Fausto - 74, 136, 139  
Barbosa, Rui - 70 71  
Barreto, Mário - 7

Barros, Jayme de - 132, 134  
    Maria Amélia - 134  
Bellegarde, Henrique Luís de Niemeyer - 112  
Bergson - 118  
Bernardes, Artur - 80  
Berr, Henri - 40  
Beviláqua - 94  
Bilac, Olavo - 115, 116  
Blandina - 134  
Bloch, Pedro - 46  
Bolster Jr., Arthur S. - 40  
Borba, Osório - 84  
Borges, Abílio César - 69  
Braga, Francisco - 7  
Bragança, D. Pedro de Orléans e - 103  
Branca Fialho, 101  
Brandão, Otávio - 79  
Branner, 94  
Braudel, Fernand - 40  
Brício Filho - 44  
Brito, Farias - 4, 7  
Brokhaus, F. A. - 115  
Brown, W. Burlie - 41  
Bulhões, Francisca - 81  
Buyse, Omer - 118  
  
Caetano da Silva, Joaquim - 94, 112  
Caim - 105  
Caldeira, João da Silveira - 17  
Calibã - 105  
Calmon, Pedro - 127  
Calógeras, João Batista - 4, 111, 112, 129  
Calpúrnia - 131  
Camões, Luís Vás de - 52, 53  
Campos, Francisco (Ministro) - 71, 134

- Cândido, Antônio (Melo e Souza) - 108  
Cantão, Carlos Marie - 92  
Capanema, Gustavo - 103, 123, 134  
Cardoso e Brignoli - 40  
Cardoso, Ernani - 102  
Carneiro, Édison - 111  
Carneiro, Levi - 84  
Carneiro, Orlando - 90  
Carvalho, Carlos Dias - 124  
    Carlos Miguel Delgado de - 42, 89, 92, 104, 124, 125,  
    126, 128, 129, 130  
    Lídia Tourinho - 124  
Carvalho, Ronald de - 54  
*Casa Grande & Senzala* - 107  
Castelo Branco - 129  
Cazal, Aires de - 90, 94  
*Céu de Alá* - 132  
Chagas, Valmir - 70  
*Chão de Vida* - 134  
Chateaubriand, Assis - 126, 134  
Christiano, Léo - 134  
Chrokatt de Sá, Gilberto - 104  
Clairant, Alexis - 131  
Claparède - 118  
Coelho Neto - 46, 82, 100  
Colégio Pedro II - 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19,  
23, 24, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37  
39, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 54, 57, 58, 59,  
65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 78, 81, 82,  
83, 85, 86, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99,  
100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111,  
112, 114, 115, 117, 119, 121, 122, 123, 126, 127,  
132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140  
*Colégio (O) Pedro II e sua Tradição* - 6  
*Colégio Pedro II Integrado na Lei 5.692/71* - 34

Collings - 118  
*Como se Ensina História* - 40  
Conant, James Bryant - 71  
*Considerações sobre a Nostalgia* - 106  
Constant, Benjamin - 70  
*Contre l'esprit de spécialité* - 65  
Correia, Rivadávia - 7  
Correia, Sampaio - 7  
Correia, Viriato - 84  
Costa, Amélia Fernandes da - 140  
Costa filho, Odilo - 107  
Costa, Otávio - 104  
Coudreau - 94  
Coutinho, D. Rodrigo de Souza - 17  
Coutinho, Euzébio de Queirós - 113  
Coutinho, José Caetano da Silva (Bispo D.) - 110  
Couto e Silva, General Golbery - 89, 129  
Cristina, D. Teresa - 103  
Cristo - 76  
Cunha, Celso - 137  
Cunha, Euclides da - 4, 7, 90, 94, 96  
Cunha, Haroldo Lisboa da - 92, 99  
Curie - 15  
Curzon - 94  
  
Dalton - 15  
Dantas, Pedro (V. Prudente de Moraes, neto) - 108  
Decroly - 31, 118  
Deffontaines, Pierre - 92  
*De la Connaissance Historique* - 40  
Demócrito - 15  
Dénis, Ferdinand - 112  
Dewey - 40, 118  
Dézert & Bréhier - 40  
Dias, Ministro Álvaro - 2

*Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* - 77, 140

Dodsworth, Henrique - 102, 127

*Do Jardim à Universidade* - 1

*Dois Amores, Os* - 106

Doria, Escragnolle - 45, 65, 100, 109, 114

*Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos, A* - 83

Duque Estrada, Osório - 81

*Educação Brasileira: o Ensino de 1º e 2º Graus* - 70

*Educação para a Democracia* - 37

*El Correo de la UNESCO* - 41

*Efeméride Histórica do Brasil* - 115

Elia, Sílvio - 89

Emília, D. - 119

*Ensaio Brasileiro* - 17

*Ensino de História (O) - Conselhos e Sugestões* - 41

*Era Tecnológica e a Educação, A* - 27

*Escola Ativa e os Trabalhos Manuais, A* - 116

*Escravidão no Brasil* - 111

*Espelho dos Livros* - 134

Êsquilo - 58

*Estudo das Línguas Sul-Americanas (Do Método no)* - 82

*Estudos Filológicos (1ª série)* - 76, 137

*Estudos de Fonologia* - 82

Falcão, Ildefonso - 79

Febvre, Lucien - 64

Ferreira, Alexandre Rodrigues - 16

Ferrière - 118

Figueiredo, Guilherme - 90

Figueiredo, João (Presidente) - 66

*Fisiografia do Brasil* - 127

Fonseca, Corinto da - 116, 118, 119, 120

*Fonte Perene* - 83

*Formação das Fronteiras do Brasil* - 86

- Franca, Leonel - 81  
France, Anatole - 28  
Freire, Gilberto - 107, 127  
Freire, Gomes (Governador) - 65  
Freitas, Teixeira de - 127  
Fróis, Arlindo - 15, 16, 47  
Frontin, Paulo de - 4, 139
- Galvão, Ramiz - 104, 139  
Garcia, Edília Coelho - 104  
Garcia, J. M. N. - 113  
Gastão, D. Pedro - 103  
*Geografia do Brasil* - 126, 128  
*Geografia do Distrito Federal* - 128  
*Geografia Econômica da América do Sul* - 127
- Goethe - 56  
Gomes, Perilo - 81  
Gonçalves Dias - 4, 108, 110, 111  
Gouvêa, Ruth - 22  
Gouveia, Nerval de - 15, 139  
Grieco, Agripino - 101  
    Donatelo - 90  
Grócio, Hugo - 90, 94  
Guadalupe, Bispo Frei D. Antônio de - 7, 24, 65  
Guedes, Libânio - 83  
Guimarães, Bernardo - 106  
Guimarães, Hahnemann - 139  
Guimarães, Luís Pinheiro - 15
- Halbout, José Francisco - 115  
Halley, Cometa de - 133, 134  
    Edmund - 131  
Ham, Charles - 119  
Hampl, Zdenek - 137  
Happe, Lupércio - 127

Hauser - 92  
Hemming, James - 42  
Herodes - 57  
Hesse, Herman - 55  
Hill, C. Peter - 41  
*História da Cidade do Rio de Janeiro* - 128  
*História Diplomática do Brasil* - 127  
*História da Literatura Brasileira* - 108, 112  
*Histoire e Sciences Sociales* - 40  
*História*, 3 volumes (abordagens, objetivos e problemas) - 40  
*História Documental* - 129  
*História do Brasil* - 113  
*História Geral* - 129  
*História Geral – I e II* - 40  
Hoff, J. H. Van't - 18  
Hopkins - 42  
Houaiss, Antonio - 137  
Humboldt - 94  
*Idioma Nacional (O)* - 75, 140  
*Inocência* - 45  
*Instrução e a Imprensa, A* - 119  
*Introdução ao Estudo da Escola Nova* - 118  
*Introdução Metodológica aos Estudos Sociais* - 42  
Isariotes - 57  
João, D. - 66, 110  
João Vermelho - 83  
João XXIII, Papa - 26, 27  
Joppert, Maurício - 104  
Jucá Filho, Cândido - 81, 83  
*Júlio César* - 131  
Kahn, Fritz - 19  
Kelly, Celso - 102  
    Eduardo Prado - 100

- Kerchensteiner - 118  
Kilpatrick, William H. - 13  
Konder, Adolfo (Senador) - 123  
Kropótkin - 79  
Krumm, Heller - 83
- Lacerda, Carlos - 90  
Laet, Carlos de - 74, 82, 113, 136  
Lafaiete - 94  
Lambert - 92  
La Rochefoucauld - 83  
Lavoisier - 15  
Law, William - 55  
Leal, Carlos Galdino - 100  
Léduc - 92  
*Le Brésil Méridional* - 126  
Le Goff & Nora - 40  
Leitão da Cunha, Ambrósio - 45  
*Leituras Geográficas* - 89  
Leme, Pascoal - 101  
*Lendas do Céu e da Terra* - 132  
Leontsinis, Emanuel - 123  
Lessa, Gibson - 46  
Leuenroth, Edgard - 79  
*Lições de Corografia do Brasil* - 115  
*Lições de História do Brasil* - 113, 115  
Liebig, Justus von - 18  
Lima Barreto - 79  
Lima, Alceu Amoroso - 11  
Lima, Araújo (regente) - 7, 133  
Lima, Oliveira - 128  
*Linguajar Carioca* - 140  
Linhares, Conde de (V. Coutinho, D. Rodrigo de Souza) - 17  
Linhares, José - 91  
Lins, Álvaro - 45

Lisboa, Almeida - 139  
 Lisboa, Baltasar da Silva - 109  
*Livro do Centenário, O* - 119  
 Lodi, Euvaldo - 102  
 Lourenço Filho - M. Bergström - 40, 100, 101, 102, 116, 117, 118  
 Louzada, Júlio - 46  
 Lúcio, 95  
 Lucy - 134  
 Ludwig, Rubem (Ministro) - 29, 30, 66  
*Lusíadas (Os)* - 51, 52, 53  
 Lydinéa Gasman & James Fonseca - 40

Mac-Dowell, Monsenhor - 73  
 Macedo, Joaquim Manoel de - 4, 45, 106, 108, 110, 111, 112, 113,  
 114, 115

Maciel, José Álvares - 17  
 Magalhães, Basílio de - 94  
 Magalhães, Domingos José Gonçalves de - 4, 108  
 Magalhães, Fernando de - 103, 104  
 Malaparte, Curzio - 56  
 Malheiro, Agostinho Marques Perdigão - 111  
*Manual de Análise* - 73, 82  
*Manual de Estilo* - 73, 82  
 Marrou, Henri-Irinée - 40  
 Martonne, De - 94, 128  
 Mata - 108  
 Matos, Israel - 123  
 Matos, Melo - 100  
 Matos Peixoto, Almir Câmara de - 76  
 Mauro, Rizeiro - 94  
 Maximiliano, Carlos (Ministro da Justiça) - 82  
 Meireles, Cecília - 52  
 Melo Franco, Afonso Arinos de - 7, 104  
 Melo e Sousa, J. B. de - 47, 83  
 Júlio Cesar de - 83, 102, 132

*Memória (História do Colégio Pedro II)* - 100, 114  
*Memórias Históricas do Rio de Janeiro* - 109  
*Memórias da Rua do Ouvidor* - 107, 109  
Mendonça, Salvador Furtado de - 114  
Menezes, Oliveira - 15  
*Météorologie du Brésil* - 128  
*Metodologia do Ensino Geográfico* - 128  
*Métodos da História (Os)* - 40  
*Método Prático de Análise Lógica* - 140  
Miguel, D. - 66  
Miranda, Pontes de - 81  
*Moço Loiro, O* - 106  
Monte Alegre, Visconde de - 111  
Monteiro, Clóvis - 67, 92, 100, 122, 136, 137  
Morais, Evaristo de - 81  
Montebello, Jara - 89  
                  Joaquim - 89  
Moreira, Delfim - 80  
*Moreninha, A* - 106  
Morrison, Henry - 38  
Mourão, Rogério - 132  
*Mulheres Célebres* - 115  
*Mulheres de Mantilha* - 107  
Muniz, Rozendo - 114  
Murici, Andrade - 81  
Museu Nacional - 17  
Mussolini - 98  
  
Nabuco, Joaquim - 90, 91, 115  
Nascentes, Antenor - 47, 48, 75, 76, 77, 117, 136, 137, 138, 139  
Nava, Pedro - 45, 104  
Neto, Coelho - 4, 7  
Neves, Roberto das - 82  
Nóbrega, Vandick L. da - 2, 6, 8, 26, 105  
Nogueira, Júlio - 137

*Novo Dicionário Popular da Língua Portuguesa (Prosódico e Ortográfico) - 82*

*Ode ao Sol - 83*

*O Homem que Calculava - 133*

*Oiticica, Francisco de Paula Leite e - 78*

José - 45, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 101,  
117, 136, 138

*O Rastro do Cometa - 132*

*Orientação Educacional - 21*

*Pacheco Júnior - 136*

*Pasquali, Sérgio Mário - 29*

*Passarinho, Jarbas (Ministro) - 51, 68*

*Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro, Um - 107, 109*

*Pasteur, Instituto (P.) de Paris - 18*

Louis - 17

*Patrocínio, José do - 116*

*Paula Brito, F. de - 106*

*Paulas, Irmãs - 97*

*Pauling, Linus - 19*

*Peçanha, Nilo - 7*

*Pederneiras, Raul - 45, 90*

*Pedro I - 66, 110*

*Pedro II, Imperador D. - 17, 103, 104, 106, 110*

*Pedro Ernesto - 92*

*Penido Filho, Raul - 104*

*Pereira, Astrojildo - 79, 80, 81, 107*

*Pereira, Lafaiete - 104*

*Pereira, M. L. de Souza - 21, 22, 23*

*Pereira, Otacílio - 92, 95, 96*

*Pessoa, Epitácio - 80*

*Pessoa, Fernando - 52*

*Pilatos - 57*

*Pimentel, Aureliano Correa Pereira - 45*

*Piragibe, Vicente - 104*

Pirro - 69  
 Pizarro, Monsenhor (José de Souza Azevedo Pizarro de Araujo) - 109  
 Planitz, Barão de - 112  
 Plínio - 28  
 Pompéia, Raul - 7, 24, 44, 107  
 Pontes, Elói - 79  
 Porto Alegre, Manoel de Araújo - 4, 108  
 Potsch, Carlos - 6, 8, 122  
 Póvoa - 134  
*Presença de Alberto Torres* - 127  
*Princípios e Fins do Programa Comunista-Anarquista* - 83  
 Proença, Manuel Cavalcanti - 107  
*Programa Heterodoxo de Português nas Escolas, Um* - 82  
 Prudente de Moraes, neto - 45, 104, 108, 109  
  
 Queirós, Eça de - 52  
  
 Racine - 83  
 Rademaker, Almirante Augusto - 2  
 Raja Gabaglia, Alaíde Fortes - 91  
     Edgard - 90  
     E. de B. - 24, 88, 109  
     F. A. - 2, 47, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94,  
         95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105,  
         122, 126, 139  
     João Capistrano - 87, 89, 94  
 Ramos, Silva - 4, 136  
 Ratzel - 94  
*Recreação* - 22  
 Réclus - 94, 128  
 Reis, Otelo - 88  
 Reissig, Luís - 27  
*Resumé de l'Histoire du Brésil* - 112  
*Resumo de História do Brasil* - 112

*Retirada da Laguna (A)* - 45  
Rheinboldt, Heinrich - 19  
Ribeiro, João - 4, 93, 100, 129, 136  
    Joaquim - 83  
Ribeiro, Santiago Nunes - 108, 110  
Rio Branco, Barão do - 4, 90, 94, 114  
Ritter - 94  
Rocha, Justiniano José da - 4, 45, 112  
Rodrigues, José Honório - 42  
Romero, Nelson - 100  
    Sílvio - 4, 45, 112, 115  
Romey, William - 71  
Roquete Pinto, E - 17, 100, 101  
*Roteiros em Fonética Fisiológica, Técnica do Verso e Dicção* - 76,  
82  
Roxo, Maria Vera - 125  
Ruellan - 92

Sacramento, Frei Leandro do - 17  
Said Ali, M. - 74, 136, 139  
Saldanha, João - 90  
São Paulo, Aldemir - 89  
    J. De Lamare - 91  
Savigny - 94  
Schmidt, M. J. - 21, 22, 23  
Segadas Viana, Hugo - 91, 94  
Segismundo, Fernando - 122, 123  
Serpa, Adriana Fidalgo - 92  
Serrano, Jônatas - 40, 47, 101, 129  
Serrão, Frei Custódio Alves - 17  
Séve, Miguel - 88  
Shakespeare - 131  
Silva Bueno, Cônego Marcelino José da Ribeira - 112  
Silveira, Fernando da - 102  
Silveira, Souza da - 136

- Silveira, Tasso da - 81  
Silveira, Tito Urbano da - 2, 3, 66, 122, 123  
Silvestre, Honório - 88  
Soares, Teixeira - 93  
*Sonetos* - 83  
Souza Filho, Antônio de Albuquerque - 29, 30  
Spinelli, Vincenzo - 99  
Souza, Vicente de - 139  
Stephen, J. - 59  
Strauss - 83  
Sumner, George - 122  
Süssekind de Mendonça, Edgard - 101
- Talarico, José - 123  
Taunay, Visconde de - 45  
Tautphoeus, Barão de - 4, 69, 90  
Tahan, Malba - 132, 133  
Teixeira, Aloísio Maria - 90  
Teixeira, Anísio - 37, 92, 100, 101, 102, 129  
*Teoria da História do Brasil* - 43  
*The Democratic Process* - 42  
*The Teaching of Social Studies* - 42  
Tiradentes - 49  
Tomás Neto, João - 87, 88, 94, 95  
Torres, Alberto - 127  
Torres Homm - 108  
Toynbee, Arnold - 57  
*Trabalhos Manuais no Currículo Secundário* - 2, 81  
Traherne, Thomas - 55  
Tranjan, Alfredo - 90  
Traverso, Antônio - 91, 92, 122  
Tufano, Douglas - 107, 108
- Un Centre Economique au Brésil – l'État de Minas* - 125

Varela, Busch - 110  
Vargas, Alzira - 90  
    Getúlio - 4, 12, 80, 87, 90, 103, 105, 134  
Valverde, Orlando - 92  
Vallaux - 94  
Varnhagen - 94, 113  
Vasconcelos, Bernardo Pereira de - 6, 7, 13, 18, 59, 66, 70, 104,  
109, 122  
Vasconcelos, Pe. José de - 33  
Venâncio Filho, Francisco - 96, 101, 102, 119  
Veríssimo, José - 4, 7, 12, 45, 108, 119  
Viana - Adail - 134  
Viana, Antônio Ferreira - 69  
Viana, Hélio - 93, 113, 127  
Vieira, Afrânio - 46  
Vieira Fazenda - 109, 114  
Vieira, Padre - 14  
Volchan, Isaac - 46, 91, 94, 95, 121, 123  
  
Washington Luís - 7, 80  
Woodward - 119  
  
Zarur, Alziro - 46  
    Jorge - 92  
    Nelson - 94, 123

Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

## *Títulos e Atividades do Autor*

- Bacharel em Ciências e Letras do Colégio Pedro II.
- Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade Nacional de Direito da UFRJ, antiga Universidade do Brasil.
- Ex-funcionário da Imprensa Nacional, do Ministério da Justiça.
- Ex-Professor da Deutsch Schule zu Rio de Janeiro, do Colégio Santo Antônio Zacaria e do Colégio Cruzeiro.
- Ex-Técnico de Educação do Ministério da Educação e Cultura.
- Ex-Professor da Campanha de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Secundário (CADES), do MEC.
- Professor do Colégio Pedro II (Geografia, História, OSPB)
- Membro do Conselho de Curadores do Colégio Pedro II.
- Chefe do Departamento de História do Colégio Pedro II.
- Professor titular da Faculdade de Humanidades Pedro II (História Moderna, História Contemporânea).
- Ex-Professor do Curso de Capacitação Jornalística do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro (4 anos – História Econômica e Política).
- Ex-Presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)
- Conselheiro, Diretor e Sócio Benemérito da ABI.
- Membro da Federação Iberoamericana de Associações de Periodistas (FIAP).
- Da Comissão de Redação das publicações *Studia* (Colégio Pedro II) e *Omnia* (FAHUPE).
- Membro do Conselho Fiscal do *Jornal de Letras*.
- Redator da página de livros do *Boletim ABI*, órgão oficial da Associação Brasileira de Imprensa.
- Ex-Diretor-Secretário da Associação Brasileira de Escritores (ABDE). (Presidência de Graciliano Ramos).
- Titular da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro.
- Titular da Academia Brasileira de Jornalismo.
- Diretor-Procurador da Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA).
- Presidente de honra da Ordem dos Velhos Jornalistas.
- Aluno Eminente do Colégio Pedro II.

## *Obras do Autor*

TRABALHOS MANUAIS NO CURRÍCULO SECUNDÁRIO  
Edição do Colégio Pedro II. 1939.

CASTRO ALVES EXPLICADO AO POVO  
Editora Letícia. 1947.

HISTÓRIA POPULAR DA REVOLUÇÃO PRAIEIRA  
Editorial Vitória. 1949.

IMPRENSA E DEMOCRACIA  
Editora Conquista. 1952.

DIDÁTICA ESPECIAL DE HISTÓRIA (co-autoria)  
Edição da CADES/MEC. 1959. 2ª edição, 1961.

IMPRENSA BRASILEIRA (Vultos e Problemas)  
Editora Alba. 1962.

DO JARDIM À UNIVERSIDADE  
Editora Fundo de Cultura. 1967.

JOÃO FRANCISCO LISBOA, HISTORIADOR  
Edição do Colégio Pedro II. 1983.

LADAH  
Laboratório de Digitalização  
do Acervo Histórico

# Títulos e Atividades do Autor

- Bacharel em Ciências e Letras do Colégio Pedro II.
- Bacharel em Direito da UFRJ antiga Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Ex-funcionário da Imprensa Nacional do Brasil.
- Ex-Professor de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Colégio Pedro II.
- Ex-Professor de Educação do Ministério da Educação e do Conselho Nacional de Educação.
- Ex-Professor de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Colégio Pedro II.
- Professor do Colégio Pedro II (1950-1955).

ESTE LIVRO FOI PRODUZIDO NAS OFICINAS DA  
UNIGRAF - EDITORA E PLANEJAMENTO LTDA.  
EM NOVEMBRO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA E SETE.

É O PRIMEIRO DE UM PROGRAMA EDITORIAL,  
PROMOVIDO POR ESTA EDITORA,  
EM COMEMORAÇÃO AO SESQUICENTENÁRIO  
DA FUNDAÇÃO DO COLÉGIO PEDRO II.



DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA

**unigraf**  
editora  
e planejamento Ltda

Rua Marechal Aguiar, 72 - São Cristóvão  
CEP 20920 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil  
Telefone (021) 284-0303 PABX

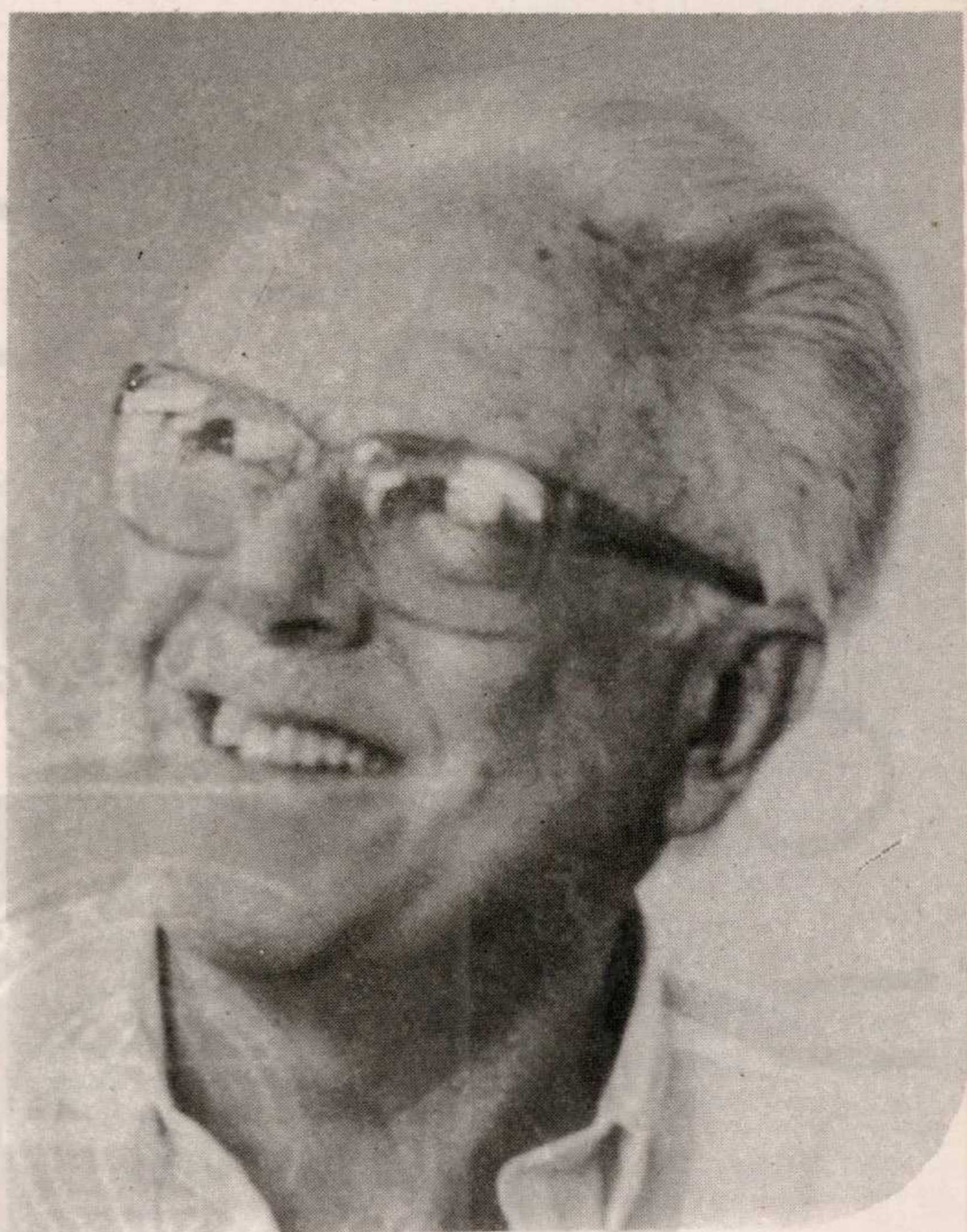
*Estes e outros fatores são aqui lucidamente tratados, a exemplo da orientação educacional, da entrosagem familiar com a escola, das inovações pedagógicas introduzidas (tests, auto-governo do alunado, educação ativa, vindicações do magistério, clubes esportivos, livros didáticos) e das biografias de alguns luminares do ensino brasileiro, como Joaquim Manoel de Macedo, Antenor Nascentes, F. A. Raja Gabaglia, José Oiticica, Delgado de Carvalho. O ensino da História e da Química, o choque entre a tradição e a modernidade, a trajetória de alunos como Rodrigues Alves, Washington Luís e Joaquim Nabuco, e de professores como Capistrano de Abreu, Sílvio Romero, José Veríssimo, Manoel Bandeira e Álvaro Lins são outros tantos aspectos versados na obra. De ressaltar é o relevo dado ao ex-Presidente João Figueiredo e ao ex-Ministro Rubem Ludwig pelas atenções com que assistiram ao Colégio, nem sempre contemplado devidamente pelos governantes. Quem conhece e aprecia as obras dos irmãos Melo e Sousa — João Batista e Júlio César (Malba Tahan) —, de Pedro Nava, Afonso Arinos de Melo Franco e Prudente de Moraes, neto, a respeito do Colégio Pedro II, agradecer-se-á, também, do trabalho elaborado por Fernando Segismundo, vice-presidente da Associação que congrega os antigos alunos do estabelecimento.*

## O Autor

Fernando Segismundo, além de exercer o magistério de grau médio e superior há meio século, foi jornalista por mais de 40 anos consecutivos.

Nos últimos decênios tem ocupado os mais elevados cargos na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), incluída a presidência.

De sua atuação à frente da Casa do Jornalista há dois depoimentos consagradores:



“Segismundo dinamizou nossas atividades culturais e prestou-nos inestimável concurso com a sua alta capacidade de planejar e realizar iniciativas, a par de seu conhecimento profundo da Casa, pois foi dos colaboradores diretos e diletos do grande Moses”.

*Danton Jobim  
Senador e Presidente da ABI*

“E talvez só houvesse concordado definitivamente em disputar a presidência da ABI quando apelei para que Fernando Segismundo viesse colaborar conosco e ele concordou, num gesto que o dignifica e enobrece, aceitando um posto que oferece maiores perspectivas à sua inteligência e ao seu nunca desmentido amor a esta Casa de Jornalistas”.

*Barbosa Lima Sobrinho  
Presidente da ABI e membro  
da Academia Brasileira de Letras*